Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23270 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUINTA-FEIRA 28 JUNHO 90 70$00

Sampaio mete travões ao caos urbanístico

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa apresentou aos vereadores uma proposta de directiva urbanística, cujo objectivo é disciplinar o caos em que a cidade tem vivido em matéria de construção de edifícios. Ela constitui um desafio a técnicos, universitários construtores e investidores imobiliários que, juntamente com o município, terão de contribuir para fazer de Lisboa a moderna capital atântica e europeia de que falava o programa da coligação «Por Lisboa».

O desafio está lançado, a partir do momento em que Jorge Sampaio decidiu consultar, antes da proposta ser discutida e votada pela vereação, os técnicos, através das associações de arquitectos, de engenheiros e urbanistas; as Universidades, através das faculdades de engenharia e arquitectura; e os orgãos representativos de investidores e construtores.

Esta directiva quase se limita a impor, simplificando, o Regulamento Geral de Urbanização, ao tornar mais explícitos os princípios que defendem a zona histórica, combatendo as demolições, a zona intermédia, pondo aí limites à altura e volumetria dos prédios, e a zona de novas urbanizações, onde se impõem regras de ocupação de solo que permitam um mínimo de qualidade urbanística.

A directiva define também normas para evitar a desertificação humana de Lisboa, pondo alguns limites à expansão do comércio e dos escritórios, o cumprimento de espaços de estacionamento automóvel e a defesa da qualidade da arquitectura.

Págs. 2 e 3

EDITORIAL

Sombras chinesas

À sua chegada a Lisboa, segunda-feira, o Governador de Macau dava à sua visita uma aparência de total normalidade, explicando que o que o trazia era o informar as autoridades da República sobre o quadro de relacionamento com a China, à luz das últimas posições da CEE. É certo que referiu «acontecimentos dos últimos dois meses, nessa área, que exigem reflexão» e «pequenos sintomas que o preocupam» - mas não é menos certo que ninguém poderia interpretar essas frases soltas como sinais de uma qualquer pressão chinesa a que houvesse que reagir.

Mais: na mesma altura, descartava como secundários dois factos que agitavam os meios políticos de Lisboa e Macau, e se referiam, ambos, à possibilidade de tais pressões - as alterações ao discurso de Dias Loureiro e a demissão do secretário-adjunto para os Assuntos de Justiça, Magalhães e Silva. Dois casos que tinham, como toque comum, uma crítica mais ou menos velada ao Governador por falta de firmeza face à China.

De que o acusavam os que se prendiam aos cortes do discurso de Dias Loureiro? De recuar, não apenas na defesa dos direitos humanos, como na da questão de Timor, e na assumpção da História portuguesa - mesmo se é evidente o mau gosto de escolher, como símbolo dessa História, Ferreira do Amaral...

De que o acusavam as fontes próximas do secretário-adjunto? De não ter reagido (quem não se sente...) às críticas públicas do vice-director do Gabinete de Hong-Kong e Macau, Lou Ping, à tradução chinesa do título do Estatuto Orgânico de Macau, à sua exigência de que as autoridades chinesas fossem ouvidas sobre a venda de património imobiliário da Administração de Macau e sobre participações financeiras no território, e a pressão constante em relação à presença, no território de uma agência de Taipé (apresentada na

Diana Andringa

continua na pág.4

Reuter

Nicarágua

Adeus às armas

Terminou a guerra civil na Nicarágua, que durante dez anos provocou 50 mil mortos.

Numa cerimónia (a que a foto se reporta) realizada a 250 quilómetros da capital nicaraguense, o comandante Franklin, dos «contras», entregou a suas armas à Presidente Violeta Chamorro, gesto que foi secundado pelos últimos 120 guerrilheiros que ainda resistiam às autoridades de Manágua.

Presente ao acto, o cardeal nicaraguense Miguel Obando y Bravo, que desempenhou um papel activo na mediação do processo de paz.

Pág. 12

União Política Europeia: depressa ou devagar?

Inquérito/DL com depoimentos de Carlos Carvalhas (PCP), Carlos Lilaia (PRD), Freitas do Amaral (CDS), João Cravinho (PS) e Pacheco Pereira (PSD)

As novas instituições que se desenham, o ritmo da integração e as concessões no capítulo da soberania são três dos aspectos abordados pelos responsáveis políticos portugueses inquiridos pelo **DL** sobre os rumos da União Política Europeia, assunto na ordem do dia dentro dos países que integram a CEE.

Pág. 5

DL

Joaquim Mestre fala ao DL sobre o PS e as eleições
Págs. 6 e 7

Carris: greves a partir de 2.ª feira
Pág. 13

Trânsito nas Avenidas Novas volta a mudar em Agosto
Pág. 13

Doentes mentais derrubam o muro
Págs. 16 e 17

Leste/Oeste: diálogo menos blindado
Pág. 11

Aí, Valente: um português no Irlanda-Itália
Pág. 25

Almeida Faria parte a louça
Pág. 21

Hoje: Suplemento Literário

PORTE PAGO

Enquanto não há um novo Plano Director, enquanto se espera pelos tão necessários planos de pormenor que defendam velhas zonas ou projectem a modernidade das novas, Jorge Sampaio propõe normas que, entretanto, permitam minimamente pôr um travão no caos urbanístico. Marcelo Rebelo de Sousa diz que quer mais

Restaurar e humanizar Lisboa um desafio da Câmara e à Câmara

A anarquia urbanística deu este resultado na Av. da República

A proposta de directiva urbanística que o presidente da Câmara Municipal de Lisboa distribuiu ontem à vereação constitui um instrumento jurídico com o qual a coligação governante do munícipio pretende inaugurar uma época de restauração do tecido urbano e de humanização da capital, um tecido urbano ferido pela destruição e pelo desarranjo, uma desumanização caracterizada pela expulsão da habitação substituída por escritórios. Constitui, por isso, um desafio da câmara a todos os agentes que intervêem na cidade, e também um desafio à coragem política da administração municipal para fazer cumprir os regulamentos.

A proposta será submetida a consulta pública rápida, dada a necessidade urgente de não deixar degradar mais a cidade, pela qual serão pedidos pareceres a associações representativas dos arquitectos, dos urbanistas, dos engenheiros, dos construtores, dos empresários do investimento imobiliário, das cooperativas de habitação e das faculdades de engenharia e de arquitectura.

O preâmbulo do diploma explicita alguns dos objectivos desta iniciativa da presidência do município lisboeta. Aí se manifesta a preocupação de «encorajar a conservação e recuperação dos edifícios existentes nas zonas históricas da Cidade, anulando as expectativas de aumento de área edificável através da demolição.»

Aí se fala também da necessidade de não deixar descaracterizar os bairros lisboetas do séc. XIX e da primeira metade deste século, o seu ambiente urbano, nomeadamente fazendo cumprir cérceas e alinhamentos, evitando a densificação e atenuando a falta de estacionamento e de espaços públicos livres.

Jorge Sampaio já afirmara que com esta normativa «quero que todos saibam, com um mapa na cidade na mão, o que se pode construir, onde e como».

Na entrevista que concedeu ao DL, Sampaio já explicara que era necessário pôr termo ao desrespeito pelos regulamentos e ser firme na sua aplicação para acabar com o caos urbanístico e dizia: « o que temos estado a fazer é um trabalho de preparação para desencadear o que considero as operações estruturantes na cidade que permitam o mínimo de controlo sobre o desenvolvimento urbanístico.»

A normativa, que agora vai ser posta à discussão pública, não revoluciona nada, nem traz nada de novo, limita-se a repor a odem legal que andou afastada da administração municipal nos últimos anos. Isso mesmo nos diz Fonseca Ferreira, director do gabinete de Planeamento Estratégico da CML: «O nosso objectivo foi sistematizar as regras de gestão urbanísticas, dispersas por centenas de despachos, torná-las legais, interpretar o Regulamento do Plano Geral de Urbanização de Lisboa, que já tem 25 anos, preencher lacunas e deixar tudo bem claro para todos os investidores e agentes da construção. Queremos assim pôr fim à prática de decisões casuísticas, ofensivas das regras de competência dos orgãos municipais e tornar transparentes as operações de licenciamento por parte da administração municipal».

Demolir menos, habitar mais

A normativa municipal estabele regras distintas para a zona histórica, a zona consolidada da cidade dos bairros modernos e a zona de construção nova. As preocupações são distintas para cada uma dessas zonas.

Em relação à zona histórica e aceitando que «não está garantido o objectivo de preservação do seu património edificado», tenta-se dificultar a politica sistemática de demolições que tem assolado a cidade. Assim, a demolição só será autorizada em caso de ruína eminente comprovada por vistoria municipal e a construção dos edifícios substitutos fica sujeita à condição de incluir áreas para parque de estacionamento e a limitações quanto ao número de pisos, e da área de comércio, indústria ou serviços, que fica limitada ao piso térreo e com entrada independente.

Em relação à zona consolidada, que corresponde às avenidas novas e aos bairros do séc. XIX, estabelecem-se algumas limitações quanto à altura dos edifícios e deixam de ser admitidos os pisos recuados, e quanto à instalação de comércio e serviços fica condicionada à largura dos respectivos arruamentos.

Quanto a áreas novas de expansão da cidade manda-se aplicar o que nunca foi cumprido relativamente a novas urbanizações: em relação à area total do terreno, definem-se numa equação as partes que são para lotear,

A voz dos arquitectos

«Estas regras talvez consigam disciplinar a cons

Francisco Silva Dias, presidente da Associação dos Arquitectos Portugueses terá uma palavra importante na consulta que o presidente da Câmara de Lisboa está a fazer a várias entidades sobre a Normativa Municipal. Falámos com ele.

«Enquanto cidadão o que posso dizer da Normativa? Em primeiro lugar, o doutor Sampaio ainda não mandou arranjar alguns passeios da cidade, ainda não alterou o sistema de tráfego da Avenida da República e ainda não mandou arranjar o Largo do Chafariz de Dentro, em Alfama e eu estava a ficar um pouco preocupado mas se fizer publicar este documento tal como está e o aplicar, eu esqueço tudo, porque isto é de homem. O cidadão de Lisboa já pode suspirar de alívio e pensar que agora já temos alguém que cuide da nossa cidade.

Enquanto arquitecto: sempre temos pedido que sejam publicadas regras claras e públicas sobre o que vai suceder à cidade.

Quando um cliente vinha ter connosco para fazer um prédio em, começava uma aventura quase kafkiana porque a Câmara não dizia o que se podia fazer. Depois seguia-se uma série de negociações. Nessas negociações não era a qualidade arquitectónica do projecto que prevalecia, mas sim o número de andares que se podia pôr a mais, ou se se podiam ocupar logradouros.

O mercado de arquitectos acabava por ficar distorcido porque as pessoas não iam ter com os técnicos pelo talento ou por serem cumpridores. E isso eliminava muitos arquitectos. Concentrava o mercado em alguns, resultando daí uma falta de qualidade da arquitectura que todos nós reconhecemos.

Apesar de tudo isto, existia um conjunto de regras, que até eram semelhantes a estas da Normativa. Quase ninguém as cumpria. E todos tinham culpa. Os promotores, porque queriam pisos a mais, o município porque os consentia e os arquitectos porque os faziam.

Mas, mais grave do que tudo isto eram as compensações. E em que consistiam? O Plano Director dizia que só se podiam fazer oito pisos. A Câmara consentia que se fizessem 10. Depois cobrava uma verba ao promotor pelo excesso de andares. Ao fim e ao cabo, o município acabava por ser um dos interessados em que não se cumprisse o Plano Director.

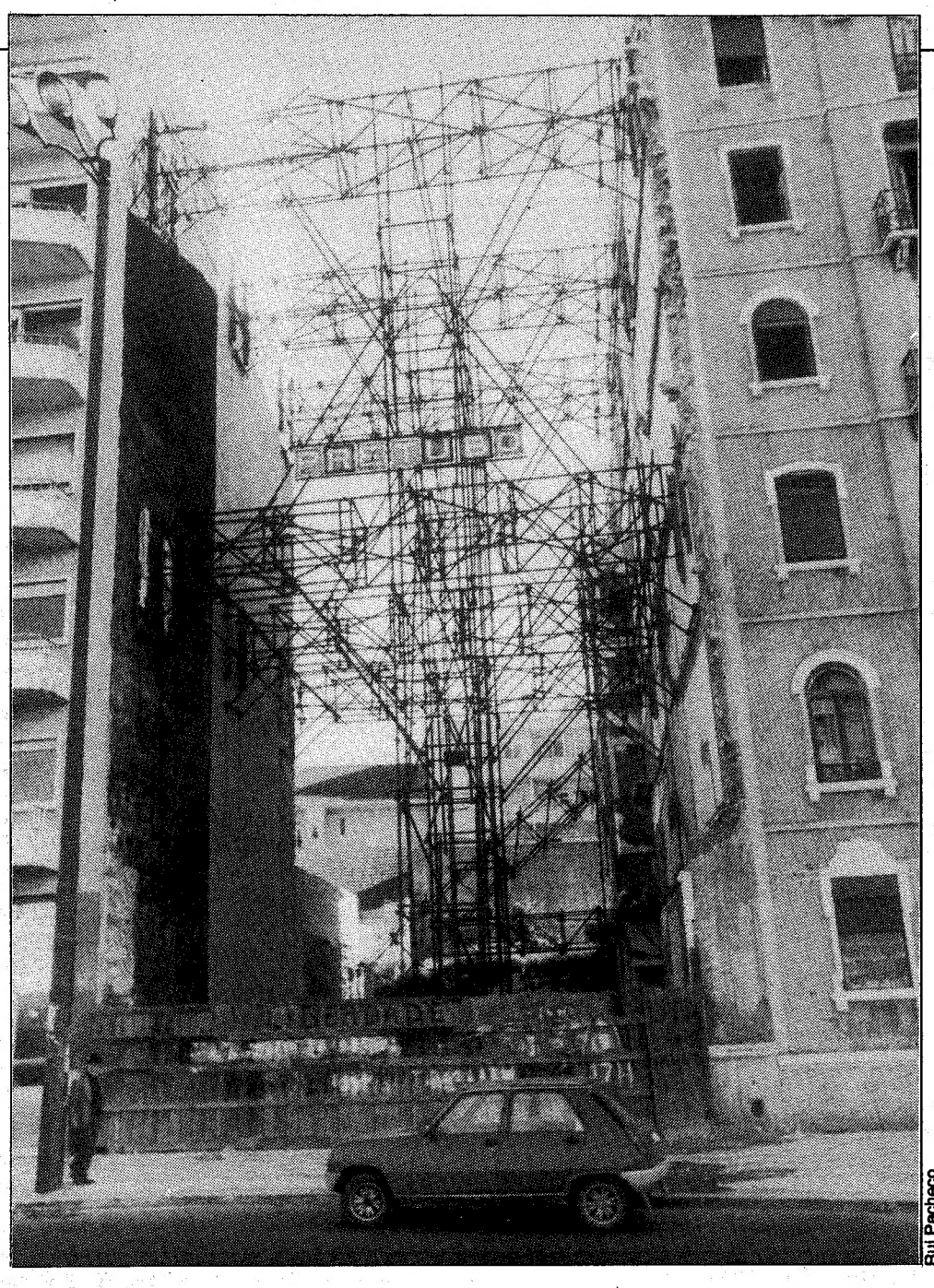
Agora com a Normativa, quando um proprietário deitar abaixo um prédio não pode fazer mais pisos do que os anteriores, isto no sector dos edifícios a preservar. Nos outros sectores define-se a criação de áreas de estacionamento nos novos prédios. Dantes a Câmara exigia que os novos prédios tivessem áreas para estacionamento, mas depois os promotores usavam-nas para centros comerciais. Veja-se o exemplo do edifício do Apolo 70.

Arq. Silva Dias

Estas regras talvez se consiga disciplinar a construção em Lisboa e atenuar a tendência para o botabaixo. Quanto aos promotores estrangeiros, a mentalidade deles é a de quem vem plantar eucaliptos em Lisboa. Encontram regras extremamente favoráveis, fazem um choradinho para a Câmara dizendo que compraram o terreno muito caro etc ...

Quanto à qualidade da arquitectura em Lisboa, penso que é desengraçada, monótona e cinzenta. A arquitectura de Tomás Taveira valoriza muito mais a cidade do que dezenas e dezénas de edifícios anónimos que se fazem por aí e de que ninguém fala. O nosso papel de artistas não é fazer coisas de que as pessoas gostam mas que venham a gostar. Se trabalhamos para o gosto comum não estamos a cumprir a nossa missão de líderes do gosto. Toda a gente se chocou com as Amoreiras e o Franjinhas, mas depois acabaram por gostar.

Sobre a Comissão de Estética Urbana penso que deve responsabilizar os técnicos pelas suas obras, dentro destas regras que estão definidas, mas depois quanto ao estilo há que ter em conta outro factores. Se



Rui Pacheco

Pôr um travão na fúria da demolição que tem destruído e desfigurado algumas das zonas mais nobres da cidade

GRANDE ANGULAR

para circulação e estacionamentos e para equipamentos públicos e para reserva urbanística.

A normativa tenta agora aplicar as normas sobre espaços de estacionamento que nunca foram cumpridas, porque os construtores sempre foram dispensados de incluir nos edifícios as caves e às areas de estacionamento a que estavam obrigados.

A normativa estabelece as áreas de estacionamento que os prédios e os loteamentos estão obrigados a garantir.

A normativa preocupa-se também com a qualidade da arquitectura na cidade, que tão criticada tem sido, e prevê nomeadamente a reformulação da Comissão de Estética Urbana, que dará parecer obrigatório nos casos de intervenção em edifícios classificados de interesse concelhio. A proposta é omissa quanto à composição da comissão e quanto à sua intervenção em construções novas em zonas nobres da cidade.

Insatisfeito, e exigindo mais é a posição do líder da oposição na vereação camarária, Marcelo Rebelo de Sousa. Ele disse-nos que o documento apresentado por Jorge Sampaio deveria propor taxas de urbanização, diferenciadas conforme as zonas da cidade, e deveria ser mais rigoroso na definição de volumetrias para as novas zonas de construção na cidade.

Quanto às taxas, entende que elas deveriam penalizar fortemente todos os proprietários que mantêm terrenos devolutos depois de demolições ou que mantêm edifícios vazios à espera de os demolir, acrescentando que a Câmara deveria estabeler prazos para eles construírem.

Quanto ao mais, Marcelo Rebelo de Sousa está de acordo com o documento, porque, segundo nos disse, ele próprio teve oportunidade de colaborar com os técnicos que o elaboraram, eng. Fonseca Ferreira, arq. Manuel Salgado e dr. João Pitchiller, e de contribuir com propostas quanto à divisão da cidade por sectores, ao estacionamento e à definição de regras para a zona consolidada.

A.C

C O M E N T Á R I O

Sarar Lisboa

O presidente Jorge Sampaio, ao apresentar uma proposta de clarificação de regras urbanísiticas para o curto prazo, deu ontem o primeiro safanão numa gestão municipal que se arriscava a naufragar num mar de azeite.

Será este o primeiro passo para a coligação «Por Lisboa» cumprir os seus objectivos estratégicos de renovar a identidade histórico-cultural, garantir a modernização e a projecção de Lisboa como capital com vocação atlântica e europeia, isto é, de respeitar o seu passado e, simultâneamente projectar o seu futuro? Ainda não.

Este é apenas um compasso de espera, a embraiagem que há de embalar esta administração municipal para outra velocidade. Este é apenas o pare-observe-e olhe para as feridas desta cidade, o corrigir do passo do caos urbanístico na área da construção, para que «Lisboa se tenha a si mesma como património primeiro».

Enquanto não se dispõe de um Plano Director Municipal e de planos de pormenor para zonas críticas ou para as zonas de expansão, do que se trata agora é de aplicar um programa de emergência, de frear a crescente degradação da cidade.

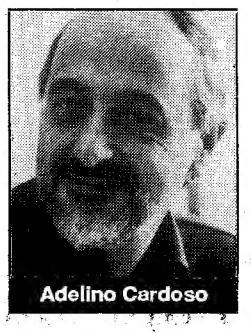
O imperante negocismo e a cega especulação ameaçam oito séculos de história urbana. Sem ignorar o dinamismo dos mecanismos de mercado que também comandam o movimento das cidades, trata-se de os subordinar a um projecto de vida urbana quer não deve perder as raízes do passado, nem o olhar do futuro, necessáriamente ambicioso, de uma capital com uma situação atlântica privilegiada no continente europeu.

Uma cidade não pode ser apenas o terreiro de negócios, é sobretudo um local de estar, de viver em condições de felicidade. E, por isso, não é aceitável que os interesses fundiários, imobiliários e financeiros dominem o processo urbanístico e que a propriedade do solo se torne uma ditadura do lucro sobre a democracia das necessidades colectivas.

O negocismo tem desumanizado e desertifficado Lisboa, tem-lhe destruído a ambiência e o clima histórico, tem-lhe roubado o horizonte do rio, tem-lhe imposto o infernal predomínio automóvel, o mau gosto estético e amesquinhado os espaços de convívio. Lisboa perdeu a cor, perdeu os equilíbrios. E ela que era diversa, na Baixa ou nas quintas do Lumiar, nas encostas ou nas planálticas avenidas novas, na aristocrática Lapa, na pequeno burguesa Campo de Ourique ou na operária Marvila, ameaça homogeneizar-se. Por este andar, qualquer dia quase ninguém vive em Lisboa e quase toda a gente trabalha em Lisboa, o que transforma a zona metropolitabna num caos de caminhos desencontrados e num inferno de transportes congestionados.

A directica da presidência de Sampaio não é ainda o virar da página, não é ainda o desenho da cidade que sonhamos, e se contribui para cerzir os espaços construídos, quase nada propõe para as áreas novas da expansão futura da cidade.

De qualquer modo, constitui um normativo suficientemente contra a corrente para ferir muitos interesses ilícitos e poderosos e para exigir coragem política no seu cumprimento rigoroso. Lisboa merece.



Adelino Cardoso

trução»

um arquitecto for pós-modernista tem direito de o ser, se fôr modernista também tem direito de o ser. Não é uma comissão de estética que vai dizer: aqui só se pode fazer pombalino. Estas comissões de estética são normalmente conservadoras. Deveriam existir comissões arbitrais. Assim, se existisse um conflito entre Câmara e projectista poderia ser resolvido. Desta forma, de um momento para o outro transforma-se numa comissão de censura e pode cercear a criatividade. Isso depende muito da constituição da comissão. A existência de uma grande variedade de estilos em zonas nevrálgicas da cidade é positiva. Acho que é uma barbaridade que, no século XX, se faça na Baixa um edifício pastiche pombalino só porque está na Baixa. Nalguns casos reconstituir é matar a arquitectura».

Luísa Alexandra Botinas

A voz dos proprietários

«Recuperação só com subsídios»

Manuel Carvalho da Silva, presidente da Associação Lisbonense de Proprietários encara na verdadeira acepção do termo a palavra recuperação. «Arranjar sim. Mas não apenas para 'inglês ver», disse-nos.

«Sobre alguns aspectos concretos da Normativa não sou contra o preservar de um parque habitacional que, pelas suas características mereça ser salvaguardado. A Câmara deve compensar os proprietários pelo facto de não deitarem integralmente abaixo alguns dos seus edifícios e por preservarem algumas fachadas. Sou pela reabilitação do imóvel, mas não só para 'inglês ver'. É isto é o que se passa no Bairro Alto. Recupera-se o exterior mas os interiores continuam na podridão. Considero que algumas zonas que estão a ser preservadas, muitas vezes não são as que estão mais degradadas mas sim as que são mais visitadas.

Carvalho da Silva

Se é de preservar os exteriores de prédios antigos isto pressupõe um capital novo. Mas, pergunto: como arranjá-lo se não existem estratos populacionais capazes de aguentar rendas consentâneas com os investimentos feitos em prédios antigos? Para obviar esta situação, noutros países, dá-se ao proprietário uma contrapartida: se ele mantiver os seus inquilinos e fizer obras de recuperação no prédio, permite-se que aumente ligeiramente o número de inquilinos e as cérceas. Acho que a preservação quando sai cara deve ser paga pela comunidade e não apenas pelo proprietário.

No que diz respeito ao tipo de ocupação em determinadas áreas da cidade, devo dizer que a concentração de terciário num só local é contraproducente. Estou de acordo que exista equilíbrio entre o comércio, habitação e serviços desde que não haja qualquer tipo de intervenção nos valores a estabelecer pela habitação».

L.A.B.

POLÍTICA

EDITORIAL

Sombras chinesas

continuação da pág. 1

tradução chinesa como *representação*), bem como a vários aspectos do relacionamente Portugal/Formosa.

Factos secundários? Não tanto que um jornal de Hong-Kong não baptizasse de **quinta-feira negra** o dia da passada semana em que se falou, ao mesmo tempo, de audição parlamentar ao Governador por causa do discurso de Dias Loureiro, e da demissão de Magalhães e Silva. Ou que outro jornal de Hong-Kong não referisse que este «vinha sendo submetido a uma pressão intensa por parte da China, por causa da mudança nos caracteres chineses usados na tradução do estatuto orgânico», bem como as críticas de Lou Ping ao Governo de Macau e uma visita do recém-nomeado director da Agência Nova China a Melancia, nas vésperas da sua partida para Lisboa.

Não tanto também que um dos jornais de Macau tidos como veiculando posições próximas de Pequim não tivesse incluído duras críticas à «intransigência» de Magalhães e Silva, descrito como «subjectivista» e «teimoso» - e como «socialista», «próximo de Mário Soares» e «ligado a Jorge Sampaio» - em comparação com outros secretários-adjuntos, «mais clarividentes» e «zelosos». O que - e ainda que, segundo alguns peritos, seja possível pôr em causa o bem fundado da tradução chinesa do Estatuto Orgânico como «Estatuto Constitucional», embora também a anterior tradução, «Estatuto das Sociedades de Macau», estivesse desajustada - justificaria a sua defesa pelo Governador, nem que fosse para evitar que de alguma forma se pressentisse que a administração portuguesa «perdia a face».

De nada disto parecia no entanto dar-se conta, à sua chegada a Lisboa, o engenheiro Carlos Melancia. E, de repente, eis que à saída da sua audiência com o primeiro-ministro nos explica que, «nos últimos dois meses, se verificaram casos de incontenção verbal por parte ds autoridades chinesas», que «o senhor Lou Ping tem vindo a fazer afirmações que são quase imposições», sobre, por acaso, a tradução do nome do escritório de Taipé e o monumento a Ferreira do Amaral, afirmações «que prefiguram um quadro anormal nas relações com a China», sobre as quais «é preciso reflectir»..

Quem tinha, afinal, razão: Melancia, ou os que o criticavam? Qual é afinal a verdade? Se Macau é, como nos repetem, uma questão nacional, não teremos todos o direito de o saber? Como sói dizer-se, a política é uma coisa demasiado séria para ser só deixada aos políticos...

D.A.

Macau em foco em Lisboa

Governador explica-se... e queixa-se da China

O governador de Macau, Carlos Melancia, será hoje ouvido pela Comissão Parlamentar de Assuntos Constitucionais, sobre o caso dos cortes efectuados no discurso de 10 de Junho do ministro dos Assuntos Parlamentares, Dias Loureiro, que será ouvido amanhã.

Sobre o tema continuam a verificar-se discrepâncias de informação por parte dos principais intervenientes, já que Carlos Melancia e fontes que lhe são próximas continuam a afirmar que Dias Loureiro aceitou todos os cortes, enquanto este afirma só lhe terem sido postos à apreciação alguns deles. E se o ministro dos Assuntos Parlamentares tem, nas suas declarações públicas, procurado minimizar o incidente, o partido a que pertence está na base da audição parlamentar sobre este assunto, e o jornal do partido, Povo Livre, inclui na sua edição de hoje o «discurso original de Dias Loureiro para Macau», «antes das alterações e cortes do Governador daquele território.

Melancia com Cavaco: PSD menos disposto a perdoar que Dias Loureiro?

O caso dos cortes no discurso tomou ontem nova dimensão, quando, à saída de um encontro com o primeiro-ministro Cavaco Silva, Carlos Melancia se referiu - pela primeira vez desde a sua chegada a Portugal na segunda-feira - a «incontenção, por parte das autoridades da República Popular da China, no que refere a problemas que dizem respeito a Macau» e a «afirmações que são quase imposições» por parte do vice-director do Gabinete Chinês de Hong-Kong e Macau, Lou Ping - afirmações essas que envolveriam a pressão para a remoção do monumento a Ferreira do Amaral, um antigo Governador de Macau, referido por Dias Loureiro no seu discurso num dos pontos cortados por Melancia.

Nas mesmas declarações, o Governador de Macau afirmou que esta «incontenção» da parte chinesa é «um quadro perfeitamente anormal no quadro das relações com a China, que costuma ter sempre a maior cautela» e que isto «é uma indicação que alguma coisa está a mudar» e «é preciso reflectir sobre isto».

O tom de Melancia, que disse que estes fenómenos de «incontenção» se têm verificado «nos últimos dois meses», foi, ontem, totalmente diferente daquele que empregara à sua chegada a Lisboa, na passada segunda-feira, onde, referindo-se embora a «acontecimentos dos últimos dois meses, que exigem reflexão, pequenos sintomas que preocupam» o fez num quadro do relacionamento da CEE com a República Popular da China e a possível ultrapassagem de Portugal por outros parceiros comunitários nessas relações.

Carlos Melancia, cujo regresso a Macau está previsto para amanhã, dverá ter ainda um encontro com o Presidente da República, com quem já se encontrou, por duas vezes, na terça-feira.

Redacção «DL»

A partir de amanhã em Coimbra

Última Presidência Aberta do mandato de Soares

Archeiros da Universidade de Coimbra substituirão os habituais guardas da GNR nos postos de sentinela, quando Mário Soares, a partir de amanhã, instalar a Presidência da República, na reitoria da velha Universidade, onde permanecerá durante dez dias.

A chegada do Presidente da República, que se desloca em helicóptero da Força Aérea, está prevista para as 11 e 30. A primeira cerimónia desta Presidência Aberta terá lugar na Igreja de Santa Cruz. Consta das habituais honras militares e da deposição de uma coroa de flores no túmulo de D. Afonso Henriques, seguindo-se uma intervenção de Mário Soares.

Na sequência da Presidência Aberta de Coimbra, a última deste mandato de Mário Soares, o túmulo do fundadador da nacionalidade vai passar a ter uma guarda de honra permanente, assegurada pelo Exército, de que o primeiro rei português é patrono.

A inciativa está dependente apenas de pequenas questões técnicas a resolver com a Igreja. O túmulo encontra-se muito perto do altar-mor, tornando-se necessário que a guarda de honra não afecte as cerimónais do culto.

Depois de uma visita às instalações na Reitoria da Universidade, Mário Soares preside a uma sessão solene na Câmara Municipal de Coimbra, seguindo-se um almoço oferecido pela autarquia.

De tarde, Mário Soares visita a Fábrica Triunfo, o Hospital Novo e as novas captações de água da Boavista. Ao fim da tarde, o Presidente faz uma visita privada a Miguel Torga, seguindo-se um encontro com estudantes no jardim da Associação Académica de Coimbra.

À noite, a Associação Nacional de Municípios, sediada em Coimbra, oferece um jantar a Mário Soares.

O programa do dia encerra com uma visita à «República Bota-Abaixo», de que o Presidente é «república honorário».

A ligação de Mário Soares remonta a 1969 quando, regressado do exílio em S. Tomé, foi convidado para, mais ou menos na clandestinidade, ali fazer uma espécie de debate. Estavam no auge as lutas académicas e a contestação atingia por vezes um radicalismo que não tornou fácil o diálogo ao actual Presidente da República.

A escolha de Coimbra, em detrimento de outras zonas que igualmente desejavam a visita do Presidente da República, aproveita da circunstância da Universidade estar a comemorar aos seus 700 anos, o que justificou um programa acentuadamente cultural.

Diversas homenagens públicas fazem parte desse programa, designadamente a que prestará a Mota Pinto, ao embaixador Ramos da Costa e a grandes figuras do passado, como Manuel Fernandes Tomaz, Carlos Seixas, António Nobre, Camilo Pessanha, Afonso Duarte, Fernão Mendes Pinto (natural de Montemor-o-Velho) e Jaime Cortesão.

À semelhança do que fez no Douro, embora em menor dimensão, Mário Soares vai fazer a descida do Mondego desde Montemor-o-Velho até Buarcos, para observar toda a a parte de de regulação das águas do Mondego, um plano lançado, em 1976, durante o primeiro Governo de Soares.

O Presidente da República vai observar também toda a base do novo porto da Figueira da Foz, que ficará um dos mais importantes do país e que, ligado pelas novas vias rápidas, poderá servir uma vasta região de Espanha.

O programa da Presidência Aberta é denso e variado mas, como já foi referido, a componente cultural estará em destaque. É o caso de uma mensagem intitulada «O desafio da Educação», que Soares vai dirigir ao País no dia 6 de Julho.

Cavaco Silva na RTP

Prudência para transferir soberania portuguesa

«Qualquer passo na transferência de soberania nacional para o plano comunitário deve ser assumido com muita prudência e ponderação, fazendo prevalecer os nossos interesses, afirmando os nossos valores e a nossa identidade, marcando o espaço e o tempo do devir da nação portuguesa» - afirmou ontem o primeiro-ministro, na comunicação ao País sobre os resultados da reunião do Conselho Europeu na Irlanda.

Os primeiros-ministros dos países membros da CEE manifestaram em Dublin vontade «em avançar e avançar a doze», adiantou Cavaco, segundo o qual «há que reafirmar o nosso empenho na plena realização do Acto Único Europeu». Trata-se, no fundo, de dar corpo ao Mercado Único Europeu, sem barreiras à livre circulação das pessoas, das mercadorias, dos serviços e dos capitais.

Portugal é a favor da realização do Mercado Único, sem perder de vista a modernização dos sectores mais vulneráveis da sua economia e exigindo o avanço na coesão económica e social, como condição essencial para assegurar o desenvolvimento harmonioso, em particular das regiões menos avançadas - caso de Portugal. A Comunidade está, conforme ontem disse Cavaco aos portugueses através da RTP, confrontada com novos desafios que passam pela realização da União Económica e Monetária, pelo aprofundamento da dimensão política de uma união europeia e pela definição de um novo quadro para as relações externas.

«Estamos convictos de que o quadro actual em que vivemos exige uma aceleração da integração europeia, mas entendemos que qualquer avanço deverá ser sempre gradual, fundado nas realidades actuais dos estados membros e compatível com a vontade comum dos Doze», afirmou ainda o primeiro-ministro.

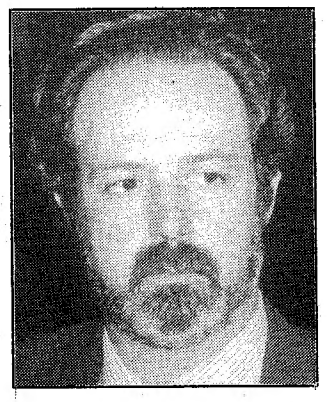
POLÍTICA

A União Política da Europa e a União Económica e Monetária são dois quebra-cabeças para o cidadão que diariamente vê televisão ou lê os jornais. Governo e Oposição envolvem-se numa batalha política alegando todos os intervenientes a defesa dos interesses nacionais. O DL foi ouvir o que pensam os partidos: acelerar ou moderar o processo da União Europeia é a grande questão, mas no fulcro da polémica há também objectivos eleitorais

União Política Europeia: para onde vamos?

Pacheco Pereira:

«Apoio total, mas não incondicional»



«A posição do PSD quanto à criação da União Política Europeia é de apoio total, mas não incondicional. Como vem sendo repetidas vezes afirmado - e o professor Cavaco Silva ainda agora o sublinhou - a defesa dos interesses e do futuro de Portugal obrigam a que esta questão seja assumida com particular cuidado.

Não podemos negar, naturalmente, a condição de país europeu e, por esse motivo, somos pelo aprofundamento da integração europeia. Mas para que tal seja possível não é necessário, na óptica do PSD, pôr em causa a vocação atlântica e africana de Portugal.

A identidade nacional de cada um dos doze Estados membros deverá ser respeitada, bem como as suas instituições fundamentais. No que se refere ao alargamento das competências comunitárias, o PSD considera que ele não pode nem deve reduzir a soberania de cada um dos países. Não aceitamos de ânimo leve que Portugal, Estado soberano com oito séculos de História, possa um dia ser confundido com uma qualquer autonomia regional no quadro de uma Federação de Estados Europeus.

O reforço do controlo do processo democrático da Comunidade, uma maior operacionalidade das suas instituições e a consolidação da unidade e coerência de acção comunitária externa são alguns dos aspectos que levam o PSD a ver com optimismo a criação da União Política Europeia.

Estamos, no entanto, conscientes de que a adesão precipitada a soluções federais é desaconselhável, nomeadamente por poder cercear a nossa soberania para além dos limites aceitáveis.»

Freitas do Amaral:

«Institucionalmente necessária e politicamente inóqua»

«A União Política da Europa é um conceito vago e por enquanto indeterminado. Na verdade, há que distinguir entre uma perspectiva de longo prazo e uma perspectiva de curto e médio prazo.

A longo prazo, a união política da Europa pode variar muito conforme o modelo preferido por cada um. Há quem entenda, segundo o conceito gaullista da 'Europa das pátias', que a União Política não deve ir além de um feixe de solidariedades entre Estados plenamente soberanos; e há, no outro extremo, quem considere que a união política se deverá traduzir num modelo federal, dando origem a um grande país denominado Estados Unidos da Europa.

A opção por um ou por outro destes modelos (ou por algum dos muitos modelos intermédios) virá a fazer-se um dia, quando o percurso da integração europeia estiver mais avançado e as opiniões públicas dos países membros da CEE tiverem amadurecido a questão do maior ou menor grau de envolvimento dos seus países na construção de uma Europa unida. Para já, no curto prazo, as questões que se estão a discutir no âmbito da CEE sob a denominação da União Política são bem mais comezinhas e nada têm de dramático. São questões deste tipo: deverá passar a haver mais decisões por maioria, em vez de por unanimidade? Poderá coordenar-se melhor a política externa global com a política externa comercial da CEE? Deverão ser reforçados os poderes do Parlamento Europeu? Devem manter-se ou não os actuais poderes do Conselho e da Comissão? O presidente da Comissão deverá continuará a ser nomeado pelos governos dos Estados membros, ou deve passar a ser eleito pelo Parlamento Europeu?

Como se vê, nestas questões nada de essencial está em causa: não há aqui nenhum problema de transferências de soberania, nenhum perigo para a identidade nacional, nenhuma ameaça ao futuro das pátrias.

Para quê, então, dramatizar?

A próxima etapa da chamada União Política é institucionalmente necessária e politicamente inócua. Devemos aprová-la sem hesitações. Dramatizar a questão, com apelos extemporâneos ao sentimento nacionalista, como fez o nosso primeiro-ministro na Assembleia da República, é um mau serviço prestado a Portugal e aos portugueses, porque confunde as pessoas e não clarifica o debate. É mais uma prova do eleitoralismo demagógico em que o Governo já entrou, a mais de um ano de distância das eleições legislativas de 1991.»

Carlos Lilaia:

«Não há alternativa senão acelerar»

«Durante os últimos três anos o Governo do PSD tem manifestado de forma sistemática uma recusa frontal em debater com a oposição na Assembleia da República os grandes temas do impacto da adesão, não informando nem preparando o país para aquilo que serão os efeitos mais ou menos previsíveis da desejada União Europeia.

A pretexto da Cimeira de Dublin, o Governo parece ter mudado a sua atitude e o primeiro-ministro apresentou-se recentemente na Assembleia da República com um discurso renovado e propiciador dos consensos então verificados, com o argumento de que era necessário uma forte posição consensual das principais forças políticas sobrea questão da União Política.

Mais do que tentar saber se isto representa uma mudança de estratégia ou uma inflexão de tática, seria talvez útil procurar saber porque razão Cavaco Silva dá predominância ao político, em detrimento do económico, do monetário e do social, como aliás ficou bem evidenciado na intervenção que produziu há cerca de uma semana na assembleia da República. Poderá ter preferido arranjar os consensos onde elees eram mais fáceis, do CDS ao PCP, mas escamoteou as questões que mais nos dividem. Em todo o caso há que estar atentos porque os nossos grandes parceiros podem facilmente partilhar conosco nas instâncias comunitárias algum do seu poder político porque compensam essas limitações com o reforço do controlo da economia europeia. Mas um pequeno país como Portugal, que representa 2 ou 3 por cento da economia europeia terá de fazer um grande esforço para não perder nos dois tabuleiros.

O afastamento do espectro de uma Europa «a duas velocidades» não depende da boa vontade dos líderes comunitários. É preocupante que o ritmo e a forma que assume o crescimento económico em Portugal, não sejam de molde a que num futuro nos aproximemos da média da CEE.

Não há alternativa, senão acelerar.»

João Cravinho:

«É contra o interesse nacional a valsa hesitante dos governantes»

«O objectivo da União Política, como foi reconhecido em Dublin, é o fortalecimento global e equilibrado da capacidade da Comunidade e dos seus Estados membros para actuar nas áreas em que tenham interesses comuns.

É do interesse nacional obter a participação de Portugal no grupo dos Estados membros promotores da União Política. É contra o interesse nacional desenvolver uma valsa hesitante, com o primeiro-ministro a dizer que não sabe em que consiste a União Política e o ministro dos Negócios Estrangeiros a explicar ao mesmo tempo que Portugal nada tem contra a União Europeia, com o primeiro-ministro a dar a imagem de alinhamento com a senhora Tatcher na reticência à União Europeia, logo seguido do ministro dos Negócios Estrangeiros a dizer que onde se tem visto o alinhamento que toda a gente conhece, se deve passar a ver o contrário. E assim por diante.

A aceleração que a construção europeia assumiu nos últimos meses não tolera valsas deste teor. É preciso ter ideias claras. Um país que tem a pouca sorte de ter à sua frente quem dá a imagem de estar ao lado da senhora Thatcher contra todos os outros parceiros até ao momento da decisão, acabando à última da hora por dar o dito por não dito, juntando-se contrafeito a quem comanda o processo, é certamente um país que, a prazo, não poderá deixar de sofrer a perda da credibilidade negocial de quem o representa.

O PS só tem de se congratular com os resultados positivos da cimeira de Dublin. Há que manifestar a satisfação de ver reconhecida a necessidade de realização simultânea das duas conferências, sobre a União Económica e Monetária e sobre a União Política. Seria ingenuidade pensar que as grandes transformações associadas à União Económica e Monetária poderão jogar a favor das instituições que defendem o interesse geral, o sentido democrático e o bem estar dos cidadãos.

Da conferência de Dublin saiu derrotado quem não queria a realização simultânea das duas conferências e saiu esperançado quem sempre defendeu a necessidade da simultaneidade.

O PS sempre defendeu a necessidade de fortalecer a legitimidade democrática das instâncias comunitárias; realizar a Europa Social a par da União Económica e Monetária; efectivar medidas necessárias e suficientes para dar expressão justa à coesão económica e social nas novas condições de desenvolvimento da construção europeia; aprofundar e reforçar a capacidade e eficácia das instituições comunitárias.»

Carlos Carvalhas:

«O debate tem sido até agora um certo jogo de espelhos»

Em primeiro lugar é necessário que nos entendamos sobre o que queremos e defendemos quando se fala na expressão vaga de União Europeia ou na expressão mais concreta de União Política.

Pessoalmente estou convencido que a precisão do conteúdo se verificará com algum grau de certeza na conferência intergovernamental, agora convocada.

O chamado défice democrático é uma realidade e, no nosso caso, o primeiro défice em relação às questões da integração começa desde logo na Assembleia da República pela prática e pela postura da maioria e do Governo.

Como deputado europeu posso adiantar alguns passos que no meu entender deveriam ser dados na reforma das instituições comunitárias: O Parlamento deveria ver alargados os seus poderes(nomeadamente de co-decisão) à custa da Comissão que é um órgão eleito; a Comissão, como orgão executivo, deveria ser responsável perante o Conselho e o Parlamento e o seu Presidente ser eleito ou investido pelo Parlamento Europeu; os parlamentares nacionais deveriam reforçar os seus poderes de controlo sobre o Conselho e cooperar mais estritamente com o PE e as suas comissões especializadas.

Mas tudo isto não pode ser separado dos trabalhadores e das suas organizações a todos os níveis da Comunidade bem assim como da concretização do princípio da coesão social.

No novo Acto Único em elaboração para além da eficácia da cooperação política externa e das questões sobre segurança colectiva em apreço e que quanto a nós devem ser derimidas na Helsínquia II, superando a lógica dos blocos, as forças progressistas não podem deixar de pugnar por medidas concretas que a par da União Económica e Monetária realizem a Europa Social e a coesão económica e assegurem o respeito pela identidade própria e pelos interesses específicos dos Estados-membros.»

POLÍTICA

Advogado, casado, 51 anos, três filhos, membro «surpresa» do novo Secretariado do PS, Joaquim Mestre tem um longo passado de oposicionista, antes e depois do 25 de Abril, e prepara um Programa de Governo. Com o Gabinete de Estudos do partido a seu cargo, fala com a convicção de quem se prepara para estar em breve no poder, sem triunfalismos

O problema é saber como votarão os abstencionistas que deixaram o PSD

Diário de Lisboa - *É secretário nacional do Partido Socialista, encarregado do Gabinete de Estudos. De que gabinete e de que estudos trata?*

Joaquim Mestre- Neste momento, a função do Gabinete de Estudos é colaborar na elaboração do programa de Governo. Depois de aprovados os princípios e bases do Programa de Governo, manteve-se o grupo de trabalho antes constituído, que se chama Comissão Coordenadora da Elaboração do Programa de Governo, integrada basicamente pelas mesmas pessoas. Esta comissão é presidida pelo secretário-geral do Partido e vai coordenar as actividades dos vários departamentos do PS, ao mesmo tempo que também coordena os diversos grupos de trabalho do próprio Gabinete de Estudos.

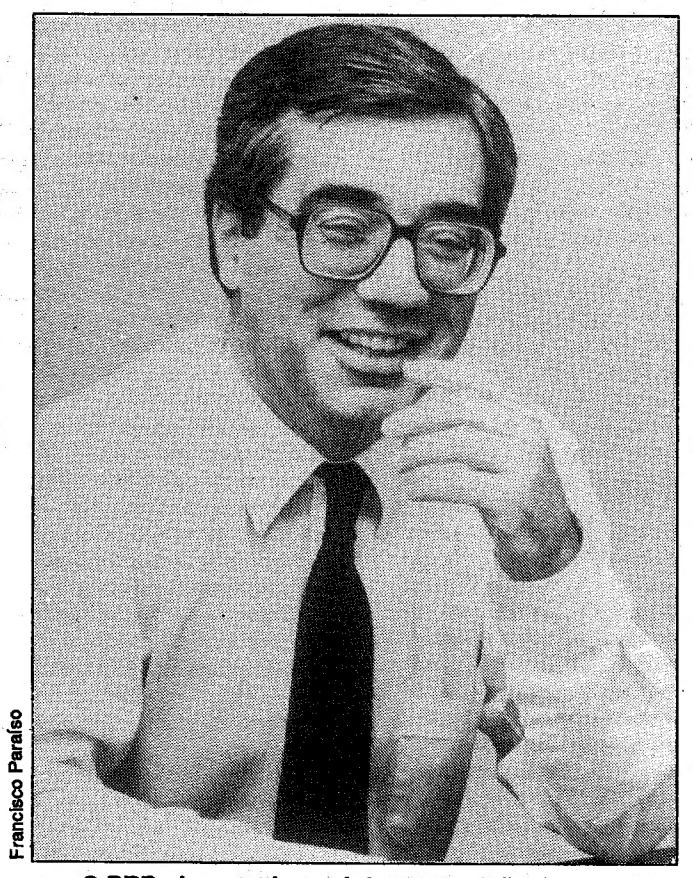
As outras estruturas do PS também estão envolvidas, como as secções e as federações.

Vamos tentar desenvolver, agora a nível sectorial e com políticas concretas, cada um dos princípios largamente aprovados pelo partido.

DL - *Não vão portanto seguir a actividade quotidiana do Governo, como um «gabinete-sombra», à inglesa...*

JM - Quanto ao que vai haver no acompanhamento das políticas governamentais, será a actividade dos delegados ou dos porta-vozes, já nomeados ou a nomear, numa das próximas reuniões do Secretariado. Isso compete sobretudo ao secretário-geral e é uma área em que não estou particularmente envolvido.

A nossa missão é redigir o Programa de Governo, coligindo muita coisa que já existe, desde as muitas tomadas de posição do PS em áreas sectoriais, os muitos estudos feitos pelo partido, pelas fundações onde se encontram pessoas do PS. Há muita coisa que é preciso juntar. Nós temos o programa de 87 e trata-se de fazer a actualização dele.



Francisco Paraíso

«O PRD vive um drama interno que não diz muito ao sistema político português, mas diz às pessoas que nele estão envolvidas»

É um programa para depois das eleições de 91 e terá que ter em conta um dado: em 92 teremos os grandes efeitos do Mercado Comum. Temos que avaliar, portanto, as consequências da integração europeia.

Além disso, Portugal vai ter a presidência das Comunidades. O Partido Socialista tem que ter políticas, tem que definir orientações, para saber como encarará a nova fase da integração, uma fase difícil, porque os grandes problemas vão começar agora.

As alianças em questão

DL- *Aderiu ao PS com o GIS, quando o PS fez uma aliança de Governo com o CDS. Acha que um entendimento desses pode repetir-se?*

JM- O GIS nunca existiu. Foi sempre chamada Intervenção Socialista. Nos jornais é que nos tratavam por Grupo de Intervenção Socialista.

Houve a entrada no PS de pessoas dessa associação política, e eu entrei com esse grupo. As pessoas da Intervenção Socialista que entraram para o PS fizeram nessa altura uma declaração discordando dessa coligação. Entraram com essa expressa clarificação de posições.

Não creio na existência de possibilidades de se repetir essa coligação. Na moção aprovada pelo Congresso, o que o PS disse foi que se apresentaria sózinho ao eleitorado, para medir forças. Para além disso, julgo que neste momento é difícil especular. Das eleições resultará o seguimento da vida política portuguesa. Pessoalmente, não vejo grandes possibilidades de o Partido Socialista vir a fazer um acordo com o CDS, em termos governamentais. Assim como me parece que o Partido Socialista não tem a orientação de fazer acordos com o PCP. O PS vai ver qual é a resposta do eleitorado às posições que tem tomado.

Os dissidentes do PCP

DL- *Antes do 25 de Abril, foi advogado de muitas pessoas do PCP. Isso facilita-lhe o diálogo com os militantes comunistas?*

JM- Fui advogado de muita gente, não só do Partido Comunista. Defendi gente que me aparecia e me pedia para eu defender, mas nunca fiz qualquer exclusão política. Defendi gente do PCP, do MRPP, outros.

Mas não fiquei com qualquer relação, nem mesmo de ordem pessoal, com pessoas que defendi. Podiam ter ficado laços, porque na realidade aqueles processos eram complicados, exigiam muitas vistas, muitas conversas, demoravam muito tempo. E criava-se uma relação entre as pessoas durante esse tempo e durante os julgamentos. Tenho encontrado muito pouca gente que defendi e esse relacionamento passado não tem qualquer relevância política.

O que essa actividade me deu foi um conhecimento de actividades políticas no tempo do regime anterior, não só das actividades em curso, mas também das acções do Governo da altura, nomeadamente a repressão policial. Sobre isso tenho, infelizmente, um conhecimento vasto, quanto à instrução de processos pela polícia política, julgamentos e o que estava por detrás disso tudo.

Com o PCP não tenho qualquer problema afectivo ou de ordem política porque sou das pessoas que nunca foram do Partido Comunista. Não tenho traumatismos.

O que tenho é uma posição muito semelhante à de há trinta anos, uma posição que mudou muito pouco, o que é para mim agradável de constatar. Não critico ninguém, mas as minhas escolhas iniciais eram as que hoje tenho. Se tivesse feito uma evolução diferente, também não sentiria qualquer complexo.

Há quem tenha evoluído, vê-se que há pessoas a passarem de um lado para o outro, às vezes de um extremo para outro extremo. Possivelmente tive sorte, nunca tive grandes dramas psicológicos.

DL- *Como veria a entrada no Partido Socialista de dissidentes do PCP?*

JM- Tenho uma certa dificuldade em perceber as dissidências no Partido Comunista, agora. Acho tardias muitas reconversões agora feitas, penso que se dão num momento em que é fácil fazê-las. As críticas que hoje se fazem ao PC já se faziam há muitos anos, e as pessoas que as formulam não são ignorantes do ponto de vista político.

Apesar de tardia, não acho que essa reconversão deixe de se fazer, ou que a condene. Penso é que havia boas razões para ter sido feita há muito mais tempo.

E não vejo inconveniente que pessoas que assumam

AVISO

INSTITUTO NACIONAL DE INTERVENÇÃO E GARANTIA AGRÍCOLA

INGA

CONCESSÃO DE AJUDAS À ARMAZENAGEM PRIVADA DE CARNE DE BORREGO

Portugal foi autorizado a abrir um processo de adjudicação destinado à concessão de ajudas á armazenagem privada de carcaças e meias carcaças de borrego de idade inferior a 12 meses.

O período mínimo de armazenagem é de 3 meses e o máximo de 7 meses.

A quantidade mínima a armazenar é de 4 toneladas expressas como carne não desossada.

Podem candidatar-se à armazenagem privada as pessoas singulares e colectivas que:

— Exerçam uma actividade no sector da pecuária e das carnes;
— Estejam inscritas num registo público de um Estado Membro;
— Disponham de instalações de armazenagem adequadas.

As propostas de candidatura a apresentar devem mencionar:

— A designação do produto e a quantidade a armazenar;
— O prazo para colocação em armazenagem da totalidade a armazenar;
— A duração da armazenagem;
— O montante da ajuda por unidade peso (Ecus/toneladas);
— A constituição da caução (120 Ecus/toneladas);
— A possibilidade de prolongamento da duração de armazenagem (1,2 Ecus/tonelada/dia, por período superior a 3 meses).

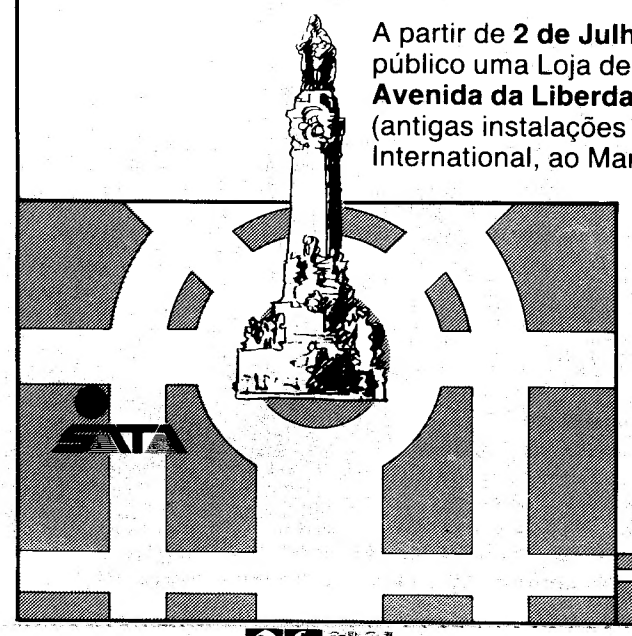
De acordo com Reg. (CEE) n.º 287/90 da Comissão de 1 de Fevereiro de 1990.

Deverão as proposras de candidatura ser apresentadas, o mais tardar, até às 14.00 horas de segunda-feira dia 2 de Julho de 1990 no Instituo Nacional de Intervenção e Garantia Agrícola, Rua Camilo Castelo Branco, 45 — 1000 Lisboa.

O Presidente do Conselho Directivo
Dr. M. Rodrigues André

SATA
AIR AÇORES

Loja de Vendas em Lisboa



A partir de **2 de Julho** a SATA abre ao público uma Loja de Vendas situada na **Avenida da Liberdade, n.º 261** (antigas instalações da Canadian Airlines International, ao Marquês de Pombal).

- **Horário:**
  09.00 / 13.00
  14.30 / 18.00
- **Telefone:**
  53 95 11

Francisco Paraíso

Joaquim Mestre: «Com o PCP não tenho qualquer problema afectivo ou de ordem política, porque sou das pessoas que nunca foram do Partido Comunista. Não tenho traumatismos»

narealidade outra posição política venham a integrar-se no Partido Socialista, desde que o façam com sinceridade. Parecer-me-ia mal que numa altura de crise do Partido Comunista as pessoas viessem para o PS como que para uma espécie de refúgio. Há uma evolução no interior dos PCs que os próprios comunistas terão que fazer. Essa apreciação política, doutrinária e ideológica deve ser feita no interior dos partidos comunistas. No caso do PCP, resta ainda por fazer. É claro que por vezes as pessoas não estão para isso, não querem continuar a trabalhar no interior do partido comunista. Mas essa é uma opção pessoal. Era muito importante que a reconsideração de que falei fosse feita dentro do próprio PCP, porque se trata de um partido com forte inserção social, corresponde a um eleitorado considerável neste País e não creio que esse eleitorado passe de um dia para o outro a votar no PS. O PC tem um eleitorado fiel e vai tê-lo ainda durante muito tempo. Há sectores desse eleitorado que nas últimas autárquicas passaram a votar socialista, mas é um processo que vai demorar.

«Parecer-me-ia mal que numa altura de crise do Partido Comunista as pessoas viessem para o PS como que para uma espécie de refúgio»

O PRD sem ingerências

DL - *Que pensa dos resultados da recente Convenção do PRD ?*

JM- O PRD vive um drama interno que, julgo, não diz muito ao sistema político português, na sua globalidade, mas diz às pessoas que nele estão envolvidas.

A meu ver, perdeu razão de ser. Quis ser um PS diferente, situava-se na área do PS. Neste momento, o PS deixou de ser criticável da mesma maneira que o era na altura em que o PRD surgiu. O grande polo de atracção era o general Eanes, que entretanto deixou de apoiar o PRD, e neste momento não tem uma personalidade de referência, nem um lugar no espectro político português.

Vão ter que resolver essas questões entre eles e nenhum partido tem o direito de interferir na vida normal de outro partido.

Cavaquismo em causa

DL - *Como analisa o sucesso do cavaquismo na sociedade portuguesa ?*

JM- Acho que o Governo do PSD beneficiou de duas causas, uma imediata e outra de mais longo prazo. A causa imediata foi o Governo que governou o País de 1982 a 1985, em condições extremamente adversas. Esse Governo permitiu que houvesse uma grande margem de oposição - e isto não é uma análise crítica - corporizada pela Direcção do PSD e mais concretamente pelo prof. Cavaco Silva.

Por outro lado, penso que a vida política portuguesa desde 1974 até 1985 foi marcada pela instabilidade... E a sucessão de líderes do PSD desculpabilizou um partido que estava no Governo desde 1979.

O PS esteve em dois Governos com políticas de austeridade, facto que ditou um grande desgaste de imagem política, ditado por um intuito nacional, mas pago muito caro.

O PSD conseguiu desligar-se da solidariedade com a sua própria política, aparecendo como um partido novo. Foi uma habilidade política que, como tal, tem toda a legitimidade em democracia, mas deixou as pessoas sem conhecerem os exactos termos em que as coisas se passaram.

O Governo do PSD, entre 85 e 87, preparava-se para uma nova eleição. E em 87 consegue ter em Portugal uma maioria absoluta, um fenómeno excepcional, significando muito a insatisfação da sociedade portuguesa.

Agora, as pessoas têm uma ideia de quem é este PSD (como o PSD também refere este PS), porque o PSD tem tido várias faces e várias aparências. Estes últimos anos foram mais que suficientes para demonstrarem que tipo de políticas e a natureza dos seus erros. Daí que esta fase da vida política esteja passada e que alguma coisa tenha que sair daqui. É essa fase nova que o PS está a tentar interpretar, uma experiência muito diferente da que houve entre 85 até agora.

Os dois resultados eleitorais maus que teve durante o ano passado não eram meras sondagens. Esses resultados não significam que o PS tenha conseguido afirmar-se como alternativa, porque não transferiu muitos votos vindos do PSD. O que aconteceu foi a desafectação de grande parte do eleitorado que tinha votado PSD. O problema que se coloca neste momento é saber como votarão os 800 mil abstencionistas que deixaram de votar PSD.

Francisco Paraíso

«A sucessão de líderes do PSD desculpabilizou um partido que estava no Governo desde 1979»

O «caso Fernando Gomes»

DL - *Não acha que o caso Fernando Gomes pode afectar a imagem do PS, como os sucessivos casos têm afectado a imagem da Maioria ?*

JM- O caso Fernando Gomes só é um caso porque o PSD quis fazer dele um caso. O PSD aproveitou o balanço das incompatibilidades para, dentro de uma estratégia política perfeitamente clara, para atacar personalidaes conhecidas do PS, que são bandeiras do PS. É evidente que hoje há todos os dias um ataque ao presidente da Câmara de Lisboa, que é o secretário-geral do PS, e o presidente da segunda maior Câmara do País tinha que vir a seguir.

É uma política que vai ser seguida em outros casos, porque o necessário é desacreditar pessoas que têm um prestígio político óbvio, na administração local.

Dada a atenção do PS à administração local, porque a esse nível é o maior partido português, o PSD vai fazer todas as campanhas possíveis para minimizar esse efeito eleitoral. Vai tentar conseguir através de processos administrativos e pelo controlo da informação aquilo que não conseguiu na votação.

O que é importante quanto ao Fernando Gomes é que o Governo fez uma lei expressamente contra uma pessoa, o presidente da Câmara do Porto, uma pessoa com grande prestígio no Norte. Julgo que o público português entende estas coisas.

O que o Fernando Gomes estava a fazer no Parlamento Europeu era a defesa dos interesses do Porto e do Norte, durante um tempo limitado, como ele sempre disse. Não era para ficar com dois tachos. Nada tem a ver com os escândalos do Governo, onde têm existido, aí sim, ilegalidades e atropelos à moral que qualquer administração pública deve manter.

«O caso Fernando Gomes só é um caso porque o PSD quis fazer dele um caso»

PSD e Soares

DL - *Como veria a entrada de personalidades do PSD na comissão de recandidatura do Presidente Soares ? Isso esvaziaria ou não o significado das eleições presidenciais ?*

JM - Penso que não. Penso que o Presidente Soares é o candidato proposto pelo Partido Socialista, como toda a gente sabe. A vontade do PS, reiterada no Congresso, é que ele se recandidate, e a recandidatura apenas depende do próprio Presidente.

Mas ele não é só o candidato do Partido Socialista. O apoio que hoje o dr. Mário Soares tem é muito mais vasto que o dos socialistas. Há muita gente que não é socialista e apoia Mário Soares. Até é natural que outras forças políticas, para além do PS, venham apoiar essa candidatura.

O PS não poderia impedir que outras forças políticas apoiassem essa candidatura.

Não temos problema nenhum se personalidades do PSD apoiarem Mário Soares. Não temos o exclusivo de Mário Soares, um cidadão livre para ter os apoios que representem a sua actual grande consagração na sociedade portuguesa.

Hoje, faz quase o pleno do apoio dos portugueses. A nosso ver, isso foi uma demonstração da maneira como um socialista pode exercer um cargo público com isenção, independência e apoio popular. Digamos que é uma espécie de antevisão do que poderia ser um Governo socialista.

DL - *Que pensa do fenómeno neocorporativo na sociedade portuguesa de hoje ?*

JM- Não podemos confundir um fenómeno preocupante de neo-corporativisação que se verifica em quase todos os países desenvolvidos e serve de tema a sociólogos e politólogos e a prática institucional de quase todos os Governos de países civilizados que é ouvir todas as partes interessadas (directamente interessadas, porque interessados somos todos, no fundo...) na formulação das políticas.

Já na elaboração do programa entendemos que devemos ouvir a sociedade. Nenhum partido se deve fechar sobre si próprio, sobre os seus técnicos.

A nossa concepção é de grande abertura em relação à sociedade, que passa por ouvir a sociedade. A própria organização das Comunidades tem essa representação.

Temos com princípio básico escrito que o poder político tem que ser independente do poder económico e dos outros vários poderes. O poder político tem uma legitimidade própria que resulta de representar o País.

Amnistia para todos?

DL - *Acha correcta a aprovação de uma amnistia para os casos FP-25 e rede bombista ?*

JM - Se servir para pôr fim a uma época que já passou, para reconhecer que temos enfim a democracia estabilizada, com erros mas estabilizada, a minha opinião é afirmativa. Esta declaração não vincula o partido.

Há que ter em conta, e isso é muito complicado, a natureza dos delitos cometidos.

João Isidro

FORUM

LETRA DE FORMA

PÚBLICO

De um artigo por Francisco de Sousa Tavares:

(...) As associações políticas ou simplesmente sociais de índole fascista são expressões abertas ou inconfessadas de banditismo realizado ou futuro. A nossa Constituição considera-as como tal e, longe de ser considerada a condenação do fascismo como uma manifestação pós-revolucionária, ela deve, pelo contrário, dar origem à tradução em direito penal do fascismo considerado em si mesmo como um crime e os seus servidores mentais como criminosos em potência, sujeitos como tal a uma vigilância policial activa. Não queremos em Portugal que se façam profanações de cemitérios, assassinatos a sangue-frio de homens de cor e saudações nazis. Deixemos esse folclore, se é só folclore, nas romagens anuais à campa do Ditador, que acabou por trocar o catolicismo pela religião do Poder e, embora temperado pela doçura portuguesa, andou em sinistros conúbios com os deuses pagãos da época. E interditemos a nossa terra a conferências planeadoras de crimes, que nada mais são do que isto as reuniões internacionais dos fascistas.

27.JUN.90

DIÁRIO POPULAR

De um artigo por José Preto:

(...) A excelência do exorcismo que os adolescentes concluíram no Bairro Alto, em Lisboa, só porque decidiram passar a ir para lá, é coisa apreciável. Vivendo, em regra, nas coordenadas do gratuito, a graça é mais fácil neles do que em nós — embora seja imprudente ir além desta constatação, isto não é sinal de sabedoria dos miúdos. Registe-se, todavia, a experiência. A presença de uma torrente de miúdos em festa, à porta, leva qualquer bordel ao encerramento, seja a festa dos miúdos o que for... Esta sordidez combate-se com a alegria, não com a Polícia.

Quando o debate chegar a Portugal convém que alguém o diga no momento próprio.

A primeira das medidas sanitárias é o olhar atento para a cidade deserta a partir das 23 horas, para a cidade onde a classe média não anda a pé, para a cidade onde não se pode tomar um café nem comprar cigarros à meia-noite. Esta cidade é um espaço de abandono perversamente oferecido a todos os matizes da infelicidade individual e, portanto, também a todos os matizes da sexualidade infeliz. Parece isto de uma evidência cristalina. Se é precisa agora uma resposta política ao problema da prostituição, comecemos pela primeira.

A distensão é a única medida eficaz para as rupturas construídas sob tensão... Mesmo para as da alma.

27.JUN.90

CAPITAL

De um artigo por José Vacondeus:

(...) Felizmente, ainda existe quem ponha os escrúpulos acima de todas as tentações. Mesmo as mais aliciantes.

Mas esses serão as «ovelhas ranhosas» do conjunto. Os que estragam o negócio dos que saem já de Lisboa com a ideia fixa de não se ficarem pelos mesmos substanciais ordenados fixados...

De uma forma geral, aos mais variados níveis, Macau tem constituído uma espécie de Fundo Social Europeu do Oriente. Com a vantagem de nem ser preciso preparar complicados projectos a disfarçar malabarismos de números para convencer Bruxelas. Porque ali tudo é muito mais fácil. Basta não complicar as coisas.

É que, nesse territoriozinho nos confins da China, em que a compra de influências se situa nos hábitos aceites, ninguém estranha que uma simples proposta, para levar um empreendimento por diante, se faça acompanhar da entrega simultânea de um sobrescrito com o suborno. E o montante, numa espécie de tabela fixada, está de acordo com a importância do que se pretende...

Chegou-se mesmo ao ponto de tal tráfego de favores ser comandado a milhares de quilómetros de distância. Desde Lisboa, rezam algumas crónicas, se têm mexido os cordelinhos!

27.JUN.90

público e privado

VAN GOGH, CONSOLAÇÃO PARA INCOMPREENDIDOS

Aconteceu, anos atrás, com os bronzes de Riace. Foi gente vulgar que lá se deslocou pelo facto de ter visto uma reprodução ou uma simples fotografia. E ter experimentado, súbita e fulgurante, a impressão de se encontrar perante qualquer coisa de sublime. A emoção indizível e única do «belo».

Como sucedia habitualmente com os nossos antepassados gregos e, depois, com os italianos do Renascimento, quando à sua volta se criavam grandes obras de arte: a perturbação sentida diante do Moisés de Miguel Ângelo, do David de Donatello ou do Cristo do Juízo Final.

Depois, com a época moderna, deu-se uma fractura. Mesmo nós, diante de alguns quadros de pintores contemporâneos, passamos pela experiência do belo. Mas é uma experiência pessoal nossa, não necessariamente partilhada pelos outros. Podemos dizer «agrada-me» e nada mais; o nosso vizinho não concorda; um crítico ou um **«perito»** dir-nos-á que nada entendemos. **E assim intimidados, humilhados, não abriremos a boca.** Entre nós e a emoção estética foi-se introduzindo uma casta sacerdotal que nos inculca temor, que, com os seus juízos inapeláveis, determina quais os condenados e quais os eleitos. Milhões de condenados e pouquíssimos eleitos, verdadeiras divindades da terra, como o foram - num passado recente - Picasso e Andy Warhol, e hoje, ainda vivo, Jasper John.

Não sei se eles produziram realmente coisas belas. Penso, com Jean Baudrillard, que esta arte contemporânea é agora um jogo ritual sem referências a um juízo estético. Inútil procurar-lhe uma coerência ou uma razão. Por este motivo, o valor monetário de um quadro «explode» nas mãos dos comerciantes de arte, dos especuladores financeiros, dos caprichos do mercado, que podem impedi-lo até ao cume, até à vertigem. Transforma-os em objectos sagrados que as pessoas olharão espantadas, não pela sua beleza, mas pelo preço que atingem. As almofadas metalizadas de Andy Warhol não nos suscitam qualquer tipo de emoção estética. São feitiços, ícones milagrosos; e o milagre é que todos acorrem a vê-las.Todavia, de quando em vez, há excepções, fracturas. Como aconteceu no caso dos bronzes de Riace - que levou as pessoas a deslocarem-se espontaneamente - e como hoje acontece com Van Gogh. O mar de gente que está invadindo nestes dias a Holanda é o povo que reconhece o seu artista, artista que fala a linguagem universal e indizível do «sublime».

Francesco Alberoni

Mas existe um outro motivo para esta peregrinação, uma outra emoção para além da meramente estética. Hoje, os quadros de Van Gogh foram adoptados pela tal casta sacerdotal que controla o mercado. Ainda vivo, críticos, «marchands», peritos não se tinham sequer dignado olhá-lo, deixando-o morrer desesperado e desconhecido.

Agora não. Agora apoderaram-se dele e ganham fortunas, e com ele fazem especulações de centenas de milhões. O contraste entre a miséria do artista e a riqueza destes, entre a sua vida e a vida destes, faz nascer, no coração das pessoas vulgares, o sentido de uma profunda, abissal injustiça.

Injustiça em relação a ele, em relação ao seu génio espezinhado. Mas também em relação a todos que, no mundo, fizeram alguma coisa de valor e foram injustamente humilhados e ofendidos. Quem o não recorda, quem o não sabe? Quem foi que não experimentou, ao menos uma vez na vida, este injusto padecimento?

Para os que vão ver os seus quadros, Van Gogh não é só um pintor sublime: é ainda o emblema, o símbolo, a encarnação de todos aqueles injustamente tratados pela presunção, pela arrogância, pela ingratidão humana. Como o terrível símbolo do Cristianismo, o Crucifixo. Que nos recorda - quando nele conseguimos pensar - a infinita e universal injustiça da existência. E contra essa injustiça se levanta o protesto de todos os corações.

Exclusivo «Corriere della Sera»

(trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

OS SOCIALISTAS E O BCP

O presidente do Banco Comercial Português, Jardim Gonçalves, teve a suprema *«bondade»* de incluir sete mulheres nos mais de mil trabalhadores da empresa. Levou com uma queixa no Tribunal Europeu e a pressão das Organizações de Mulheres.

O secretário-geral do Partido Socialista, Jorge Sampaio, dos quase mil delegados ao Congresso, teve a *«condescendência»* de meter 6 mulheres nos primeiros 100 lugares da Comissão Nacional. Não se registaram protestos.

Dois homens, de Filosofias e Morais opostas, conduzem, afinal, ao mesmo resultado: a exclusão das mulheres do trabalho e da política. Jardim Gonçalves, estagnado em teses católicas ortodoxas e apragmática terrena teoria de que os fins (lucro) justificam os meios (a pseudo-eficácia masculina), assume um ódio cruzadista contra as mulheres. Di-lo alto e bom som, indiferente às criticas. É combatido.

Jorge Sampaio, oriundo das lutas académicas de 60 - década da revolução sexual - não rectificou a habitual hostilidade dos socialistas portugueses à participação feminina. Neste Congresso, a percentagem de mulheres nos órgãos dirigentes diminuiu, atingindo uma proporção caricata. A estupefacção impede o protesto, tinha acontecido o mesmo nas eleições locais.

Jorge Sampaio, já no discurso programático proferido no American Club, em 21 de Dezembro de 1989, esqueceu-se de referir, numa simples linha, esta questão. Ficou-se pela Revolução Francesa e Americana. Depois disso - dizia-me Helena Roseta - da Revolução Industrial, sexual dos anos 60, ecológica dos anos 80, dos países de Leste nos anos 90. Estes movimentos alteraram e ajustaram os valores emanados das duas primeiras. E de que maneira...

O dirigente do Partido Socialista, ex-membro do Conselho da Europa não pode ignorar as determinações deste e doutros organismos internacionais. Este mês, em Aarhus, na Dinamarca, uma conferência patrocinada pelo Conselho da Europa intitulava-se *«Quanto tempo ainda vamos tolerar uma semi-democracia?»*. Foi ali defendida a paridade, enquanto os socialistas apostam no *«extermínio»*...

Eficácia e «curriculum»

Jardim Gonçalves justifica tudo em termos de eficácia. As mulheres engravidam, ficam em casa quando os filhos adoecem, têm dificuldade em prolongar os horários ou prescindir dos fins-de-semana. Ora, Jardim Gonçalves, acérrimo defensor da família, penaliza a maternidade e sacraliza o trabalho.

Fernanda Mestrinho

Uma sugestão: cada vez que a esposa de um empregado do BCP falte no respectivo local de trabalho, a empresa deve enviar metade da factura a Jardim Gonçalves. Aliás, as estatísticas provam (até peca baixa de natalidade) que as razões apontadas são irrelevantes no cômputo geral da vida profissional de uma mulher. São apenas pretextos que justificam os preconceitos.

Os homens da política excluem as mulheres argumentando falta de *«curriculum»* - conforme me dizia um dirigente socialista. Responde-se com uma gargalhada. Ministros que passam da Justiça para a Defesa e do Turismo para os Transportes, não se lhes exigem qualificação. É, pois, uma descarada mistificação pedir às mulheres o que dispensam para eles.

Os socialistas não têm autoridade para criticar o BCP como para Elisa Damião, dirigente do PS e da UGT, protestar junto do Jardim Gonçalves, se no partido ainda é pior? Como podem fazer o discurso da igualdade? O PSD, ao menos tem uma mulher n oTribunal Constitucional, uma vice-presidente da Assembleia da República e também no Governo.

Helena Roseta esteve para Sá Carneiro como Leonor Beleza para Cavaco Silva. Duas equipas com história diferente. O autoritarismo de Leonor Beleza foi sempre apreciado por *eles*, a irreverência de Helena Roseta sempre incómoda. Os militantes do PPD podem comparar, agora, estes dois percursos políticos.

Os socialistas nem isso podem. Ficam-se por um desafio de futebol com o BCP entre solteiros e casados.

TEMPRA.
VIAGEM DE VANGUARDA.

Pense num automóvel de três volumes. Elegante, com o Cx mais baixo da sua categoria. Cómodo, com o habitáculo excepcionalmente amplo. Espaçoso, com a maior bagageira na sua classe. Protegido, com a carroçaria inteiramente zincada nas partes expostas aos agentes atmosféricos. Seguro, com o motor transversal, a tracção anterior, as suspensões de rodas independentes, o duplo circuito de travagem cruzado. Imagine-o ágil e fácil de conduzir, com performances notáveis.

Se pensou numa viagem de vanguarda, a viagem começa com o Fiat Tempra.

Tempra 1.4 SX-78 CV-172 km/h • Tempra 1.6-86 CV-177 km/h • Tempra 1.6 SX - 86 CV - 177 km/h • Tempra 1.9 turbodiesel SX - 92 CV - 178 km/h. FIAT

Encargos anuais: Consumo - 74.340$00 a 154.635$00 • Seg. Ob. Resp. Civil - 21.983$00 a 24.745$00 • Imp. S/ Veíc. - 2.840$00 a 4.630$00 • Imp. Compensação - 42.000$00 • Base 15.000km • Abril 1990.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutelo

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

FORUM

AUDÍMETRO: ÁUDIO A METRO

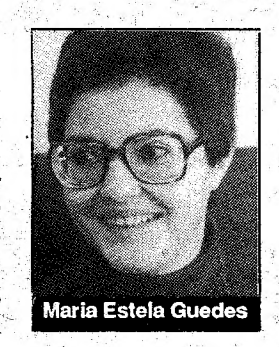
Você já tem um audímetro? Felizardo!... Quanto lhe paga a RTP para a deixar meter-lhe o audímetro em casa? E pagam-lhe só a colocação do aparelho ou também o tempo de funcionamento? Preciso de saber essas coisas, é importante. Só sei que a RTP tem disponíveis quinhentos audímetros para distribuir por quinhentas famílias. Espero ter mérito suficiente para vir a ser um dos gloriosos contemplados.

Não me importo nada que a RTP me ponha o audímetro em casa, se houver pagamentímetro e algumas regalias sociais: afinal, só tenho de ligar o televisor de manhã, antes de ir trabalhar, e ele fica ali a deixar-se audimedir sozinho. Se o negócio compensar, até comprava outro televisor, para ter dois canais permanentemente ligados, e pedia à RTP que me pusesse em casa dois altímetros... Altímetros?! Enganei-me, desculpem: o aparelho também mede a altura do som do televisor, mas realmente chama-se audímetro. Último grito da tecnologia de ponta, dizem que serve para medir os índices de audiência, ou seja: a coisa, ligada ao televisor, não mede os impulsos do televisor, mede os impulsos de amor e ódio do espectador em relação aos programas. Fantástico! Nem num romance de ficção científica!

Acho bem. Eu, se fosse dona de uma emissora, sobretudo com a concorrência da televisão privada à porta, também havia de querer saber o que não sei: se os jogos de futebol têm muita ou pouca audiência, o que acontece aos taxímetros quando um desgraçado se mete num táxi quase à hora de um jogo importante na televisão, se as pessoas vêem ou não as telenovelas, e a acção que estas exercem sobre os telefones. Onde vai o tempo em que era indelicado telefonar depois das dez da noite? Agora, é imperdoável ligar à hora da telenovela. Quando acaba, as linhas empanturram-se de tal maneira que já não se consegue falar com ninguém. E havia de querer saber quantas dúzias de anormais ligam para o segundo canal nas segundas-feiras à noite, e quantos milhões de normais ficam em êxtase diante do «Domingo Desportivo». É para saber estas coisas misteriosas e dificílimas que a RTP vai instalar quinhentos espionímetros na casa de quinhentos privilegiados. O aparelho espia a que horas se liga o televisor, a que horas se desliga, em que ponto da emissão o espectador levanta ou baixa o som, ou muda de canal. Aumentar o volume de som significa imenso interesse, e baixá-lo quer dizer que os anunciantes vão passar a publicidade para a televisão privada.

Tenho umas dúvidas a respeito da infabilidade do altruímetro, que é o aparelho que na RTP recebe as informações do audímetro. O altruímetro, ou patriotímetro, destina-se a tirar do *écran* o que os milhões de portugueses não querem ver e a pôr nele o que mais amam: futebol, andebol, voleibol, corridas pesdestres, gincanas e, sobretudo, mais futebol, porque as praí quinze horas semanais de desporto na televisão são uma pobreza franciscana. Podem ocupar o tempo todo de emissão, basta para isso a informação do futebolímetro. A RTP tem de levar em conta os que instalam parabólicas para verem unicamente o canal que só passa desporto.

As minhas dúvidas, vejamos, decorrem da experiência pessoal com a televisão, que, agora, por exemplo, está além a dizer não sei quê sobre o actual campeão do berlinde, enquanto o potencial telespectador está aqui a falar de audiencímetro. Veja-se o caso do meu pai, que é surdo, e põe a família em polvorosa naqueles raros momentos em que se fala Português na televisão. Dirá o patriotímetro: aí está um indicador seguro de que um dos programas mais apreciados é o Boletim Meteorológico! Mentira, o meu pai prefere os filmes da meia-noite, fica sozinho a vê-los quando o resto do pessoal já recolheu a penates, e tira-lhes o som porque os filmes têm legendas. Dirá o altruímetro: temos de retirar os filmes da programação, ninguém lhes liga pevide. Veja-se o caso das donas de casa, que levantam o som quando estão na cozinha a fritar os carapaus, o altruímetro, lá na RTP, até se deve transformar em saltímetro com a alegria: veja-se a atenção que a audiência dá ao «Jogo de Cartas»! Considere-se agora o caso de crianças como os meus sobrinhos, que ficam em hipnose diante dos anúncios publicitários, fenómeno que parece ser extensivo à generalidade dos miúdos de três a a cinco anos: a RTP vai inundar o *écran* com publicidade, fiada na volúpia consumidora dos espectadores! Só o perigo que isto já é causa um certo arrepio.


Maria Estela Guedes

Às vezes, perguntam-nos em que época mais gostaríamos de viver, se pudéssemos escolher, e até há quem goste do Quaternário! Eu tenho pena de a vida não esticar ao menos durante mais trezentos anos, só porque adorava saber que maravilhas tecnológicas aparecerão no futuro. Creio que o audímetro vai evoluir mais que os computadores. Sabe-se lá se um dia tal aparelho não medirá também os gostos do espectador, se tira ou não tira carneirinhos do nariz durante um recital de piano, se não terá olhos para censurar quem faz croché em vez de ver os programas, se não registará as palavras do pobre ao ouvir as declarações dos ministros, se não terá boca para lhe dar um berro quando ferra no sono bem a meio do hino nacional, se não terá mãos para lhe pregar um estalo quando comete a traição de desligar justamente no momento em que a bandeira aparece no *écran*. Sabe-se lá se, um dia, o audímetro não evoluirá para pessoímetro. Um dia, podemos vir a ficar mais massificados que esparguete. Normalizados como a fruta, bem iguaizinhos uns aos outros como o audiencímetro quer.

P.F.! HAJA PAPEL TIMBRADO PARA O MINISTÉRIO PÚBLICO!

Por José Gama Vieira

Neste País, pode-se passar do extinto socialismo original ao não menos original liberalismo hodierno, e ficar-se na mesma — o que não se dispensa é a originalidade.

Uma delas, e não pequena, é que um corpo de magistrados tão importante como o Ministério Público não tem instalações próprias!

E, todavia, segundo o Art.º 221 da Constituição, «ao Ministério Público compete representar o Estado»!

E como tem o Estado esta sua representação?

Sim, o Estado que na mesma Constituição diz que o *Ministério Público goza de autonomia?*

Que no tempo de Salazar o Ministério Público tivesse umas salas nos tribunais, não se justifica, mas compreende-se!

Agora, porém, senhores!, em que, de Leste a Oeste, se pede «menos Estado e melhor Estado» é um insulto ter a constitucional representação do mesmo Estado espalhada pelas salas e corredores dos tribunais.

Será, todavia, de mais, neste momento de *joint-ventures*, despedir investimento em instalações para o MP?

Então, ao menos que lhe dêem papel próprio, timbrado!

E, também, para cumprimento da melhor legalidade democrática que a mesma Constituição manda o MP defender, que dêem aos seus magistrados uns carimbos como resulta de uma orientação tão boa como a do despacho publicado no DR, 2.ª Série de 12.01.89, e nunca suficientemente louvada, em que o primeiro-ministro determinou que se passasse a perceber o nome de quem fazia as coisas — mais que não fosse, apondo por baixo do habitual «assinatura ilegível» um carimbo com o nome!

E é claro: não basta o carimbo, é preciso a respectiva almofada de tinta.

E que depois não haja erros ortográficos, no timbre ou no carimbo.

Embora possa haver quem ache que nem nos fique mal o figurino de uma paróquia perdida na CEE, não se deve — recordando um caso remoto! — usar carimbo com erros do género: «Concelho de Ministros».

Ficaria mal ao processo, mesmo quando não se gosta de *dossiers*!

Além do prestígio, há a clareza: com papel timbrado e carimbo nos processos, fica a saber-se rapidamente, pelo simples relançar da vista sobre a folha, onde estão as promoções do MP e os despachos e sentenças dos juízes, ou as simples cotas dos funcionários judiciais.

Para perturbação já basta que as pessoas, nas salas dos nossos tribunais, quando, humildes portugueses, levantam os olhos para cima, digam invariavelmente e cautelarmente: «Saiba V. Ex.ª, senhor dr. Juiz...!» quer estejam a responder ao juiz quer estejam a ser interrogados pelo delegado do Ministério Público, sentado ao lado e ao mesmo nível daquele, numa magistral confusão!

INTERNACIONAL

Tentativa dos radicais, de adiamento do Congresso do PCUS, pode amanhã fracassar

Documento aponta para «socialismo humanista»

A tentativa desesperada dos reformadores radicais de conter a maré conservadora na União Soviética poderá sair gorada pelo plenário do PCUS que se reune amanhã em Moscovo. Com efeito, o principal ideólogo do regime, Vadim Medvedev mostrou-se confiante em que o Congresso do partido será efectuado na próxima semana, como inicialmente estava previsto.

Falando em conferência de Imprensa, Medvedev adiantou que «a grande maioria dos líderes das repúblicas e regiões está a favor da manutenção das datas já estabelecidas», assegurando que essa é «a opinião predominante» no partido.

«O comboio já partiu da estação»

«Penso que o Congresso se iniciará, como previsto, em 2 de Julho», referiu o ideólogo, acrescentando, em tom humorado: «O comboio já partiu da estação».

O presidente da Federação russa, Boris Ieltsin, previu na terça-feira que iria registar-se «uma verdadeira batalha» na reunião de amanhã do Comité Central sobre se o Congresso deverá ser realizado em Julho ou adiado para o Outono.

Gorbachev pretende que o XXVIII Congresso do PCUS constitua uma lufada de ar fresco capaz de restaurar a decrescente autoridade do partido.

PC com menos autoridade

Ontem o PC soviético reconheceu que a sua autoridade tinha decaído, num projecto de declaração publicado no jornal oficial «Pravda» e que será apresentado ao Congresso, na qualidade de documento programático.

O projecto foi preparado por representantes das chamadas Plataforma Democrática e Plataforma Marxista, duas correntes reformistas surgidas no seio do partido em vésperas do Congresso e que promovem propostas alternativas às do Comité Central.

Pela primeira vez, um projecto de declaração não menciona o marxismo-leninismo como ideologia do PCUS e aponta para um «rumo ao socialismo democrático e humanista».

Outra novidade da declaração consiste no facto de não mencionar o centralismo democrático como princípio básico da estrutura interna do partido, que foi utilizado por Estaline para o converter num instrumento do totalitarismo.

Este Congresso é aliás considerado crucial para o futuro das transformações, tanto no Partido Comunista como no Governo da União Soviética.

Conversações úteis sobre a Lituânia

Entretanto o Presidente lituano, Vitautas Landsberguis disse que manteve ontem conservações úteis com o Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, sobre a declaração de independência da Lituânia.

Landsberguis não disse, no entanto, se surgiu alguma perspectiva imediata de desbloqueamento do impasse sobre o conflito que opõe a sua república ao Kremlin.

Landsberguis, que chefiou uma delegação que se deslocou a Moscovo, encontra-se dividido sobre o apoio a uma proposta do Governo da primeira-ministra, Kazimiera Prunskiene, no sentido de a república congelar temporariamente a sua declaração de independência, como forma de acabar com 15 semanas de crise.

Esta posição é a mais próxima da adoptada por Gorbachev.

Muitos parlamentares de Vilna estão relutantes em aceitar esta fórmula. Receiam que Moscovo possa adoptar medidas para bloquear a independência enquanto o processo estiver temporariamente suspenso.

Redacção «DL»/ Lusa/AFP

Direitos de minorias na origem do desacordo

França quase compromete reunião CSCE

A preocupação da França com as suas minorias bretã e corsa quase que comprometeu à última hora o documento final da reunião de Direitos Humanos da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE) que amanhã termina em Copenhague. As reservas francesas, às quais se vieram juntar a de vários países balcânicos, diziam respeito a uma alínea da proposta de declaração em que se previa o ensino das minorias nas suas próprias línguas e a presença destas no aparelho administrativo. O impasse, no entanto, já foi ultrapassado, «com uma solução mediana que poderá obter o consenso», segundo declarou o chefe da delegação húngara.

Uma outra fonte diplomática adiantou que o documento final a ser divulgado sofreu emendas e fez «importantes concessões» à França. A intenção deste documento é reforçar a revolução democrática na Europa de Leste. Um representante de uma delegação leste-europeia, que pediu anonimato, lamentou a posição francesa, afirmando que as emendas sobre o problema das minorias «diminuem de forma substancial as decisões tomadas em Viena» pelos 35 países da CSCE (todos os europeus - excepto a Albânia - EUA e Canadá).

Uma reunião semelhante a esta que está a decorrer em Copenhague foi efectuada no ano passado em Paris. Terminou sem a emissão de qualquer declaração final, devido ao facto da CSCE operar na base do consenso e o desacordo de qualquer membro ser suficiente para inviabilizar uma conclusão geral. No ano passado, o fracasso ficou a dever-se às objecções levantadas pela Roménia.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Fábrica de Rabta leva alemão à cadeia

O escândalo provocado na RFA pela construção da fábrica líbia de Rabta, destinada, segundo o Ocidente, à produção de armas químicas, encontrou ontem o seu primeiro epílogo judiciário com a condenação a cinco anos de prisão do director da empresa oeste-alemã que forneceu os planos e equipamentos do projecto.

A Justiça da RFA demorou mais de um ano para a instução do dossier de Juergen Ippenstiel-Imhausen, de 49 anos, principal acusado de um caso em que outros quinze réus aguardam julgamento. O industrial, que se manteve em silêncio durante 13 meses em prisão preventiva, reconheceu agora a sua culpabilidade neste processo e declarou esperar que a sua confissão servisse para acabar com a campanha internacional de desagrado contra a RFA, gerada com este caso. O antigo director da Imhausen Chemie GmbH, culpado de infraccionar a legislação do comércio externo do seu país e de dissimulação fiscal, tinha corroborado até agora as declarações das autoridades líbias, ao alegar que a fábrica de Rabta se destinava à exclusiva produção de produtos farmacêuticos.

AFP

Acordo em Viena sobre armamento convencial

Nas negociações de Viena sobre o desarmamento convencional na Europa (CFE), o Leste e o Oeste chegaram a acordo sobre a definição das listas de carros e veículos blindados de combate existentes entre as duas alianças.

Este acordo, segundo uma fonte diplomática citada pela Agência France Presse, foi qualificado como um «grande passo» no sentido da assinatura do primeiro tratado sobre o desarmamento convencional, previsto para o Outono. Depois de algumas alterações «linguísticas», a delegação soviética abandonou os obstáculos que punha acerca do acordo político conseguido a 14 de Junho na capital austríaca sobre a definição exacta do número de carros e veículos blindados de combate disponíveis pelas duas alianças militares. O acordo político, que é o resultado de uma proposta conjunta apresentada pelas delegações da França e da Polónia, limita para 20 mil o número de carros de combate e para 30 mil o de blindados, que cada uma das alianças militares pode ter, na área compreendida entre o Atlântico e os Urais.

As negociações de Viena incluem igualmente uma redução de outro tipo de armamentos. Para além dos carros e veículos blindados de combate, as discussões incidem na redução dos efectivos militares, artilharia, aviões e helicópteros. Estes dois últimos são considerados como a parte mais difícil das negociações. A União Soviética não quer incluir no lote das forças militares a reduzir a contabilização de alguns dos aparelhos de intercepção, assim como os aviões da Marinha estacionados em terra.

No que se refere aos efectivos militares, a NATO considera que a questão ficou definida com os acordos de Ottawa, no Canadá, limitando a 195 mil as tropas soviéticas e americanas na Europa Central. Mas a URSS não está satisfeita com esta solução, devido ao novo contexto resultante da próxima unificação da Alemanha.

As negociações do tratado sobre o desarmamento convencional na Europa estão a ser seguidas com bastante atenção por todos os países membros, uma vez que que a sua assinatura abre as portas para a convocação da cimeira dos 35 países do Conselho de Segurança e Cooperação da Europa prevista para Dezembro em Paris.

Redacção «DL»/AFP

Informação

GREVE NAS LIGAÇÕES FLUVIAIS LISBOA - BARREIRO

NO DIA 29 de Junho de 1990

A ligação Fluvial entre Lisboa e Barreiro na próxima sexta-feira 29 de Junho — face à greve decretada pela Federação dos Sindicatos Ferroviários e pelo Sindicato dos Profissionais de Máquinas da Marinha Mercante de Portugal — sofrerá alterações. Assim, entre as 05.00h e as 6h 30m da manhã não haverá barcos e no restante período do dia funcinarão 4 dos 7 barcos habituais.

Face a esta situação, a CP promove um reforço por meios rodoviários (30 autocarros) entre Barreiro (Palácio de Coimbra) e Lisboa (Praça de Espanha) nos seguintes períodos: das 05.00h às 10.00h e das 16.00h às 20.00h.

Informação difundida pela Divisão de
Relações Públicas da CP
Lisboa, 27 de Junho de 1990.

Caminhos de Ferro Portugueses

Em reunião preparatória do Terceiro Congresso do MPLA

Luanda discute reformas políticas

Iniciaram-se ontem em Luanda os trabalhos da 25ª sessão do Comité Central (CC) do MPLA-PT que deverá examinar nos pontos principais da sua agenda a situação política e económica em Angola, assim como aplicação do plano de paz do Governo, para pôr fim a 16 anos de guerra civil no país.

A reunião, com uma duração prevista de três dias, está a ser considerada pelos observadores como a mais importante realizada desde a independência. Desta sessão de trabalhos deverão sair as grandes linhas de orientação das reformas políticas a introduzir no país, no sentido de uma maior democratização do regime.

Um dos pontos principais do debate incidirá na definição da data exacta do Terceiro Congresso do MPLA-PT, que, prevê-se, irá realizar-se durante os meses de Novembro ou Dezembro.

As conclusões dos encontros realizados este mês em Oeiras entre as delegações do MPLA e a UNITA vão ser objecto de uma análise detalhada, assim como as propostas a avançar na próxima ronda de conversações anunciada para a primeira quinzena de Julho em Portugal. Neste ponto assume particular destaque o papel a conceder à UNITA após os acordos de cessar-fogo.

No que se refere ao MPLA, o CC irá estabelecer as novas directrizes no sentido da alteração dos métodos administrativos da direcção do partido, a eventual separação entre o Estado e o partido e a reforma das suas estruturas internas.

Recentemente, numa entrevista concedida por José Eduardo dos Santos a dois jornalistas sul-africanos, o Presidente angolano adimitiu a hipótese de submeter a referendo a questão do futuro regime político. A opção reside entre a continuação de um sistema de partido único ou a introdução do pluripartidarismo.

Corredores da paz

O Líder da UNITA, Jonas Savimbi, propôs o estabelecimento em Angola de «corredores da paz», desmilitarizados, com o objectivo de fazer chegar às regiões mais afectadas pela fome a ajuda alimentar internacional. A proposta do líder rebelde foi transmitida a José Eduardo dos Santos, assim como aos presidentes George Bush e Mikhail Gorbachov.

Redacção «DL»/AFP

B R E V E S

Aumento de preços provoca motins em Lusaca

Mais de 20 mortos e 500 feridos é o resultado dos confrontos verificados na capital zambiana entre manifestantes e a polícia desde que, na passada segunda-feira, a população se amotinou para protestar contra os aumentos de 100 por cento do preço da farinha. As últimas informações apontam para um alastramento dos motins a outras regiões do país.

Mandela nos EUA justifica a luta armada

O líder anti-apartheid, Nelson Mandela, afirmou ontem em Atlanta, justificando a legitimidade da luta armada, que a política da não viôlencia é possivel apenas quando as condições o permitem. O vice-presidente do ANC, que visitou ontem o túmulo de Martim Luther King naquela cidade, berço da luta pelos direitos dos negros norte-americanos nos anos 60, manifestou-se ainda radiante com a decisão da CEE de manter as sanções contra Pretória.

Comandante Franklin entrega armas a Violeta Chamorro

Guerra civil termina na Nicarágua

Israel Galeano, o Comandante Franklin, dirigiu-se a Violeta Chamorro e entregou-lhe a arma. Esta foi de imediato passada ao general espanhol Agustin Quesada, chefe dos «capacetes azuis» da ONU na América Central. Este acto simbólico, que ontem decorreu na praça da igreja de São Pedro de Lovago, a 250 quilómetros de Manágua, marcou o fim dos dez anos de guerra civil na Nicarágua, tendo os últimos 120 «contras» entregado armas aos novos governantes do país.

«A nossa missão está cumprida, já que um Governo democrático foi eleito», disse o Comandante Franklin, um antigo camponês de 30 anos de idade, visivelmente emocionado. Chamorro beijou os líderes da guerrilha anti-sandinista, declarando-se «orgulhosa de que as armas tenham sido depostas» e apelando à reconciliação nacional dizendo que «devemos perdoar-nos».

A desmobilização dos «contras», ocorrida cerca de dois meses depois da tomada de posse de Chamorro, vem pôr fim a um conflito que causou aproximadamente 50 mil mortos (numa população de pouco mais de três milhões), muitos dos quais civis, e danos materiais estimados em 15 mil milhões de dólares. Os 120 que ontem entregaram armas foram os últimos de um contingente calculado em 18 mil homens.

O Comandante Franklin e os restantes líderes rebeldes assinaram um documento em que asseguram não ter escondido armas e prometem contribuir para a paz no país. Durante a cerimónia de ontem em São Pedro de Lozano, a que também assistiu o cardeal Miguel Obando y Bravo, a presidente Chamorro pediu mais uma vez aos rebeldes que não escondessem nenhuma arma para que se pudesse pôr fim ao clima de desconfiança entre sandinistas e «contras».

A «contra» foi constituída logo após o derrube do ditador Anastácio Somoza, em Julho de 1979. O filho de Somoza reuniu nas Honduras cerca de 400 oficiais e soldados da antiga Guarda Nacional que a partir de 1980 começaram a lançar acções armadas contra os sandinistas. Em 1981 este grupo passou a chamar-se Força Democrática Nicaraguense (FDN).

A partir desse ano, o carácter «somozista» dos «contra» foi modificado com a incorporação de diversos desiludidos do sandi-nismo, o mais famoso dos quais, na altura, era Eden Pastora, o Comandante Zero, responsável por ataques espectaculares às forças de Somoza. Pastora fundou a ARDE - Aliança Revolucionária Democrática Nicaraguense, na Costa Rica.

Este período coincidiu com o «reaganismo» nos Estados Unidos da América, tendo o presidente norte-americano apoiado os «contras» (a quem chamava «combatentes da liberdade») de todas as formas possíveis, ao mesmo tempo que impunha um rigoroso embargo à Nicarágua, com graves consequências para o país cuja economia é extremamente dependente dos EUA.

Até 1987 os efectivos dos «contra» aumentaram para 20 mil homens, embora em 1984 o Congresso norte-americano tenha proibido o auxílio militar e financeiro aos rebeldes. No entanto, com o o dinheiro obtido com a venda de armas ao Irão, os EUA continuaram a apoiar os «contra», facto que esteve na origem do célebre escândalo «Irão-Contras».

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Os últimos «Contras» depõem as armas aos pés de Chamorro

Críticas europeias incomodam Israel

O Governo israelita considerou «totalmente despropositadas» as críticas dos líderes da Comunidade Europeia contra a actuação das tropas de Israel nos territórios ocupados da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. Os dirigentes dos Doze emitiram terça-feira, no final da cimeira de Dublin, um comunicado lamentando a actuação de Israel e condenando a violação dos direitos humanos nos territórios árabes ocupados. Os Doze declararam ainda que a Comunidade iria duplicar a ajuda aos palestinianos residentes na Cisjordânia e Faixa de Gaza.

Um comunicado do Ministério israelita dos Negócios Estrangeiros, ontem divulgado, lamenta esta posição dos líderes comunitários e afirma que Israel rejeita a acusação de que não está a agir de acordo com a quarta Convenção de Genebra sobre os direitos humanos. «Lamentamos a falta de um apelo explícito aos palestinianos para refrearem os seus actos de terror violento, dando assim a sua contribuição para uma solução política», refere o comunicado israelita.

Alemanhas põem água na fervura

O Estado judaico garantiu entretanto às presidentes dos Parlamentos das duas Alemanhas - que terminaram ontem uma visita de três dias a Israel - que não colocará quaisquer obstáculos à unificação alemã. O entendimento entre os três países inclui a promessa de que a Alemanha unificada apoiará Israel no conflito com os palestinianos, usando a sua influência para atenuar as críticas crescentes da Comunidade Europeia relativamente ao Estado judaico.

O primeiro-ministro Yitzhak Shamir «deu-nos um sim incondicional à união das duas Alemanhas», disse Rita Suessmuth, da RFA, no final desta sua visita a Israel, acompanhada da sua homóloga leste-alemã, Sabine Bargmann-Pohl.

A boa vontade entre as representantes alemãs e as autoridades israelitas foi apenas ensombrada pela recusa do presidente do Parlamento israelita, Dov Shilansky, em receber oficialmente as suas homólogas das Alemanhas.

Shilansky, um sobrevivente do campo de concentração nazi de Dachau, recebeu no entanto as visitantes em sua casa, em Jerusalém, e relatou-lhes algumas das atrocidades de que foi vítima sob o regime nazi. Rita Suessmuth e Sabine Bergmann recusaram-se a revelar pormenores sobre esta conversa, alegando que a visita foi privada.

Redacção «DL»/Lusa

FESTAS POPULARES
JUNHO
Festão em papel e plástico.
Balões Globos – Lanternas – Aeróstatos – Grinaldas – Bandeiras – Flores de papel
Fogos de artifício para crianças e adultos e muitos mais artigos para todos os géneros de festas.
ALMEIDA e OLIVEIRA, Lda.
Armazenista – Retalhista
Trav. Nova S. Domingos, 8 a 14
Tel. 328566 – 1100 Lisboa

QUOTIDIANO

Mudanças no trânsito das Avenidas Novas

A partir de 15 de Julho, os carros particulares voltarão a descer a Duque de Loulé. No pino do Verão, poderá mudar o esquema de circulação nas Avenidas Novas

Em Agosto, segundo apurou o «DL», poderá começar a ser aplicado o novo esquema de circulação nas Avenidas Novas, apresentadao ontem pelo vereador Machado Rodrigues na reunião pública da Câmara Municipal de Lisboa e que ainda está em apreciação junto das entidades interessadas (moradores). A votação do conjunto de propostas ocorrerá ainda em Julho.

Com o novo esquema reduzem-se ao mínimo os sentidos únicos naquela zona: acabam os sentidos «contra-natura», e regressam os dois sentidos às avenidas 5 de Outubro e Defensores de Chaves.

Outra grande novidade é a transformação o esquema praticado nas avenidas João Crisóstomo e Miguel Bombarda. Em ambas será retirado o separador central, a largura dos passeios aumentará de 1,5 para seis metros, o estacionamento autorizado passará a ser feito em espinha e só de um lado, ficando aquelas avenidas com três faixas de rodagem num só sentido. Além destas mudanças, vão verificar-se já no próximo dia 15 de Julho outras igualmente relevantes na Avenida Duque de Loulé: o corredor de autocarros, aqui existente, de sentido «contra-natura» e que subia em direcção à Praça José Fontana, vai ser eliminado; desta forma os carros particulares, além de continuarem a circular na faixa esquerda (no sentido ascendente) poderão voltar a descer aquela artéria em direcção ao Marquês de Pombal.

De acordo com as intenções do Município, a introdução destas transformações será acompanhada pela construção de 6 silos-auto com efeito dissuasor nos congestionamentos de trânsito, uma vez que, no total, terão capacidade para albergar cerca de 4.000 veículos.

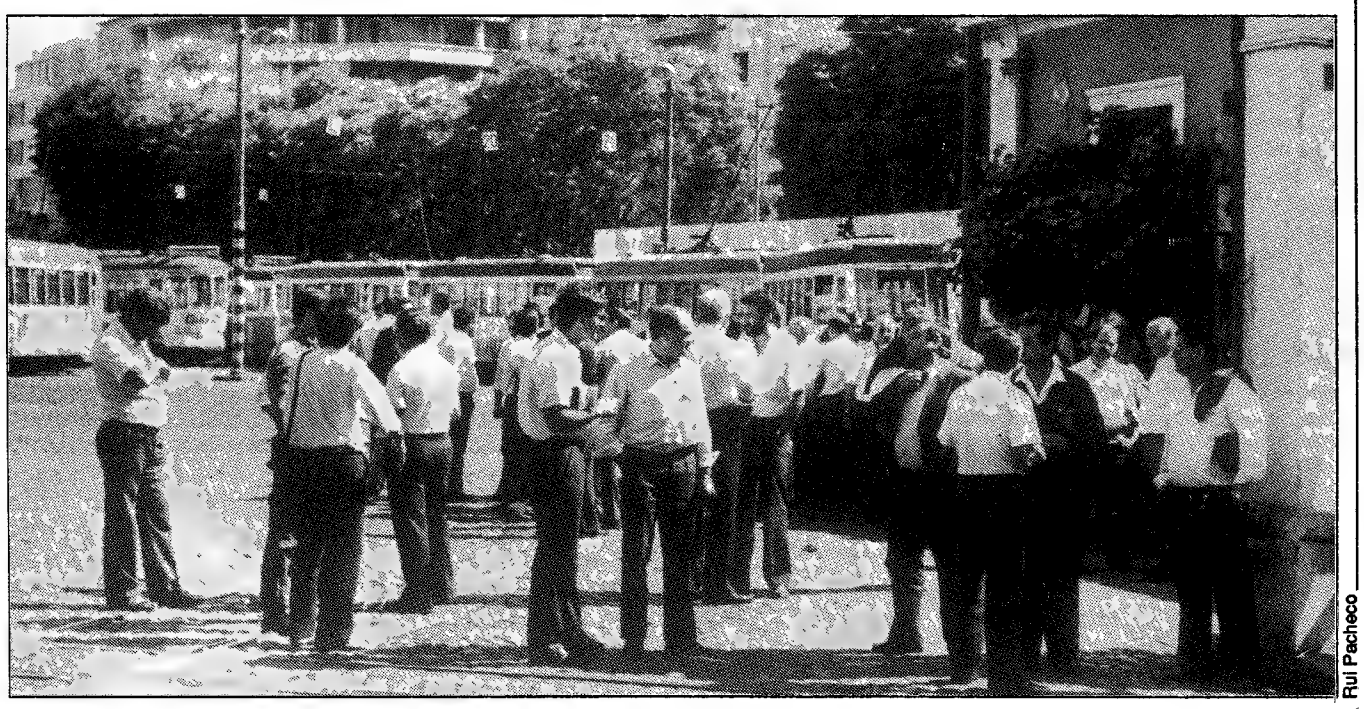
De salientar que ainda estão em discussão alterações no esquema de circulação das zona próximas à rotunda da estátua de António José de Almeida.

Relativamente às regras a aplicar às cargas e descargas e à circulação de mercadorias perigosas foram divulgados alguns aspectos da proposta base que, tal como nos casos anteriores, está a ser submetida à discussão com os interessados. Machado Rodrigues sublinhou o facto de a Câmara ter pretendido encontrar um sistema de fácil compreensão e fiscalização.

Se o documento for aprovado, as cargas e descargas que envolvam veículos com mais de 3,5 toneladas ficarão proibidas entre as 8 e as 10 horas da manhã e as 5 e as 8 horas da tarde no interior de uma zona circunscrita pela Avenida D. Carlos I, S. Bento, Largo do Rato, Amoreiras, Parque Eduardo VII, Saldanha, Praça do Chile, Avenida Afonso III e Xabregas. No Bairro Alto a circulação poderá ser proibida a veículos com mais de 10 toneladas e na colina do Castelo as restrições incidirão sobre os veículos com mais de 3,5 toneladas ou que transportem um número superior a 25 passageiros. Nas áreas reservadas a peões, como o caso da Rua Augusta as cargas e descargas só serão autorizadas fora do período compreendido entre as 10 horas e as 11.30 da manhã e as 3 e as 5 horas da tarde.

No que diz respeito ao transporte de mercadorias perigosas, a Câmara poderá proibir a sua circulação nos túneis da cidade e nos acessos à ponte 25 de Abril, em horas de ponta. Na sessão de ontem, Jorge Sampaio falando sobre a questão das dívidas para com a Câmara, insistiu que 80 por cento destas são da responsabilidade directa do Estado.

Luísa Alexandra Botinas



Rui Pacheco

Administração da Carris proibiu a presença da Comunicação Social no plenário de trabalhadores

Carris em greve no próximo mês

A recusa às horas extraordinárias durante a semana de 2 a 9 de Julho é a primeira fase da luta dos trabalhadores da Carris, decidida hoje durante o plenário que decorreu entre as 10 e as 14 horas, com recolha da frota.

Caso a empresa não dê uma resposta positiva às exigências constantes no «caderno reivindicativo» apresentado pelos sindicatos da CGTP e UGT (Festru e Sitra), a luta prosseguirá logo no dia 10 com uma greve entre as 5 e as 8 horas, e com outra, no dia 12, entre as 16 e as 19 horas, abrangendo assim as horas de ponta. Em causa está a negociação das carreiras profissionais, uma correcção salarial de 4 contos mensais com retroactivos a Janeiro, redução dos horários para um máximo de 40 horas e o respeito pelos direitos adquiridos.

Mas também noutras empresas do sector dos transportes há problemas: amanhã, a CP vê-se obrigada a suprimir algumas das carreiras da ligação fluvial Lisboa-Barreiro devido à greve daqueles trabalhadores. Assim, entre as 5 e as 6.30 horas não haverá barcos, enquanto no restante período apenas funcionarão quatro dos sete barcos habituais.

Por sua vez, os técnicos de informação e comunicações aeronáuticas da ANA iniciam às zero horas de amanhã uma greve total de seis dias, protestanto contra a decisão unilateral da empresa de romper as negociações salariais e de reestruturação de carreiras.

E.A.

Acesso à universidade: média atinge 54,6

A nota média, a nível nacional, da Prova Geral de Acesso ao Ensino Superior (PGA) é de 54,6, afirmou ao DL Manuel Janes, porta-voz do ministro da Educação. Os resultados estão a partir de hoje afixados em todos os estabelecimentos de ensino.

Segundo a mesma fonte, «os resultados estão bem escalonados», fazendo «uma curva de graus perfeita». Assim, as melhores notas registaram-se nos distritos de Évora (56,9) e Aveiro (56,1), enquanto Bragança é o distrito que apresenta a média de notas mais baixa (48,6).

No distrito de Lisboa, que tem o número mais elevado de alunos (cerca de um terço do total), a média foi de 55,7 e foi num dos seus estabelecimentos que se verificou um dos oito 100 registados. No Porto, a média foi ligeiramente inferior:54,1.

Segundo Manuel Janes, a opinião do júri das PGA e do ministro Roberto Carneiro, é a de que os resultados são positivos, revelam que «a disparidade entre distritos não é tão acentuada como se poderia esperar» e, «grosso modo, verificou-se uma certa homogeneidade a nível nacional».

O porta-voz do Ministério da Educação recordou que o resultado da PGA «não é tudo» para a entrada na universidade: «Não há notas negativas, pode-se entrar mesmo com um zero», disse, explicando que estão em linha de conta o resultado da PGA, a média que o aluno tem do ensino secundário e a nota das provas específicas. A peso dado ao resultado da PGA varia entre 20 e 80 por cento, conforme o critério de cada faculdade.

A partir de hoje, os alunos que não se sintam satisfeitos com o resultado da sua PGA têm dois dias úteis para pedir a revisão da mesma. Ela será feira por dois professores e, segundo Manuel Janes, «o aluno não terá que pagar nada».

B R E V E S

Primeiro doutoramento em Comunicação Social

Germaine Chaké Matoussian, docente da Universidade Nova de Lisboa (UNL), é a primeira doutorada em Comunicação Social em Portugal. O doutoramento teve lugar ontem na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) e obedeceu ao tema: «As representações da doença - uma análise de uma teoria da comunicação, a partir da obra de La Mettrie». Presidiu ao júri o vice-reitor da UNL, Manuel Pinto Barbosa, tendo a tese sido discutida por Louis Marin, da École Pratique des Hautes Études (Paris), Adriano Duarte Rodrigues, director da FCSH, e Bracinha Vieira, do Departamento de Antropologia da mesma Faculdade.

Nova lei exige presença de directores nas farmácias

Os farmacêuticos que não mantenham presença efectiva e permanente nas farmácias de que sejam directores técnicos poderão ser punidos com coimas de 200 a 500 contos ou a seis mil contos, consoante se trate de pessoa singular ou colectiva, determina o decreto-lei 214/90 hoje publicado no «Diário da República». O novo diploma reconhece que as ausências dos directores técnicos das farmácias não eram contrariadas, de modo significativo, pela aplicação das multas em vigor. Assim, foi entendido que, paralelamente a uma campanha dissuasora, se use de um maior rigor penalizante, que poderá traduzir-se mesmo na cassação do alvará.

Director de Informação demite-se na Rádio Comercial

O director de Informação da Rádio Comercial, Jorge Gonçalves, apresentou, ontem, o seu pedido de demissão em carta dirigida ao presidente do Conselho de Administração da RDP. Jorge Gonçalves argumenta «não estar disposto a ser responsabilizado ou co-responsabilizado por processos e descréditos profissionais a que a estrutura tem vindo a ser sujeita, sem deter meios e mecanismos próprios, capazes de inverter a lógica do seu funcionamento». Refere, ainda, ter apresentado ao longo dos três anos que esteve na direcção de Informação, um conjunto de propostas estruturantes, sistematicamente inviabilizadas.

QUOTIDIANO

A empresa promete mais conforto, segurança e rapidez. Um investimento de 3,5 milhões de contos feito em vésperas de privatização

Rodoviária Nacional comprou 55 autocarros

A Rodoviária Nacional (RN) apresentou ontem os cinco modelos (dois autocarros articulados, um urbano, outro interurbano, um expresso - sendo um de dois pisos e outro subelevado) que integram o conjunto de 55 autocarros, adquiridos agora pela empresa, no valor de 3,5 milhões de contos. Cada veículo está equipado com as mais recentes tecnologias e dispositivos de segurança, especificações anti-roubo e poluição.

Estes novos autocarros, das marcas Man, Daf e Volvo, têm uma carroçaria mais moderna, um desing aperfeiçoado, uma nova concepção de bancos, reclináveis, forrados de tecido e equipados com tabuleiro, porta-revistas, encosto de cabeça, apoio de braços, e maior espaço entre bancos. Dispõe ainda de iluminação interior fluorescente, com luz de penumbra e iluminação individual. Os autocarros articulados tem vidros atérmicos.

O secretário de Estado dos Transportes, Jorge Antas, observa um dos cinco novos modelos de autocarros da Rodoviária Nacional

A generalidade das unidades têm cortinas, à excepção das urbanas articuladas. Os carros têm iluminação de bagageiras e degraus, isolamento térmico e acústico, ar condicionado, renovação de ar efectuada por aspiração forçada e ainda ventilação natural. Os modelos de dois pisos dispõem de circuito interno de televisão.

No capítulo da segurança, os novos autocarros integram o sistema antibloqueio de travagem ABS e retardador electromecânico ou hidromecânico.

Avaliação em curso

Numa visita que realizou ao princípio da tarde às instalações daquela empresa pública, o secretário de Estado dos Transportes, Jorge Antas, disse que «um dos objectivos do Governo é melhorar os transprtes e a rede viária.

Esta aquisição da RN e, consequentemente, o melhoramento da sua frota, vai ao encontro das metas que o Executivo pretende atingir».

Jorge Antas garantiu que «o facto desta apresentação decorrer em vésperas de privatização da empresa não passa de uma mera coincidência. Foi pedido a duas empresas que fizessem uma avaliação da RN e só depois de termos esse estudo nas mãos é que podemos dizer quando a privatização será feita e em que moldes. O Governo está convicto de que a privatização servirá melhor os portugueses».

Quanto ao melhoramento da frota, o presidente da RN, António Brito Silva, disse que «a empresa tem três objectivos: servir melhor os utentes, o País e oferecer o que o mercado exige. A RN quer apresentar mais conforto, mais segurança e mais rapidez».

António Brito Silva salientou a necessidade de existir «um diálogo permanente entre os diversos centros da Rodoviária Nacional» e apelou à autarquias para que «façam um esforço para colaborarem com os transportes.

A RN está empenhada em colaborar com o poder local».

Num comunicado distribuído na altura da apresentação salienta-se que «este equipamento é apenas uma parte do investimento realizado pela empresa nos últimos três anos, na modernização, actualização e adequação dos seus meios operacionais e humanos, com especial incidência na frota, equipamento oficinal e infra-estruturas, formação de pessoal e racionalização de meios».

Desta aquisição fazem parte 25 autocarros articulados, de grande capacidade de transporte, que se destinam à região da Grande Lisboa.

Diálogo interrompido

Na organizada apresentação dos novos autocarros da Rodoviária Nacional, o inesperado sucedeu. A dado momento, um delegado sindical da RN interpelou o secretário de Estado, Jorge Antas, perguntando «por que razão não tem dialogado com os trabalhadores da empresa e se tem mostrado indiferente às sucessivas solicitações dirigidas à sua Secretaria de Estado.»

Enquanto Jorge Antas procurava responder, o presidente da RN, António Brito Silva, tentou impedir que aquele funcionário da empresa falasse, argumentando não ser «aquele o momento nem o local indicado para intervir».

«Pode não ser realmente o momento nem o local indicado. Mas depois das diversas tentativas de dialogar com o sr. secretário de Estado terem saído frustradas, não podia deixar passar esta oportunidade para lhe dirigir a palavra», respondeu o delegado sindical Mário Dinis.

«Mas, afinal o que é que o senhor quer?», perguntou-lhe o presidente da RN.

«Quero um pouco mais de diálogo e chegar a um acordo sobre as plataformas salariais. O senhor impediu-me de falar com o secretário de Estado», disse Mário Dinis

«Não impedi. Além disso o senhor está a tentar fazer qualquer coisa que não lhe fica bem. Eu já disse o que tinha a dizer sobre esse assunto e o conselho de gerência da Rodoviária deu por encerradas as negociações», afirmou António Brito Silva.

«Então, como é que o senhor diz que está aberto ao diálogo, se já encerrou as negociações?», inquiriu o sindicalista.

«Já disse que não discuto isso aqui. O senhor quis falar com o secretário de Estado e fez muito bem», disse o presidente da RN, depois de ter reparado que os órgãso de Informação estavam a registar aquele diálogo. «Eu posso ter feito muito bem, mas fiz mal para o senhor», acrescentou o delegado sindical.

«Pois fez», concordou António Brito Silva.

Não aconteceu nada

Perante a inesperada cena, a RTP, que acompanhou esta troca de palavras, apressou-se a perguntar ao presidente da RN como estavam as negociações e qual a razão daquele episódio. «Não aconteceu nada de especial. O delegado sindical só quis falar com o secretário de Estado. Quanto às negociações, a RN encerrou o diálogo. Os trabalhadores reivindicavam uma determinada tabela salarial e nós apresentámos outros valores. Após um diálogo surgiu um valor e foi esse que ficou. Relativamente à atitude do delegado sindical, acho que sempre que tenha de haver uma intervenção, ela tem de ser pedida.» O delegado sindical disse, por sua vez, ao DL, que «os trabalhadores da RN continuam a lutar por uma tabela salarial intercalar. É evidente que não estamos satisfeitos com os valores estabelecidos, uma vez que não acompanham a inflação. Apesar do presidente da RN dizer o contrário, não existe diálogo com o conselho de gerência da empresa, nem com o secretário de Estado».

Recorde-se que os trabalhadores da RN encontram-se em greve parcial desde terça-feira..

G.O.

externato de alfragide

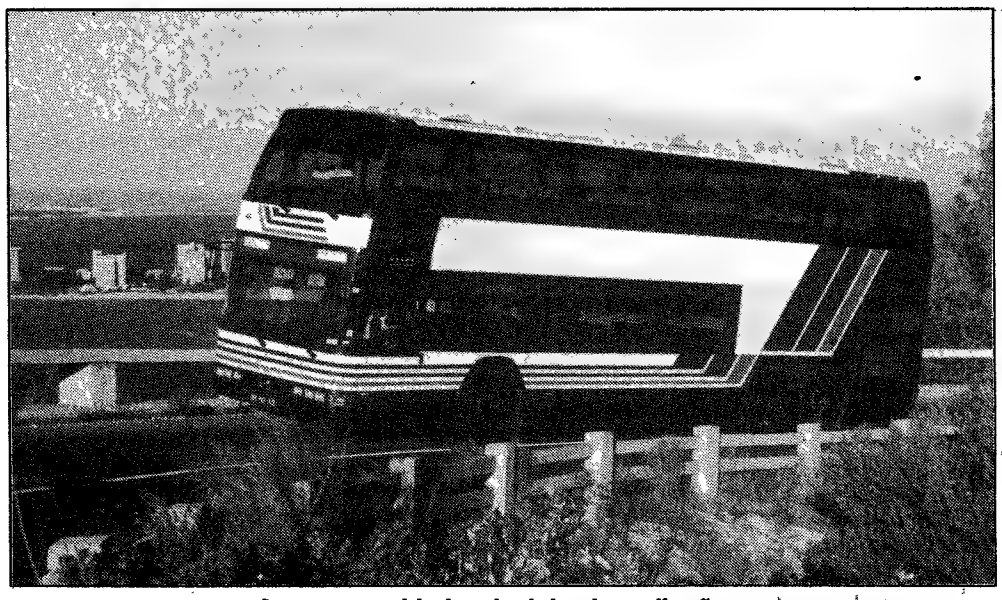
RUA RIBEIRO DE VASCONCELOS ALFRAGIDE – TELF. 97 87 95

INFANTIL
PRIMÁRIO
PREPARATÓRIO

Aberto todo o Ano
Parque Recreativo

Transporte Privativo para: BURACA, DAMAIA, SETE RIOS, BENFICA, CARNIDE, ALGÉS

ALFRAGIDE (E ARREDORES)



As novas unidades de dois pisos dispõem de circuito interno de televisão

Jornalistas e militares debatem relacionamento

Forças Armadas e Imprensa: perspectivas divergentes

«Existe uma mútua desconfiança entre as Forças Armadas e a Imprensa. São profissões diferentes. Os interesses são diferentes. As Forças Armadas têm um poder actual, podem impor o que quiserem. A Imprensa, na realidade, não tem poder. É influente mas não tem poder, pois não pode impor nada», referiu Joachin Maitre, director da Faculdade de Comunicação da Universidade de Boston.

Aquelas declarações ao «DL» foram produzidas ontem, durante o primeiro dia do seminário «Os Media e as Forças Armadas», que termina hoje no Instituto de Defesa Nacional.

A sessão de abertura iniciou-se com a projecção de um video contendo a gravação de um debate televisivo realizado em Harvard, onde participaram responsáveis pela Defesa, eclesiásticos, académicos, militares e jornalistas, sobre a temática do jornalismo face à guerra e os problemas éticos, deontológicos e patrióticos que podem ter lugar em situações limite.

Após a projecção, Joachin Maitre introduziu o tema do seminário.

Na sessão pública de abertura, teve lugar um painel em que intervieram os responsáveis pelos gabinetes de informação pública dos três ramos das Forças Armadas e do Estado-Maior General das Forças Armadas.

A tónica comum das intervenções de Monteiro Coelho, da Marinha, Martins Mendonça, do Exército, Luís Pequeno, da Força Aérea e Canelas Cardoso, pelo EMGFA, foi a constatação da necessidade de estabelecer um clima de confiança e de diálogo entre as Forças armadas e os *media* .

O Comandante Canelas Cardoso afirmou que, «salvo excepções, a imprensa tem tendência para pôr em causa as Forças Armadas, noticiando-as de forma menos correcta, sensacionalista. Isto torna o relacionamento difícil e insuficiente.

«A melhoria nas relações será lenta, mas existem soluções. Pela parte da Comunicação Social urge promover a especialização de jornalistas em matéria de Defesa, acreditar esses jornalistas junto das Forças Armadas e fomentar a recolha correcta de informação sobre matéria militar.

«Pela parte das Forças Armadas, é necessário especializar os oficiais em Comunicação Social e desenvolver uma estrutura de informação pública que fortaleça as relações com os *media*».

Comentando as intervenções daqueles oficiais, Mário Mesquita afirmou parecer-lhe errado partir para o equacionamento da questão na posição de juiz, partir com uma atitude moralista.

«Não parece uma estratégia eficaz a crítica sistemática do jornalismo, que é uma actividade frágil, porque feita em cima da hora».

Salientou também que, nas observações feitas por aqueles oficiais, se verificou existirem algumas representações mentais que não favorecem o melhor relacionamento.

Deve-se partir do princípio de que existem perspectivas divergentes entre as Forças Armadas e os *media* e não que possa haver uma relação perfeita entre ambas.

Maitre referiu-nos, no final da sessão de abertura, que «na altura em que a paz rompe em todo o mundo, as sempre estranhas relações entre as Forças Armadas e a população, numa democracia, não se desenvolverão, pelo contrário, crescerão com maior dificuldade. Penso que a imprensa e as Forças Armadas devem compreender os seus diferentes sistemas de funcionamento.

«Ao contrário do que um militar pode ser levado a crer, a imprensa não tem poder. É influente mas não pode impôr nada.

Ao invés, as Forças Armadas têm poder para imporem aquilo que quizerem. Há uma hostilidade mútua detectável na maioria dos países ocidentais», concluiu Joachin Maitre.

Desequilíbrio populacional agrava-se no Mundo

A população mundial aumentará, até ao ano 2025, dos actuais 5,3 mil milhões de habitantes para 8,5 mil milhões, revela um relatório das Nações Unidas ontem divulgado. de acordo com estudos efectuados pela Divisão de População do Departamento de Estudos Sociais e Económicos Internacionais da ONU, a população mundial está aumentar cerca de 1,7 por cento ao ano, média percentual que poderá descer para 1 por cento entre os anos 2020 e 2025. Os níveis e tendências de crescimento populacional diferem acentuadamente entre as regiões mais e menos desenvolvidas do Globo. Entre 1950 e 1990, a população das regiões mais desenvolvidas aumentou cerca de 45 por cento, contra 143 por cento nas menos desenvolvidas.

As projecções da divisão de População apontam para um aumento populacional de 12 por cento nas regiões mais desenvolvidas e de 75 por cento nas menos desenvolvidas, entre 1990 e 20025.

Actualmente, segundo o estudo, a taxa média anual de crescimento demográfico é de 0,5 por cento e 2,1 por cento, respectivamente nas regiões mais e menos desenvolvidas.

Em consequência destas diferenças nas projectadas taxas de crescimento, a Divisão prevê que a distribuição da população nas diversas regiões do Globo continue a alterar-se.

«hoje em dia -- diz-se no ralatório -- 23 por cento da população mundial vive em países das regiões mais desenvolvidas. Até ao ano 2025, estima-se que apenas 15 por cento da população mundial viva nesses países».

A Europa, com 9 por cento da população global em 1990, deve reduzir a sua parte no todo populacional mundial para 6 por cento até 2025. A América do Norte e a União Soviética baixarão de 5 por cento em 1990 para 4 por cento até 2025.

No mesmo período, e no capítulo das regiões menos desenvolvidas, a população de África, 12 por cento do todo mundial este ano, poderá aumentar até aos 19 por cento.

Os países da América Latina deverão manter os 9 por cento da sua quota-parte da população mundial e os da Ásia sofrem uma pequena redução (de 59 para 58 por cento).

Ciência portuguesa está cheia de dinheiro

«Alguma coisa fora do comum está a passar-se entre nós no domínio da Ciência», considerou, ontem, o ministro do Planeamento, Valente de Oliveira, durante a entrega do prémio científico «Boa Esperança».

O ministro evocou a prioridade que tem sido conferida pelos governos de Cavaco Silva à ciência e à tecnologia e acrescentou que o programa «Ciência», no âmbito do PDR, vai oferecer à comunidade científica portuguesa «meios financeiros de que nunca dispôs no passado».

O ministro do Planeamento, Valente de Oliveira, prometeu mais recursos à comunidade científica

De acordo com Valente de Oliveira, o número de bolsas tem vindo a aumentar e o Governo, tendo recorrido a métodos escrupulosos na apreciação das candidaturas, pretende, agora, que seja avalaiada a sua capacidade de julgamento. Para o efeito solicitou já um exame à política científica e tecnológica que vem prosseguindo, a conduzir pela OCDE.

O prémio «Boa Esperança» foi entregue pelo primeiro-ministro às equipas de Pinto Peixoto, do LNETI, e de Manuel Teixeira da Silva, do Centro de Citologia Experimental da Universidade do Porto. A primeira equipa descobriu um parâmetro que permite, através de visão por computador, determinar defeitos e proceder ao controlo de qualidade das indústrias têxtil, de curtumes e de papel.

A segunda foi premiada por ter evidenciado a importância do neutrofilo (um certo tipo de glóbulo branco) na defesa contra doenças como a tuberculose a lepra, situação até hoje praticamente ignorada.

Além destes prémios, Cavaco Silva entregou ainda uma menção honrosa a um trabalho da equipa de Augusto Barroso intitulado « Renormalization of the Flavour-Changing neutral Currents».

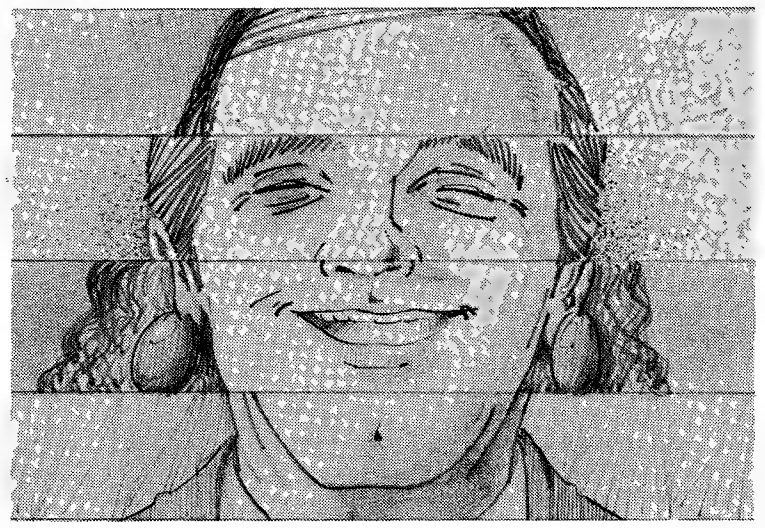
O prémio «Boa Esperança» (no valor de dois mil contos em dinheiro e uma escultura de José Cutileiro) foi instituído pelo Governo em 1988 para assinalar o quinto centenário da passagem do Cabo do mesmo nome por Bartolomeu Dias e destina-se a premiar trabalhos científicos.

Diálogo com a Natureza

Pinto Peixoto, a quem foi atribuído a menção honrosa, fez uma intervenção dedicada à defesa do ambiente, assinalando que um dos problemas que a sociedade de hoje enfrenta é do «tentar conciliar as necessidades de desenvolvimento com as necessidades de nos protegermos».

O primeiro-ministro esclareceu ser ignorante na questão do ozono, mas prometeu enviar aquele cientista o documento que, embora sem conhecimentos aprofundados, tinha recentemente subscrito em Dublin.

ESTA SEMANA, MAIS UM MEMBRO
DO CLUBE DOS MILIONÁRIOS DO TOTOLOTO
É EMIGRANTE NA SUIÇA



NÃO LHE CONHECEMOS A CARA
MAS CONHECEMOS-LHE A FORTUNA
MAIS DE

186 000 000$00

totoloto

É Fácil. É Barato. Dá Milhões

CINEVOZ

Doentes mentais num palco, a fazer teatro, é coisa à primeira vista bizarra. A terapia no Júlio de Matos tem-se revelado positiva

Doentes mentais em cena: um muro que c

A sala estava meio cheia. Familiares dos doentes e pessoas ligadas ao hospital contavam-se entre a assistência. Para quem esperava um espectáculo constrangedor, aquela peça de teatro foi uma surpresa.

Ali estavam algumas dezenas de pessoas, frente a 12 actores, todos doentes mentais. Acabada a representação, o encenador convidou o público a conversar com os actores. «Os que estão do lado de cá e do lado de lá do muro devem conhecer-se» explicou João Silva, o encenador. Pedem-se perguntas, e passado o embaraço do confronto com aquela nova experiência, a plateia começa a interrogar os doentes. As primeiras perguntas dizem respeito às diferenças que aqueles actores têm em relação aos outros: o facto de serem doentes mentais. Um deles trata de esclarecer: «De louco todos temos um pouco.» Os espectadores aplaudem e concordam. Começam-se a derrubar as barreiras.

A conversa dura um quarto de hora mas o diálogo é difícil. O público sente-se ainda ameaçado. João Silva diz-nos que é normal, pois afinal de contas todos fomos educados para ver o doente mental como um ser à parte do mundo que criámos para nós. Duas das actrizes interrompem a conversa para cantar. «É a forma que têm de comunicar, de expressar a sua maneira de estar» explica-nos o encenador.

Estão todos muitos cansados. O diálogo é interrompido.

Foi no passado fim-de-semana, no auditório do Instituto Franco-Português, que tudo isto se passou. O Grupo de Teatro Terapêutico do Hospital Júlio de Matos acabava de fazer o primeiro de três espetaculos. A peça representada, «Carmen em Tragicomédia no Luna Parque», satisfez o público. Os doentes e os técnicos também se mostravam satisfeitos. Há mais de um ano que estavam a ensaiar e este é um trabalho que vive à custa de muito esforço profissional e voluntário.

O grupo de teatro tem já uma experiência longa, inclusivamente na realização de espetáculos fora do hospital. O público adere, garante-nos João Silva, acrescentando: «não me parece que haja condescendências por parte de quem nos vê nem tão pouco que aqui venham por simples bizarria.» Este profissional do teatro e responsável pelo grupo desde a sua formação pensa mesmo que quem assiste aos espetáculos fá-lo com os mesmos olhos com que vê qualquer grupo amador. Sabe, no entanto, que a plateia nunca se esquece que ali estão doentes mentais.

A terapia do teatro

Os objectivos do Grupo de Teatro do Júlio de Matos residem na realização de terapia de grupo. «O teatro é um pretexto para criar uma dinâmica de grupo obrigando as pessoas a movimentarem-se» — explica o encenador. Este trabalho leva o doente a ter necessidade de memorizar, a inserir-se num grupo, a ter tarefas comuns para efectuar, a ter mais interesse pelas coisas e pela vida, a discutir sobre pormenores e assuntos do dia-a-dia e a projectar para o teatro situações próprias da vida fora do hospital.

As representações em público, além de serem o objectivo imediato de todo o trabalho, são uma forma de «dar às pessoas uma imagem dos doentes mentais diferente dos mitos que foram criados, facilitando assim a sua inserção na sociedade», diz João Silva.

Os próprios doentes parecem concordar com estes objectivos. «Esta foi uma maneira de me realacionar com os outros, de exteriorizar as minhas emoções e de me desinibir perante o público» confessa Edite Sanches, uma das intérpretes. Por sua vez, António Graña, impossibilitado de representar o papel principal devido a ter adoecido nas vésperas da estreia (foi substituído pelo encenador), jura que na sua vida nunca exercitou tanto a memória.

«Posso chamar-me Carmen?»

A peça passa-se num hospício, em Espanha. Os actores conhecem bem este ambiente. Os doentes daquele hospital imaginam-se personagens do mito de Carmen, bem conhecido em toda a Andaluzia. É uma mulherr sedutora, desonesta e pouco dada à estabilidade sentimental. Um dos seus amantes é o soldadinho José, que depois de se apaixonar por ela entra para o seu grupo de contrabandistas, onde o chefe é o Zarolho, marido de Carmen. José é na realidade um velho do hospício que se confunde com a sua personagem. Ele é o «mestre» dos outros doentes, que, como se diz na peça, em tom de ironia, «precisam sempre de alguém que os ensine». Por amor acaba por matar o Zarolho e a própria Carmen.

Toda a história de Carmen e do soldadinho José é frequentemente interrompida por considerações dos doentes do hospício. Francisco, o «mestre», interpretado por João Silva, vai pondo a ordem nos restantes actores. A dada altura, Carmen, que na realidade é uma velha doente, recusa-se a continuar por discordar com o rumo que a história está a levar. O «mestre» ordena-lhe que continue a cena, pois está quase a tocar para o recolher. «Esta actuação é que te faz esquecer a tua vida de mulher frustrada», diz-lhe. Depois de discutirem, pede desculpas à plateia, afirmando: «Os que se dizem lúcidos não se vão aborrecer com os nossos arrufos.»

Depois são os enfermeiros que interrompem a representação. A doente pergunta: «Senhora enfermeira, acha que me posso chamar Carmen?» «Claro que sim», responde-lhe.

«Somos actores da vida, profissioinais do medo», afirma a dada altura o «poeta», companheiro de José.

Ensaios

Nesta coméda, as personagens do hospício confundem-se com as da novela de Mérimée. Mas no caso dos actores, isso não acontece. «Tem de se evitar a identificação dos doentes com as suas personagens porque isto não é um psicodrama», explica-nos João Silva. Acrescenta:«o facto da cena se passar num hospício dificulta esta tarefa» «Não podemos dizer-lhes que a vida daquelas personagens é a deles, e não podemos pô-los a falar dos seus delírios em cena» conclui.

João Silva garante que ensaiar estes doentes é tão difícil como ensaiar um grupo amador. Todas as possibilidades de cada elemento são aproveitadas em pleno. Já houve mesmo anos em que se escreveram peças com a participação dos doentes. É no entanto indispensável ter em atenção algumas especificidades do grupo. «São pessoas com uma sensibilidade diferente e é preciso descodificar um discurso que é necessariamente diferente do nosso» explica. Nos ensaios que fazem diariamente, os doentes conversam e discutem os seus problemas e resolvem ali mesmo os conflitos que têm entre si. No entanto, tenta-se evitar que haja grandes envolvências ou dependências em relação ao grupo.

Os actores não são escolhidos. São os médicos do hospital que os enviam para o Grupo Terapêutico, como forma de tratamento. O Grupo é coordenado por João Silva e por vários técnicos da área da psiquiatria.

Resultados lentos

Os resultados são lentos e não podem ser analisados sem ter em conta todo o restante acompanhamento hospitalar. «Vão-se notando resultados, mas são muito lentos» revela João Silva, que, no entanto, se mantém optimista. «Este trabalho é cansativo porque é pioneiro, mas ele terá frutos positivos daqui a alguns anos», diz.

É sobretudo em relação ao «lado de cá do muro» que se notam os primeiros reflexos de todo este trabalho. As mentalidades são passíveis de mudança e os próprios familiares dos doentes acabam por encará-los de maneira diferente. «Conseguem assumir que eles podem ser importantes para os outros, que não estão mortos, que estão ali a mostrar e a fazer coisas de que muita gente gosta» explica o encenador.

Mais lentos que os resulta-

Alessandra Balsamo

Destruir as crenças que persistem em relação aos doentes mentai

O teatro é apenas um pretexto para criar uma dinâmica de grupo

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

pia utilizada

cai

mentais

dos são os apoios, indispensáveis para manter este trabalho vivo. Num País onde poucos projectos resistem até ao fim, este caso pode não fugir à regra. Para já, necessita de mais técnicos de teatro e de menos problemas financeiros. A obtenção de uma sala para representar tem sido outra das dificuldades. Tiveram de adiar por mais de um mês a estreia porque ninguém os queria albergar. Tentaram o teatro Maria Matos, o São Luiz e o Trindade. Quem acabou por lhes dizer que sim foi uma instituição semi estrangeira. O Instituto Franco-Português achou interessante a aposta e cedeu-lhes a sala por três dias.

O Grupo de Teatro Terapêutico do Hospital Júlio de Matos nasceu em 1969. João Silva fora convidado para ensaiar doentes mentais de uma clínica, para estes poderem representar numa festa da instituição. Aceitou e gostou da experiência. Pelo grupo que então formou passaram já centenas de pessoas que participaram em dezenas de peças.

Só em 1977 é que se fez a primeira representação para público exterior ao hospital. Para o profissional que mantém este projecto de pé, «foi uma prova de que estas pessoas podem sair para o lado de fora dos muros».

Daniel Oliveira

Estranha forma de vida

Entre as grades verdes e o casarão cor-de-rosa deambulam os doentes do Júlio de Matos, o mais polémico hospital psiquiátrico no seu nascimento e, recentemente, no anúncio prematuro do seu fim. Terrenos, concursos públicos, interesses imobiliários, escândalos, aplausos e sentenças pareceram fazer esquecer a razão de ser do velho nº 53 da Avenida do Brasil: os doentes.

Amélia é doente mental -- esquizofrénica. Tem um rosto jovem e uma idade indefinida. Sentada, corpo curvado, fala com a médica, dizendo de sua justiça. Atirou um prato de sopa a uma enfermeira. Razões tem ela, com certeza. Está só. Não compreende a infelicidade em que vive. Revolta-se contra o mais pequeno movimento ou acto, como comer um prato de sopa. A autoridade que se lhe deparou foi a enfermeira e foi contra a sua situação que atirou o prato. Amélia está infeliz. Vê-se-lhe nos olhos. Não tem dinheiro sequer para ir ao bar beber um café. A irmã é empregada e nem sempre lhe pode dar assistência.

Não é a primeira vez que está internada. Tem recaídas e volta. Até um dia, em que o seu estado não seja considerado agudo e ali fique para sempre.

Amélia já tentou a fuga. Quer sair daquele pavilhão. Ver a rua. Mas a rua é um lugar proibido, porque ela é mulher. O único passeio que pode dar é no jardim do hospital, sempre acompanhada -- e nem todas as enfermeiras mostram disponibilidade para tal.

O dia estava para correr melhor do que parecia. Convocada pela assistente social, a irmã de Amélia apareceu momentos depois. Tem uma ligeira conversa com a médica e reconhece a irmã que espreita pela porta e sorri. Quando saímos do hospital, ainda a Amélia passeava com a irmã no jardim. Ao longe, entre o barulho dos carros e a normal pressa da cidade, vimos o seu corpo curvado, como se carregasse o peso e a culpa de existir.

Recordar a visão da sociedade

Falar de doentes mentais implica lembrar a visão que a sociedade mantém sobre eles e a condenação que os loucos tiveram de suportar até há bem pouco tempo.

Hoje em dia tenta-se evitar o isolamento dos doentes, permitindo que alguns saiam do hospital psiquiátrico, para que a sua relação com os outros seja o mais normal possível. O hospital já não é a representação do exílio, nem da camisa-de-forças. Certamente não é um hotel de cinco estrelas, mas o avanço da medicina tem vindo a evitar a repressão dos doentes.

As antigas superstições relacionadas com a perturbação mental foram sendo substituídas pelo esforço para compreender a racionalidade da doença. No entanto, a loucura é ainda um assunto tabu para muitas pessoas. Conhecer a forma como estes doentes vivem é levantar a ponta de um véu; só não espreita quem não quer.

São mais de meio milhar os doentes internados em permanência no Júlio de Matos. Para além destes, o hospital recebe os que ali ficam por vinte dias, um mês e que, caso o seu estado permita, podem regressar a casa. «Alguns doentes chegaram aqui durante uma crise, para uma consulta na urgência ou um internamento breve. Chegaram acompanhados de pessoas que nunca mais os vieram visitar e que deram moradas falsas ou nomes vagos. O tempo foi passando e como o doente que fica cá é porque não tem condições para daqui sair, a inicial semana de internamento vai-se estendendo para um ano, dois, e por aí fora. Os doentes que aqui estão são, fundamentalmente, os que não têm estruturas extra-hospitalares que lhes permitam sobreviver», conta-nos a dr.ª Águeda, assistente social.

Um pavilhão como tantos outros

Num dos pavilhões, a porta abre-se e um doente cumprimenta-nos com um aperto de mão. Fecha a porta, orgulhoso. É o seu trabalho e assim está ocupado durante o dia: é o porteiro do piso masculino.

Na cozinha preparam o almoço. O corredor é largo e alguns doentes estão encostados, de roupas estendidas no corpo, com o olhar parado. Emitem sons pouco perceptíveis.

Subimos outra escada e nova porta é aberta por uma doente que sorri: é a porteira do piso feminino.

Na sala de consultas, a rotina. Cada caso tem um nome e uma atenção especial por parte dos médicos responsáveis. É perceptível a existência de pouco pessoal para aquela gente toda. Há de tudo: doentes que decidem ficar no hospital (embora o diagnóstico indique que podem sair), doentes que tentam fugir, uns violentos, outros estáticos. Uns que entram, outros que saem.

Mais cozinhas, uma sala de visitas com um futuro projecto de bar. O refeitório, já prestes a servir o almoço. Os quartos, de várias camas com roupa branca e um cheiro impessoal. Ao longo do corredor, mais quartos e consultórios médicos. Num bar misto vê-se um sofá e uma televisão, algumas mesas e o balcão onde o café está sempre a ser servido. Em cima do sofá estão estendidos vários doentes que quase não se mexem, tão fortes são as doses de medicamentos que tomaram. A maior parte dos doentes não faz nada durante todo o dia. Passeiam pelo jardim; os que conseguem autorização vão à rua e «cravam» um cigarro ou intrometem-se no trânsito. Há quem vá ao centro de reabilitação, com várias actividades terapêuticas. Os mais desinteressados ficam-se pelos corredores onde as novidades são o banho e a roupa lavada. A presença do médico é habitual e a remessa dos medicamentos dados pelas enfermeiras é rotina. No que diz respeito à liberdade dos doentes, a dr.ª Lígia lembra que «isto pode estar muito arranjado, o que não impede que para alguns seja uma autêntica prisão». A rua é proibida para as mulheres. A vida delas é limitada pelo portão de ferro. O mundo real não lhes pertence e a culpa é da sociedade. Um passeio para as doentes resume-se ao jardim circundante. Vão sempre acompanhadas. Para elas, portanto, a liberdade é mais restrita e, por isso, sentem mais o desejo de fugirem. Na opinião da dr.ª Águeda, «a sociedade já não vê com bons olhos os homens que estão na rua, mas aceita-os muito melhor do que as mulheres. Por outro lado, é uma grande responsabilidade se as doentes engravidarem, o que seria impossível impedir caso elas estivessem na rua, pois existem pessoas que não pensariam duas vezes para se aproveitarem do seu estado».

Mudam-se os ministros...

A 22 de Janeiro de 1988, Leonor Beleza, então ministra da Saúde, anunciou a intenção de desactivar o Hospital Júlio de Matos, no âmbito de novas medidas da política de saúde mental. Acabava assim com uma história de 48 anos de um hospital que, por sinal, levou bastantes anos a nascer. As obras foram iniciadas em 1913/14, custeadas por Salvado de Araújo. Estagnaram depois, e o reinício aconteceu apenas em 1933/34. A inauguração deu-se a 2 de Abril de 1942, baptizado com o nome de um dos seus principais promotores: dr. Júlio Xavier de Matos.

Solidário com Beleza no projecto de desactivação esteve o então presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Krus Abecasis. Opinião contrária foi manifestada pelos médicos do hospital. Iniciou-se uma fase de repúdio generalizado em relação à medida.

O Ministério contra-atacou com a promessa de fazer, em troca, obras de beneficiação em 23 hospitais de província. Não convenceu. Os doentes internados no hospital iriam ser distribuídos por centros de saúde e o tão cobiçado espaço na Av. do Brasil daria lugar a urbanizações de luxo.

Um dos múltiplos argumentos apresentados contra o encerramento do hospital acentuava a perigosidade de suscitar o aumento de suicídios, da violência sem explicação e do desinteresse de viver entre os doentes. Na opinião de alguns psicólogos, o encerramento de hospitais públicos acontecido nos EUA e em Espanha motivara fenómenos desse tipo. Nem só ao Ministério da Saúde o fecho do Júlio de Matos deu dores de cabeça. Os doentes sentiram medo. Ansiosos e com medo, perguntavam, com o pressentimento de quem está prestes a ser despejado e não pode pagar a renda: «Para onde vamos? Onde nos querem meter?»

Os ânimos acalmaram quando o actual ministro da Saúde, Arlindo Carvalho, anunciou estar fora de questão a entrega à exploração imobiliária do terreno do hospital. No entanto, há quem não duvide que o fim está próximo, principalmente os doentes que mantêm ainda bem viva a lembrança do medo.

Sandra Moutinho

Francisco Paraíso

Hospital Júlio de Matos. Quais as consequências, para os doentes, de um encerramento prematuro?

COMPRIMIDOS
À BASE DE LIMÃO
ALGAS E ALOÉS

maxiliber®

EMAGRECA COM PRODUTOS NATURAIS

maxiliber®

CHÁ COM
NOVE PLANTAS
SELECCIONADAS

GOTAS COM
SEIS ESTRATOS

REPRESENTAÇÃO EXCLUSIVA: FEREL COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES, LDA. — Rua do Alecrim, 71-1.º Tel. 32 00 59/32 13 88 — 1200 LISBOA

ECONOMIA

BREVES

Associações de estudantes isentas do IRC

As associações de estudantes do ensino superior passaram a estar isentas do Imposto sobre Rendimento de Pessoas Colectivas (IRC), segundo anunciou a Secretaria de Estado da Juventudo, cujo titular considera tal decisão como um passo no sentido da criação de condições para o aprofundamento e reconhecimento da importância do movimento associativo estudantil.

Hispano-Americano apresenta Mercado de Valores

O Banco Hispano Americano vai apresentar em Lisboa, no próximo dia 2 de Julho, o Mercado de Valores de Espanha, à semelhança do que tem feito nas principais praças financeiras. A apresentação será feita durante um seminário organizado pela sociedade de investimentos que a instituição detém em Portugal e que é dirigido aos investidores institucionais, contando com intervenções de responsáveis do BHA.

Estratégias convergentes nos electrodomésticos

A sociedade Electronica Beltran (ELBE), fabricante espanhola de electrodomésticos e televisores, constituiu uma nova sociedade juntamente com a empresa portuguesa SGO, distribuidora de electrónica de consumo. A parte espanhola detém 51 por cento da nova empresa - a Elbe Electrónica Portuguesa, enquanto a SGO fica com 37 por cento, com o restante capital detido por um investidor português.

Distribuição de gás natural atrai diversos interesses

Secretário de Estado da Energia traça panorama para a próxima década

O anunciado projecto - em vias de concretização - de distribuição de gás natural em Portugal faz movimentar diversas forças com interesses no sector. Foi o que aconteceu ontem, com a realização de uma conferência/debate promovida pela Câmara de Comércio Luso-Belga-Luxemburguesa, que contou com a presença do secretário de Estado da Energia, Nuno Ribeiro da Silva, que afirmou estar para breve a abertura do concurso para a instalação de um terminal de alta pressão, estando para tal prevista uma empresa mista de exploração, onde o Estado deterá 20 por cento do capital.

Também o ministro da tutela, Mira Amaral, esteve presente, com uma intervenção que encerrou o encontro. A ideia base de toda a conferência foi a de que Portugal está cada vez mais dependente de energias, sejam importadas, sejam alternativas. No caso concreto do gás, tal como referido pelo DL em tempo oportuno, a prioridade é evidente, numa altura em que está em fase de arranque a implantação de uma rede de abastecimento na orla litoral, de Setúbal a Braga.

Segundo Ribeiro da Silva, o Estado não irá assumir qualquer tipo de compromissos, cabendo aos futuros concessionários montar os equipamentos e infra-estruturas que melhor sirvam os objectivos definidos, sendo, por outro lado, necessário desenvolver uma «cultura de utilização do gás», ainda reduzida em Portugal, razão pela qual, acrescentou o secretário de Estado, «são dadas as boas-vindas aos estrangeiros que pretendem investir no País».

Depois de ter traçado o panorama da actual situação portuguesa, no que se refere à dependência energética em geral e do gás em particular, Ribeiro da Silva recordou igualmente a situação mundial no que se refere ao petróleo, principal fonte de energia a que Portugal recorre. No seu entender é urgente a implantação de uma rede alargada de fornecimento de gás natural, para fazer frente ao esgotamento mundial do petróleo e aos altos preços desta matéria-prima.

Nuno Ribeiro da Silva: confiança na próxima década

Por definir, ainda, a futura e possível ligação ao resto da Europa, já que se mantém em aberto a possibilidade de implantação de um gasoduto entre Portugal e a Argélia. De qualquer forma continuam as negociações com Espanha, embora lentas e pontuais, com vista ao futuro trânsito do gás por este país.

Face às carências energéticas da CEE, Ribeiro da Silva considera ser esta uma boa altura de se fazerem «joint ventures» com os países de Leste, embora tenha salientado que a resolução do problema durará uma década. Enquanto esta não se completa, o projecto nacional é a da criação de quatro áreas: Porto, Centro, Setúbal e Lisboa, as três primeiras abertas a concurso e a última, à partida, numa situação onde a Gás de Portugal tem vantagem, por estar há anos em actividade, com estruturas montadas.

Redacção «DL»

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

DIA DA CIDADE

28 DE JUNHO
FERIADO MUNICIPAL

PROGRAMA

Avenida Bento Gonçalves

08.00 Horas – 12 Horas de Futebol Salão
09.00 Horas – Basquetebol (3 contra 3)
09.30 Horas – Animação da Piscina Municipal
• 100 Minutos a Nadar
• Circuito de Aprendizagem
09.30 Horas – Pic Nic
15.00 Horas – Basquetebol (3 contra 3)
17.00 Horas – Sarau de Ginática
19.00 Horas – Baile Popular

Biblioteca Municipal

10.00 Horas – Teatro Infantil
História do Maestro
• Grupo Fio de Água
15.00 Horas – Sessão Solene – BARREIRO RECONHECIDO
17.00 Horas – Inauguração da Exposição Internacional de Arte Postal
• Galeria de Exposições
21.30 Horas – Concerto JAZZ
• Grupo Ficções

Gabinete de Informação e Relações Públicas – Telef. 207 38 31/2/3/4/7 - 207 31 06 – Telex 43377 CMBARR P

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	38$90	44$90
ALEMANHA FED. (marco)	86$95	88$15
ÁUSTRIA (xelim)	12$35	12$55
BÉLGICA (franco)	4$042	4$292
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123$40	125$90
(notas de 5 a 1000)	123$90	126$40
DINAMARCA (coroa)	22$85	23$25
ESPANHA	1$377	1$497
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	144$55	148$05
(notas de 5 a 1000)	145$05	148$55
FINLÂNDIA (marka)	36$85	37$45
FRANÇA (franco)	25$85	26$55
HOLANDA (florim)	77$20	78$30
IRLANDA (libra)	234$05	238$05
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$894	$949
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	252$95	257$45
SUÉCIA (coroa)	23$95	24$45
SUÍÇA (franco)	102$85	104$45
VENEZUELA (bolívar)	2$631	3$431

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Seguro de crédito aumentou em 89

As companhias de seguros de créditos que fazem parte da União de Berna assumiram em 1989 riscos em todo o mundo no valor de 450 biliões de dólares, ou seja mais 29 por cento do que no ano anterior. A sinistralidade aumentou relativamente a 1988, atingindo os 12 biliões de dólares.

Segundo a Cosec, que faz parte da União de Berna, a sinistralidade verificada deve-se, em larga medida, aos problemas que continuam a afectar a balança de pagamentos de grande número de países em vias de desenvolvimento e que beneficiam de sucessivos rescalonamentos das suas dívidas externas.

Refere-se que, para além de apoiarem as exportações de bens e serviços, 20 dos 40 membros da União de Berna disponibilizam também seguros de investimento directo no estrangeiro, envolvendo principalmente a cobertura de riscos de natureza política.

dez anos de emoção

Em 28 de Junho de 1980, saía à rua o primeiro número do «Tal & Qual», trazendo nas suas páginas a promessa de um jornalismo vivo, desinibido, irreverente e absolutamente descomprometido em relação aos poderes político e económico. Um semanário diferente, apaixonado pela reportagem, poucas páginas, cem por cento «sumo», para ler todo de um fôlego.

Um êxito!

Nos últimos dez anos, o «Tal & Qual» frequentemente surpreendeu e emocionou a opinião pública com reportagens que fizeram história. Descobrimos D. Branca, o espião de Hitler refugiado em Castelo Branco, os «mercenários» de Rosa Coutinho e os filmes «proibidos» de Maria Elisa e Ana Zanatti; ajudámos a encontrar a bebé raptada do Hospital Particular de Lisboa; mostrámos pela primeira vez o rosto dos «homens sem rosto» do FMI e a face do espião-chefe dos serviços secretos militares portugueses; visitámos e entrevistámos Otelo em Caxias, Américo Tomás no Restelo e a governanta de Salazar em Benfica; pusemos D. Duarte Nuno em cima de um tractor; convencemos Soares e Eanes a falarem, sem inibições, de si próprios; fotografámos o Presidente a admirar o «top-less» na Praia do Vau; levantámos a lebre dos aviões Corsair de Lemos Ferreira; desmascarámos redes de corrupção no aparelho militar e na Administração Pública; passámos a raia com gado de contrabando; comprámos acções no mercado negro; trouxemos Cicciolina a Portugal; fomos almoçar de fato-macaco ao Tavares Rico; registámos os desabafos do ministro Barreto sobre a falta de «caroço»; «assaltámos» um Banco do Cacém disfarçados de vigilantes.

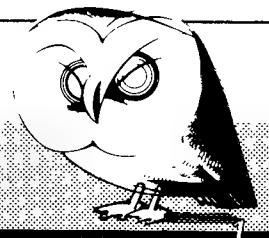
E o mais que há-de vir...

tal & qual

sempre emocionante

29 DE JUNHO - EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO

CULTURA



olhar de mocho

Reformas agrárias

Ao que consta, estamos na CEE e vamos estar ainda mais, em perfeita integração, daqui a dois anitos mal contados. Ao que consta, terminou a cimeira de Dublin onde também se falou na unidade dos países membros. Ao que deveria constar, a agricultura portuguesa também faz parte da CEE, e por isso, seria de esperar que se falasse dela numa perspectiva comunitária. Afinal, não. O Telejornal e o Jornal das 9 ignoraram tudo isto: mostraram imagens do Parlamento a decidir a extinção da reforma agrária. Nem um comentário, nem uma explicação, nem sequer uma ligeira tentativa de relacionar as terras e os agricultores com a paisagem agrícola da CEE.

Ora pelo menos desde 1964 que existe uma «Europa Verde», isto é, uma política agrária comunitária que garante a todos os agricultores um rendimento fixo e que também garante preços fixos para as vendas dos produtos da terra.

A política agrícola da CEE criou duques e barões: os pobres agricultores que até à criação da «Europa Verde» e até à nomeação do holandês Sicco Mansholt para o cargo de presidente da Comissão, rastejavam humildemente, muito pouco integrados numa sociedade industrial próspera. E desde então para cá, as eleições nos países ricos da CEE não se poderão ganhar se alguém ou algum partido pretender cortar as unhas rentes aos agricultores. Se a indústria tinha direito aos seus «capitães», a agricultura produziu duques e barões. Na lógica dos políticos da CEE, a dependência energética da Europa comunitária teria de ser compensada por uma garantia alimentar - 300 milhões de pessoas não poderiam ser abandonadas ao deus-dará. Daí que se tivesse optado por uma agricultura subvencionada e de preços garantidos. Pelo menos, conseguia-se a garantia de que os europeus não morreriam à fome.

E agora olhe-se para Portugal e comparem-se as situações existentes, no rectângulo lusitano e no resto da CEE, no que diz respeito aos agricultores. Uma olhadela rápida e superficial fará nascer a suspeita que os agricultores portugueses terão sido degradados para a classe dos párias da Europa - da classe política ninguém lhes liga, ninguém se preocupa em os integrar na «aristocracia» que marca os seus colegas da CEE.

Já se sabe à saciedade que a «Reforma Agrária» do Alentejo foi obra do Partido Comunista de 1975 e que hoje, quinze anos volvidos, as ucêpês já não têm ninguém para erguer a bandeira e defender a camisola. Queríamos era alguém que explicasse, no dia da revogação da Lei da Reforma Agrária, onde estão em Portugal os agricultores com padrões de vida iguais aos da CEE que tem uma política agrícola clara e bem conhecida. Afinal, onde está em Portugal a Reforma Agrária da CEE?

É fácil acabar com o Alentejo vermelho, mas a TV não mostrou onde está a Europa Verde nesse Alentejo que deixou de ser vermelho.

José Sousa Monteiro

«Assim Seja», um espectáculo diferente no Convento dos Cardais, até sábado

Um mundo de silêncios e sombras

Não há dúvida de que recentemente alguns dos jovens que se têm vindo a interessar pela arte coreográfica no nosso país têm, voluntária ou involutariamente, vindo a optar por posturas de carácter mais ou menos marginal. Talvez elas ainda não se tenham revelado particularmente irreverentes ou inovadoras, mas a sua importância no futuro da dança portuguesa parece ser já um facto inquestionável.

Algumas das vertentes que esse «movimento» apresenta passam por processos de produção independente e uma procura de cenários menos convencionais, designadamente espaços arquitectónicos vivos e actuantes. Ainda não há muito tempo que o Bairro Alto foi testemunha de um interessante evento que teve por palco um complexo industrial, mais precisamente uma torrefacção de café. Agora é a vez de uma instituição religiosa - um convento setecentista habitado por Carmelitas Descalças - abrigar mais de uma trintena de pessoas irmanadas num projecto comum: «Assim Seja».

Até ao próximo sábado no Convento dos Cardais, debruçado sobre a velha Rua do Século, este espectáculo que tem à cabeça Margarida Pinto Coelho, finalista do Curso de Dança da Faculdade de Motricidade Humana, que concebeu o texto coreográfico, poderá ser visto por um público particularmente reduzido, certamente para evitar perturbar a tranquilidade e espiritualidade de todos quantos fazem dele um lar permanente.

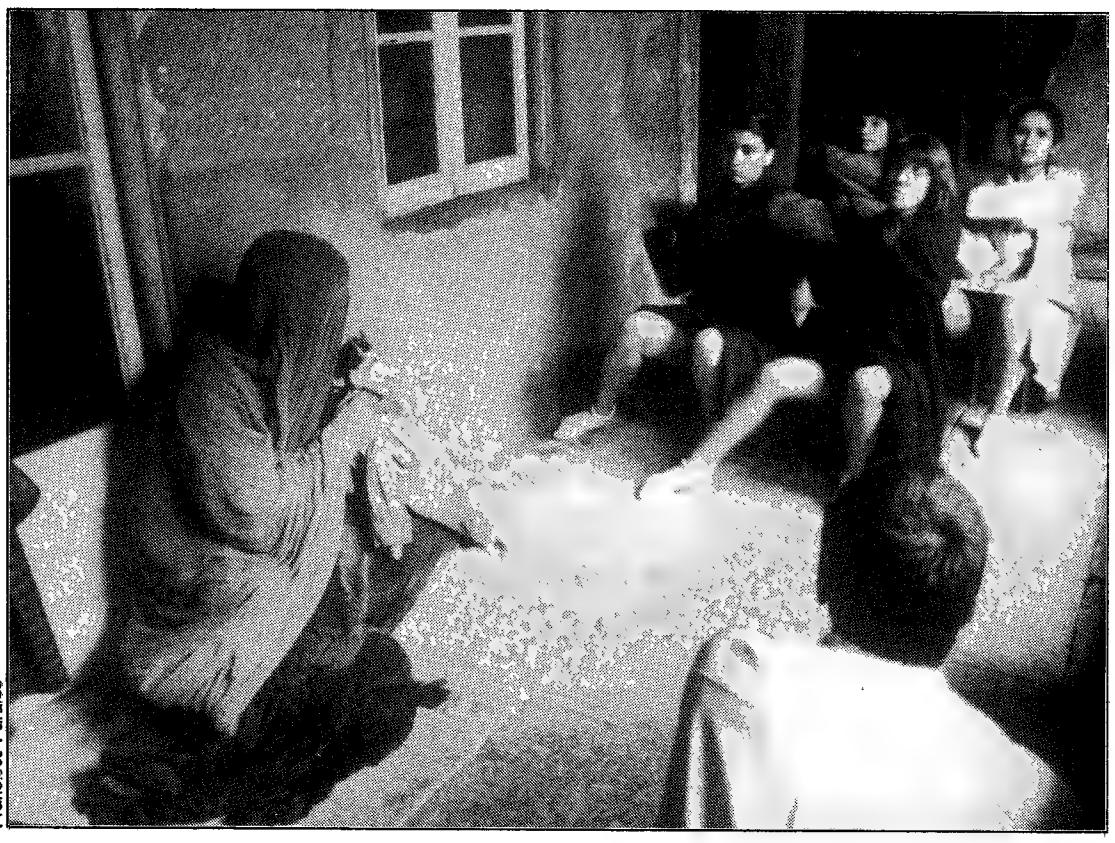
A assistência começa por se reunir na sala de entrada do convento (a sala da roda), onde um misterioso guia a inicia na função convidando-a a segui-lo sempre «nem demasiado longe, nem demasiado perto...» Partida para uma viagem de recolhimento e prece, de odores e sons, mistérios e silêncios, expectativas e gestos. Caminhada recheada de movimentos que durante cerca de hora e meia preenchem um tempo que por vezes parece suspenso.

«Assim Seja» exibe três protagonistas principais que nunca se contradizem ou atropelam: o espaço labiríntico do austero convento, uma figura de alma peregrina envolta em panos soltos e um grupo de dez mulheres de uniforme grená que frequentemente aparece e desaparece, dividindo-se e juntando-se nos diversos espaços percorridos.

Esse viajante de matraca na mão, que fala como homem mas que manipula um títere que é a cara chapada do Demo, conduz-nos por corredores e escadarias dos claustros ao refeitório e das capelas ao terraço, passando por jardins, num percurso sinuoso mass habilmente controlado. É ele que, de quando em vez, faz quedar o público que invariavelmente se aninha por todos os espaços disponíveis e olha com a mesma disponibilidade os farraposs de natureza ciosamente guardados neste paraíso esquecido ou os grupos de figuras femininas que alternadamente vão executando séries de movimentos de sinalética imprecisa mas cujo referencial é certamente a penitência e a frugalidade comunicativa. Por vezes eles resultam tão fugazes como o pequeno menino-anjo que convive indiscriminadamente com as raparigas e com os seus homónimos de talha dourada ou pintados nos belos azulejos que cobrem muitas das paredes. Margarida Pinto Coelho envolveu a agradável pintura de Maria João Cortegaça e a fotogrrafia de Margarida Simões (também autora dos figurinos), bem como todos os espaços e elementos arquitectónicos visados, com movimentos repetitivos, algumas vezes portadores de uma intimidade deliberada e com uma atracção muito peculiar pelo solo. Os locais onde se desenrolam os momentos de maior interesse são a «zona das celas» e a «capela-mor», onde os inesperados visitantes se tornam testemunhas de actos ritualísticos e que embora assegurados por braços e pernas descobertos jamais penetram nos territórios da profanação. É, contudo, a longa sequência desenhada para o refeitório, balizada por um mobiliário naturalmente austero e pelo som monocórdico de um metrónomo, que surge com uma consistência e rigor coreográficos particularmente mais eficientes.

«Assim Seja» revela-se como um percurso terpsícoreano cíclico e recheado de arquétipos, em que permanentemente se respira um diálogo entre o mundo contido dos silêncios e das sombras e uma realidade que se agiganta ao transpor as espessas paredes dos sentidos.

António Laginha



Francisco Paraíso

ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

Almeida Faria, zangado com os críticos, foi ontem o «caso» de mais um «Jornal Falado da Actualidade Literária». Não fora isso e mais tinha brilhado um poeta do Porto sobre quem andamos esquecidos: Albano Martins

Polémica e poesia

Aconteceu, ontem, mais um «Jornal Falado da Actualidade Literária», iniciativa do Acarte para a sua sala polivalente, no Centro de Arte Moderna, em quinta edição e já na segunda fase da sua existência. Moderados por Miguel Sousa Tavares, voltaram à «conversa» Paula Morão, Fernando J. B. Martinho e Abel Barros Baptista, versus Fernando Guimarães, Albano Martins e Almeida Faria. Na berlinda esteve a surpresa. Um poeta, para os mais distraídos. E uma polémica menor, em monólogo. Ambos os momentos foram feitos de silêncio. O primeiro, uma experiência gratificante que encheu o «Jornal»; o segundo, marcado pelo tédio e a desilusão.

Barros Baptista, crítico literário, quis questionar o mais recente romance de Almeida Faria, «O Conquistador». À ousadia, o autor retorquiu com insultos e sarcasmo. O crítico não respondeu a provocações e o romancista năp «arredou pé»: quem não é por mim, é contra mim! Gorou-se então a perspectiva do diálogo.

O interveniente apontou, no livro de Almeida Faria, as suas «perplexidades críticas». Ao relato autobiográfico de Sebastião, o herói que funciona como antítese caricatural de El-Rei D. Sebastião, pelo seu sucesso/acesso ao belo sexo, em paródia a sebastianismos e nacionalismos vários (questões candentes ao fim de quase nove séculos de história), o crítico contrapôs a redução do ambicionado projecto à quase tão-só avassaladora sexualidade da personagem. Na opinião de Ábel Barross Baptista, tal destino e vocação únicos, do conquistador... de mulheres, fizeram perder as virtualidades da temática, banalizando um herói sem crises. E a pergunta surgiu: que projecto afinal? Porquê a ligação de D. Sebastião a este Sebastião?

Almeida Faria não respondeu a qualquer questão. Leu uma auto-intitulada «mini-autocrítica», em que contra-atacou as críticas desfavoráveis de dois jornais, o «Público» e o «Expresso», pela mão de Torcato Sepúlveda e Fátima Maldonado, ausentes no debate. Desabafou contra as «luminárias», «vegetarianos», «críticos sem capacidade intelectual» à altura do seu livro. Por fim, dele, Almeida Faria ironizou que (não) era Sebastião, nacionalista ou escandaloso nas muitas metáforas que usou para descrever as «partes baixas masculinas», inspiração confessadamente bebida no poeta Shakespeare. Do romance, grosseiramente não falou. E defendeu-se com os louvores de outros críticos, tais como Eduardo Lourenço, Vergílio Ferreira e Agustina. Prometeu, então, uma continuação (adiada) deste mesmo projecto, que, considera, voltará a ser polémica, tal como o escritor o foi, aos 19 anos, quando publicou o seu primeiro romance.

Ao silêncio provocado pela polémica bastaria, na noite de ontem, a poesia. Albano Martins, 60 anos de poeta, há muito refugiado no Porto, foi o escritor escolhido por Fernando Martinho, devido ao livro «A Vocação do Silêncio», uma antologia da sua poesia completa. Como disse o professor, «a vocação dos poetas é exactamente a vocação do silêncio, pois o seu ideal seria atingir o silêncio e a contemplação dos místicos».

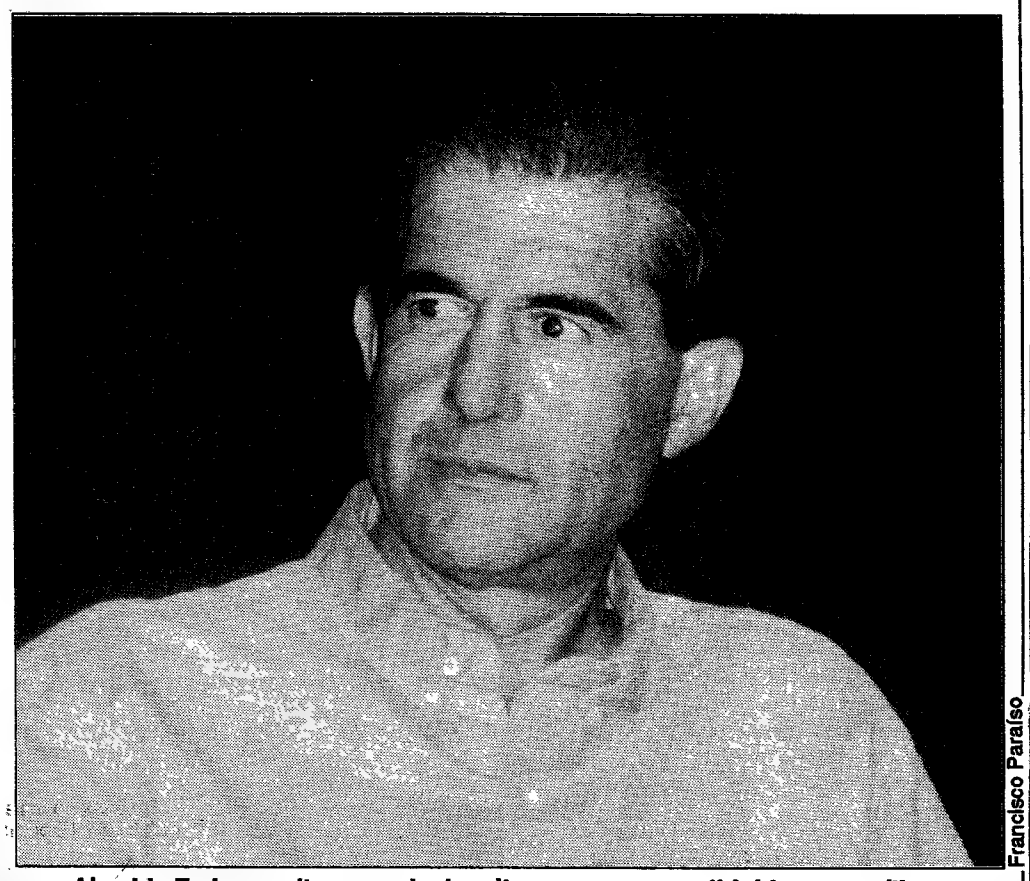
Essa poesia disse-a feita de intensidades, «em que tudo joga em termos de imagem e metáfora», e na qual o som, o ritmo e a visualidade se harmonizam para serem belos. Albano Martins foi mais longe e justificou a sua estreita ligação à pintura (muitos dos seus poemas têm sido ilustrados pelos melhores pintores do Porto) com a sensualidade/sensorialidade. São «as coress e o gosto pela palavra, em relação erótica entre o poeta e o real, entre o poeta e as palavras que nomeiam coisas».

No percurso de Albano Martins, Martinho salientou a sua estreia na publicação, em 1950, com 20 anos apenas, na «Germinal», uma das colecções de poesia do pós-guerra, a participação na «Árvore», o primeiro livro autónomo, também de 1950, «Secura Verde», título simbólico e paradoxal, tanto a seu gosto. Depois, foram 17 anos de silêncio até sair «Coração de Bússola», no qual «uma gaiola partiu à procura de um pássaro». Distanciou-se das tendências neo-realistas, bem como de outros projectos, como a Nova Renascença, no Porto, onde se instalou. Nas palavras de Fernando Martinho, «parece ter sido possuído pelo espírito do lugar», nas memórias e ambientes, exóticos e insólitos. Instado a falar da sua tendência epigramática e extrema contenção verbal, o poeta rebelou-se: «Haverá clichés ou normas em poesia? Haverá poemas curtos ou longos?»

Também Fernando Guimarães, o ensaísta convidado pela professora Paula Morão, nos falaria de poesia, a propósito de uma das constantes preocupações da sua obra ensaística: o simbolismo. O livro escolhido, «Poética do Simbolismo», um ensaio em seis capítulos, aborda vários aspectos da questão: a história do Simbolismo em Portugal, a recepção que o estilo teve no meio literário da época, a metrificação, as suas relações com o modernismo e Fernando Pessoa, entre outros.

Guimarães falou, então, da má aceitação crítica dos escritores e intelectuais contemporâneos de Camilo Pessanha ou Eugénio de Castro relativamente a este novo estilo. A não ser Trindade Coelho (o único que se expressaria a favor da poesia simbolista), os outros - Eça, Junqueiro, Fialho... - criticaram-no veementemente. É uma poesia claramente diferente da romântica, numa tradição mal entendida, justificou o ensaísta. Pesssoa e Mário de Sá-Carneiro retomaram-lhe, mais tarde, o imaginário e a vanguarda.

Manuela Baptista



Francisco Paraíso

Almeida Faria, a noite passada: insultos e sarcasmos dirigidos aos críticos

B R E V E S

Sérgio Godinho autor de televisão

Sérgio Godinho é o autor de uma série de seis episódios para a RTP sobre os que na sombra, longe dos projectores, fazem também acontecer música nos palcos. Entre outros, haverá um programa dedicado a um letrista, que o cantor confidenciou ao DL ser Carlos Tê, seguindo-se um "roadie", um instrumentista - Zé Salgueiro, baterista do Trovante - e as restantes profissões que passam despercebidas do público, mas que são peças fundamentais do espectáculo musical. A realização está a cargo de Teresa Olga, tendo-se já iniciado as filmagens dos programas.

Cabo Verde em festa lisboeta

A Embaixada da República de Cabo Verde, em Lisboa, vai assinalar a passagem do XV aniversário da Independência de Cabo Verde com três realizações culturais. No próximo dia 28, no Teatro Maria Matos terá lugar uma "Grande Noite Cabo-Verdiana" com a participação de grupos de dança do arquipélago. No dia 2 de Julho haverá uma noite de música cabo-verdiana no pavilhão do Grupo Cultural dos Trabalhadores do BESCL, na Rua D.Luís I, nº27. Uma outra noite de música encerrará as comemorações no dia 6 de Julho, no refeitório da Câmara Municipal da Amadora.

Sétima Legião encerra Festas da Cidade

Os Sétima Legião regressam aos palcos lisboetas nos próximos dias 29 e 30, um ano após a sua participação nos Sons do Parque. Os dois concertos, que terão lugar no Pavilhão Carlos Lopes, às 22 horas, foram os escolhidos para o encerramento das Festas da Cidade. A assegurar a primeira parte dos espectáculos estará a banda portuense Repórter Estrábico.

Amigos da Biblioteca Fernando Rau
da Junta de Freguesia das Mercês

(IPSS)-Instituição Particular de Solidariedade Social

Sede: Rua do Jasmim, n.º 11-2.º 1200 Lisboa Tel.: 32 46 97
Anexo: Rua de S. Bento, n.º 422

TARDE DE FANTOCHES

As nossas crianças convidam os moradores da freguesia a assistirem à nossa festa.

DIA 30
15 HORAS
No Jardim do Príncipe Real.

PROGRAMA DA FESTA

Exposição de:
— Fantoches
— Livros
— Fotografias
— Trabalhos
Actuação de:
— Teatro de fantoches
Tendas de:
— Quermesse
— Comidas e bebidas

VENHA DIVERTIR-SE CONNOSCO

Três críticos franceses mostram no Centro de Arte Moderna mais de duas centenas de obras de 29 artistas, expressando a vitalidade e importância que a fotografia possui naquele país

«Fotografia Actual em França»

A exposição não deve ser apenas entendida como uma tentativa antológica realizada no momento em que se celebra uma dupla efeméride: o bicentenário da revolução de 1789 e os 150 anos da invenção da fotografia.

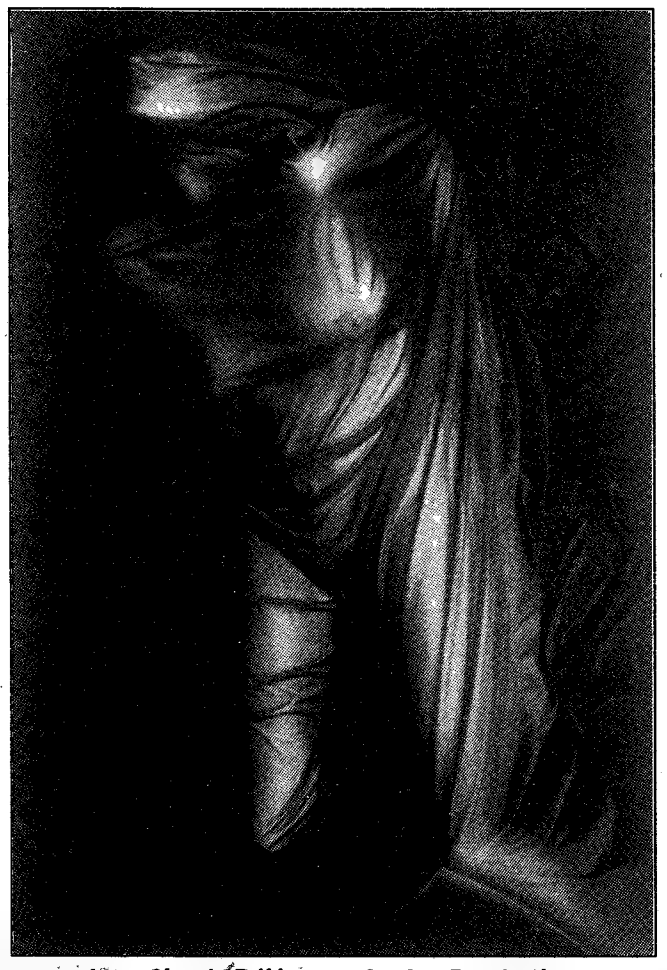
Para Gilles Mora, comissário-geral desta «Escolha de Três Críticos», a situação da fotografia "remete para uma vontade comum". Prolongando visualmente "os universos pessoais ao mesmo nível que a escrita - forçada a tornar-se matéria, encenação exterior a qualquer pressuposição do real - a fotografia francesa não cabe doravante em comportamentos estanques".

O comissário da exposição «Fotografia Actual em França» - que, depois do CAM, será também mostrada em Nova Iorque - quer que ela "seja *subversiva*, à imagem e semelhança da sua nova liberdade, capaz de assumir a maior diversidade de práticas".

Os três críticos convidados (Jean-Claude Lemagny e Patrick Roegiers, além do próprio Gilles Mora), através das suas escolhas e dos seus empenhamentos tão ecléticos quanto distantes, constituíram deliberadamente a presente exposição em torno desta vitalidade criadora.

Conservador-chefe da Biblioteca Nacional da Fotografia do Século XX, Lemagny chama à sua escolha «A Ressurreição dos Corpos», consubstanciando-se em Zaratustra.

Considerando que, nos últimos vinte anos, "a arte sofreu um processo de desincarnação indissociável do êxito da fotografia", para Lemagny, "abertamente ou em segredo, a fotografia e a arte conceptual uniram os seus destinos".



Jean-Claudé Bélégou, «*Ancien Presbytère*»

Assim, "pela sua escassez matérica, pela escassez do seu suporte, e pela aparente passividade com que opera, a fotografia prestou-se a todas as experiências sobre a arte como ideia. Voltando-se contra os seus aliados da arte como peripécia da vida, da arte como teoria tautológica, da arte como crítica do poder social, a fotografia - através do melhor de si própria - restabelece a arte na sua natureza imutável de procura em torno da verdade das formas incarnadas".

Referindo-se depois às obras mostradas no CAM, Lemargny diz que "mostram a profunda ligação entre a imaginação criadora e os sonhos da matéria"; enquanto que as recusadas "mostram que os jogos do imaginário que não encarnarem numa matéria adequada sofrem sempre, na ordem da arte, um *handicap* insuperável".

«A Vista é um Palco» é o título que Patrick Roegiers atribuiu à sua escolha. Crítico de fotografia do «Le Monde» e autor de ensaios sobre Lewis Carrol e Diane Arbus, Roegiers esclarece que "na altura em que a imagem se fixa num degrau do cimo do qual os *artistas* condescendem em debruçar-se sem decoro para fazerem finalmente da fotografia uma arte, será bom recordar que a expressão fotográfica não se contenta hoje em estimular a pintura". Esta a razão para juntar os sete artistas que, dedicando-se também à escrita, ao cinema ou às artes gráficas, "são - antes do mais - intrinsecamente fotógrafos".

Tendo a atemporalidade, o efémero ou o decorrer do tempo por objecto, "as suas obras afirmam sem pontos comuns, em moldes decididamente pessoais, a força irredutível do facto fotográfico".

As figuras clássicas apropriadas por Fleischer, os ícones modernos de Pierre & Gilles, as marcas eternizadas por Rousse, a energia escultural de Kern, a materialidade plástica de Drahos, o dispositivo óptico de Lecourt ou o ritual de captação de imagens instituído por Faucon, segundo aquele crítico, "restituem brilhantemente a multiplicidade dos domínios de intervenção, a diversidade de usos e suportes em que se elabora e desdobra com total autonomia não apenas a visão, mas a representação fotográfica".

«Sem Perder a Fotografia de Vista», a escolha do comissário da exposição e chefe de redacção da revista «Les Cahiers de la Photografie», Gilles Mora, privilegia a fotografia ligeira. Ao que chama "o dispositivo e acto fotográficos, sobejamente conhecidos pela sua capacidade de trazer o real até ao fotógrafo, sem sobrecarga nem protocolo excessivos, favorecendo assim os empreendimentos visuais de uso pessoal".

Sem perderem a fotografia de vista, os oito fotógrafos reunidos por Mora "escolhem o livro como suporte privilegiado dos seus trabalhos". Solicitam, por isso, "uma leitura, ou sugerem combinatórias, um universo autónomo".

Jorge Fallorca

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
2 SALAS • 2 ESPECTÁCULOS
SALA NOVA
2 últimas semanas
O ESTRANGEIRO EM CASA
TEXTO • RICHARD DEMARCY
MUSICA • JOSE MARIO BRANCO
SALA 1
UM ELECTRICO CHAMADO DESEJO
TEXTO • TENESSEE WILLIAMS
TRADUÇÃO • M. JOAO GOMES
ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA
«... brilhantes interpretações.» — O JORNAL
«... excelente encenação.» — A CAPITAL
«... surrealista, absurdo, épico, cruel.» — O EXPRESSO
«... verdadeira fruição teatral.» — O EXPRESSO
«... um espectáculo perturbador, pujante de força.» — A CAPITAL
APOIOS F. GULBENKIAN • REMEDIUS • MUSIC
CINE FOTO AVIZ • CABELEIREIRO CITY
SUBSIDIO S.E.C.
MARCAÇOES T. 726 08 18
PUBLICO

CRÓNICA DE TOUROS

Florito, a sorte esquecida e a estocada da tarde

Florito é o maioral da praça de Madrid. Jovem ainda, não precisa de cabelos brancos para ser um maioral e peras. No mundo taurino não vi, não conheço, não consta que haja outro como ele, com essa rara intuição, que é quase um feitiço, para recolher os touros sempre que o presidente mostra o lenço verde, ordena devolução ao curral. Intuição, quase feitiço, e decerto também muito trabalho, trabalho é coisa de paciência e de coragem, como dizia lá no Zaire o pequeno João Pemba, onde estará ele a esta hora, trabalho há-de ter Florito para que os cabrestos o entendam assim, lhe obedeçam à voz, envolvam o touro, e a passo vagaroso o vão levando, e à frente ou atrás deles lá vai Florito, com eles desaparece pela negrura do portão, como se fosse a coisa mais simples do mundo, não fosse coisa de pasmar. Florito quis ser matador, fez-se novilheiro, por «Niño de la Plaza» chamado, porque nasceu, ou cresceu, na praça famosa onde «Bailador» matou Joselito, em Talavera de la Reina. Florito vestiu-se de luzes, ganhou direito a figurar na enciclopédia maior da tauromaquia, o Cosio, lá vem no sexto volume, com fotografia e tudo, tirada no pátio dos cavalos duma praça qualquer, a cara jovem e séria, e por baixo umas linhas poucas, falando das novilhadas sem picadores que toureou no ano 77, e dos três festejos com cavalos em 1978, um deles na sua Talavera, com Luis Reina e Emilio Muñoz, duas orelhas cortou, decerto festejadas mas não valeram para chegar à alternativa, e ainda bem, foi a forma de chegar a maioral da praça de Madrid, nela ganhar nome respeitado, admirado, sem ele se fariam mais pesadas muitas tardes. Como esta, em que o curro descastado de Benitez Cubero já chegou remendado ao sorteio, e mais remendos teve de levar na arena, foram devolvidos o primeiro e o terceiro, que saíram do encontro com o picador a dobrar as mãos; e ali estava Florito, com o seu conhecimento dos mansos, e dos touros, e dos terrenos e das querenças, movendo a sua vara como se fosse mágica, dois minutos bastaram para consumar a recolha, entre a ovação que despedia o toureiro que vive dentro de Florito Fernandez Castillo, maioral da praça de Madrid, se não existisse precisava de ser inventado.

A sorte esquecida. Foi aquele par de Paco Alcalde, quando da trincheira lhe passaram uma cadeira, e sentado nela citou para um quiebro, assim ressuscitou a imagem antiga, desacostumada, esquecida no amarelo das gravuras antigas. E foi essa evocação o que iria ficar de notável na actuação tristonha de Alcalde, com duas saídas anteriores em Las Ventas ganhara o direito a substituir nesta tarde Luis Francisco Esplá, e chegou afinal com o ânimo arrefecido, sem inspiração para tirar partido do seu primeiro, um sobrero de Los Baryones que foi o touro aproveitável da corrida, desigual em varas mas cresceu na muleta, pedia toureiro; e depois à mansidão do quarto não lhe deu margem para reagir ao desalento, voltaram as bancadas a ficar em silêncio, nesse silêncio que também com Fernando Camara guardaram, apesar do esforço do moço para reagir à continuação da má sorte da tarde da alternativa, desta vez tocou-lhe um Benitez Cubero entre o sonso e o molesto, e para fechar um sobrero de Benavides, com seiscentos e tal quilos de impossível mansidão.

A estocada da tarde. Foi aquela com que Vítor Mendes pôs de «patas arriba» o quinto, outro Cubero parado e manso em que confirmou o voluntarioso ofício que já mostrara no segundo, um touro apagado de Sanchez Cobaleda. Um ofício que o público reconheceu na ovação final que nos seus dois inimigos ouviu o português, para quem Madrid continua como casa sua. Não teve Mendes ocasião para luzir-se de capa, apenas eficaz na brega. Esteve bem nas bandarilhas, com o ponto alto daquele par soberbo, que Alcalde lhe ofereceu no primeiro, em que aguentou e reuniu nos medios. Nas faenas teve de ficar pela serena decisão com que não perdeu a cara aos mansos que lhe tocaram. Mas houve, no touro quinto, essa estocada da tarde, perfilando-se na rectidão das hastes, entrando direito como uma vela, com vagar deixando ver o que acontecia, a espada entrando nas agulhas, o corpo do toureiro saindo com limpeza da sua entrega generosa, nessa sorte que assim merece ser tratada de suprema.

Solilóquio

De 5 a 20 de Julho em Almada

Teatro em festa

A Festa de Teatro de Almada, organizada desde a primeira edição pela Câmara Municipal e pela Companhia de Teatro de Almada, é geralmente condiderada como um dos principais festivais internacionais que se realizam no nosso país. A sua sétima edição, na qual estarão presentes oito companhias estrangeiras e onze portuguesas, decorrerá entre 5 e 20 do próximo mês de Julho.

«Como todas as iniciativas deste tipo no nosso país, esta é uma festa que se faz com um orçamento limitado e portanto, se não tivéssemos o apoio da Comunicação Social que temos tido ao longo de todos estes anos, o festival não teria a ressonância que normalmente se consegue» - começou por dizer Joaquim Benite, director da Companhia de Teatro de Almada, que no encontro com os representantes dos orgãos de Comunicação, efectuada no Teatro Municipal, partilhava a mesa com o cenógrafo Mário Alberto, o vereador da Cultura da Câmara Municipal de Almada António Matos, e a actriz brasileira Vic Militelo.

Sobre a festa propriamente dita, Joaquim Benite começou por revelar que «Mário Alberto seria o homenageado deste ano». Mário Alberto, um dos nomes mais prestigiados da cenografia portuguesa, junta-se assim à galeria de individualidades a quem esta Festa de Teatro distinguiu anteriormente, ou seja os actores Eunice Muñoz e Assis Pacheco, a encenadora Luzia Maria Martins, o dramaturgo Luiz Francisco Rebello e o colaborador do Museu do Teatro e grande entusiasta teatral, António Magalhães.

A seguir, Joaquim Benite adianta outra novidade, ou seja, «que a festa recupera uma das suas tradições importantes, que foi interrompida o ano passado: a passagem do palco principal da festa para o Palácio da Cerca, que consideramos um salto qualitativo no enquadramento estético do festival; por outro lado, será recuperado o palco do Pátio do Prior do Crato, abandonado o ano passado».

Deste modo, o festival decorrerá em quatro espaços diferentes: o grande palco ao ar livre nos jardins do Palácio da Cerca, sobranceiro a Lisboa e com uma magnífica vista sobre o Tejo, com bancada para 800 pessoas; o palco do Pátio do Prior do Crato e ainda as salas da Incrível Almadense e do Teatro Municipal, onde serão apresentados os espectáculos cujas características não se adequem às condições do ar livre.

O palco do Pátio do Prior do Crato, onde a festa nasceu há seis anos e que na última edição não foi utilizado, volta este ano a ser cenário de uma intensa actividade paralela. Com entrada livre, serão ali apresentados diversos espectáculos de grupos de teatro amador e outras produções de música, circo, jogos populares tradicionais, etc.

Quem estará em Almada

A presença estrangeira é composta pelas seguintes participações: «Teatro del Norte» (Lugones, Espanha); «Compañia Teatro Nuevo» (Madrid, Espanha); «Colectivo Margen» (Oviedo, Espanha); «Théâtre de Banlieue» (Bruxelas, Bélgica); Vic Militelo com "A Dona do Bordel" (S. Paulo, Brasil); «Studentina Teatr» (Sofia, Bulgária); «Teatr Ludic» (Iasi, Roménia) e «Studio Pantomimy» (Sczezin, Polónia).

As presenças portuguesas em Almada, para além da anfitriã (Companhia de Teatro de Almada), são a Cornucópia e a Comuna (pela primeira vez nesta festa), as Marionetas de Lisboa, o Teatro do Tejo, o CDIAG de Loures, o Grupo Intervalo de Algés, o actor João Grosso (com a Ode Marítima de Álvaro de Campos), o Grupo A Barraca, o TEUC de Coimbra e o Teatro Ibérico de Lisboa.

Vinte e sete espectáculos, música e animação de rua

Ao longo das duas semanas de festa, serão apresentados vinte e sete produções teatrais diferentes. Para além das companhias portuguesas e estrangeiras já mencionadas, seis grupos amadores terão oportunidade de apresentar os seus espectáculos: os grupos de Almada «GIC-Grupo de Intervenção Teatral», «Teatro Amador de Almada», «Grupo Amador da SFUAP» e o «Teatro Amador da Incrível Almadense»; o grupo de Lisboa «Os Patolas» e o grupo de Loures «Os Feirinhas».

Um programa de concertos musicais integra-se ainda na VII Festa de Teatro de Almada, com a participação da Banda da Incrível Almadense, da cantora Celeste Amorim com a pianista Madalena Sá Pessoa, do percussionista Américo Cardoso, do Coro de Almada dirigido pelo maestro Cortez Medina, do grupo «Netos de N'Goumbé» da Guiné-Bissau, do flautista Carlos Bechegas, do grupo «Barrock's», do músico francês Myrdhin (harpa céltica) e ainda da Orquestra do Porto «Régie Sinfonia» sob a direcção do maestro Hans Graff.

A animação de rua, que o festival volta a promover este ano de acordo com a melhor tradição de festa popular, inclui actuações da Juventude da Galiza, Grupo de Pauliteiros da Aldeia do Picote (Trás-os-Montes), demonstrações do Jogo do Pau pelo Clube Recreativo Piedense, patinagem acrobática pelo grupo «Trupinikins», circo pelo grupo «Ratchimbum» e a actuação do grupo musical «João Balão e Mário Gramaço». Os actores António Assunção e Manuela Cassola representarão também textos de Gil Vicente.

Várias exposições fazem ainda parte do programa. Destaque para a do escultor Sérgio Taborda (na esplanada do Palácio da Cerca) e outra documental, sobre a actividade e a vida do cenógrafo Mário Alberto, onde estrarão patentes ao público documentos inéditos que constituem um importante contributo para a própria história do teatro português das últimas décadas. Mas outras exposições animarão a zona velha da cidade de Almada, como por exemplo as dos jovens Pedro Morgado, Tomás de Aquino, Afonso Guerreiro e Joa.

A realização da Festa de Teatro de Almada envolve, este ano, a colaboração directa de 694 pessoas, entre actores, técnicos, músicos e cantores, tocadores e dançarinos, atletas e artistas de circo, artesãos, artistas plásticos, 40 elementos da Câmara Municipal e da Companhia de Teatro de Almada, 26 colaboradores jovens, 61 vendedores de assinaturas e 8 convidados permanentes.

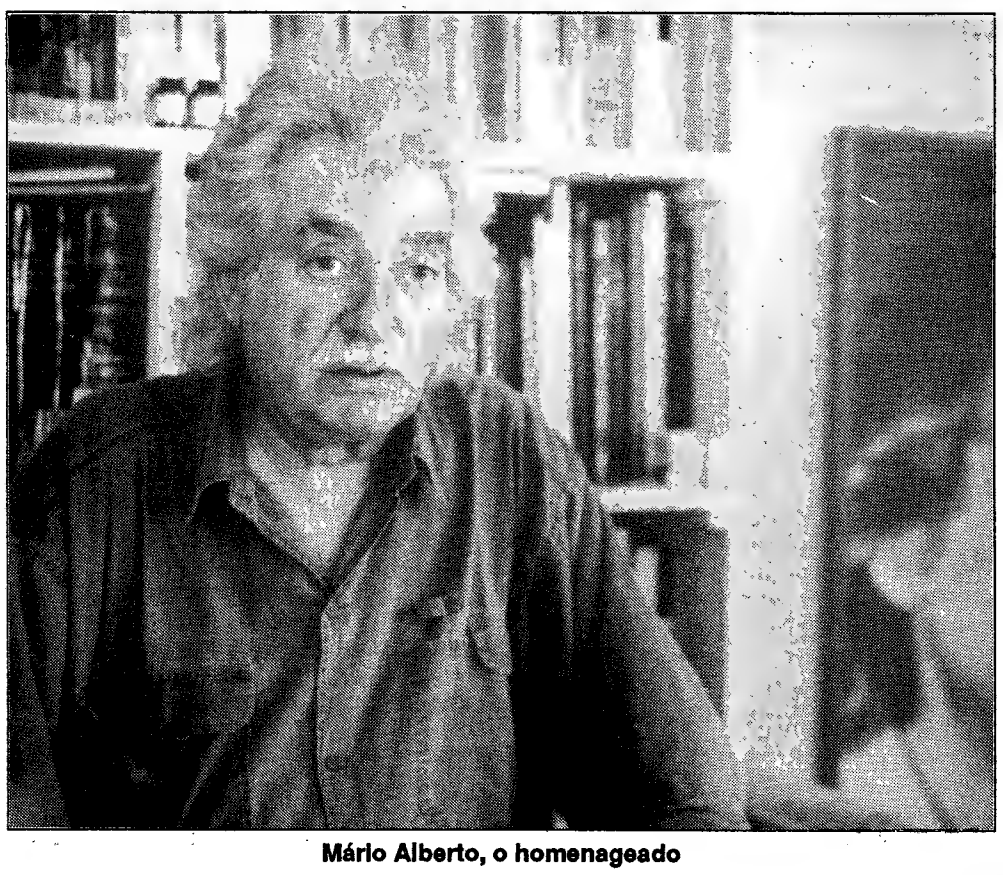
Nos dias 7, 8, 14 e 15 de Julho, decorrerá nas ruas da zona histórica da cidade - Almada Velha - uma Feira de Artesanato, que contará com a presença de algumas dezenas de artesãos, não só do concelho de Almada como também do Seixal, Arraiolos, Reguengos de Monsaraz, Lisboa, etc. Esta Feira inclui secções de cestaria, olaria, tecelagem, trabalhos em cabedal e cobre, cerâmica, pintura, missangas e instrumentos musicais.

António Matos, responsável pelo pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Almada, falou também - a seguir a Joaquim Benite - sobre a VII Festa de Teatro em particular e, na generalidade, sobre o apoio que o município entende por bem dar às populações do concelho.

Começando por afirmar que «a Festa de Teatro é o resultado da vitalidade daquilo que poderemos designar como comunidade cultural, entendida como um conjunto de instituições que operam na acção cultural», o vereador António Matos acabou por fazer um exaustivo balanço (em nossa opinião muito positivo) da acção cultural que nos últimos anos tem sido desenvolvida no concelho de Almada, revelando números, realizações e projectos, altamente demonstrativos do interesse, do carinho e da operacionalidade que aquele município tem dedicado às coisas da Cultura, apesar das eventuais faltas de apoio financeiro por parte do poder central, que o poder local raramente tem capacidade para superar a cem por cento. Mas mesmo assim...

Rodrigues Borges

Vic Militelo, a actriz de S. Paulo que em Almada apresenta «A Dona do Bordel»



Mário Alberto, o homenageado

teatro da cornucópia

UM POETA AFINADO

Manuel de Figueiredo

últimas semanas — só até dia 8/7

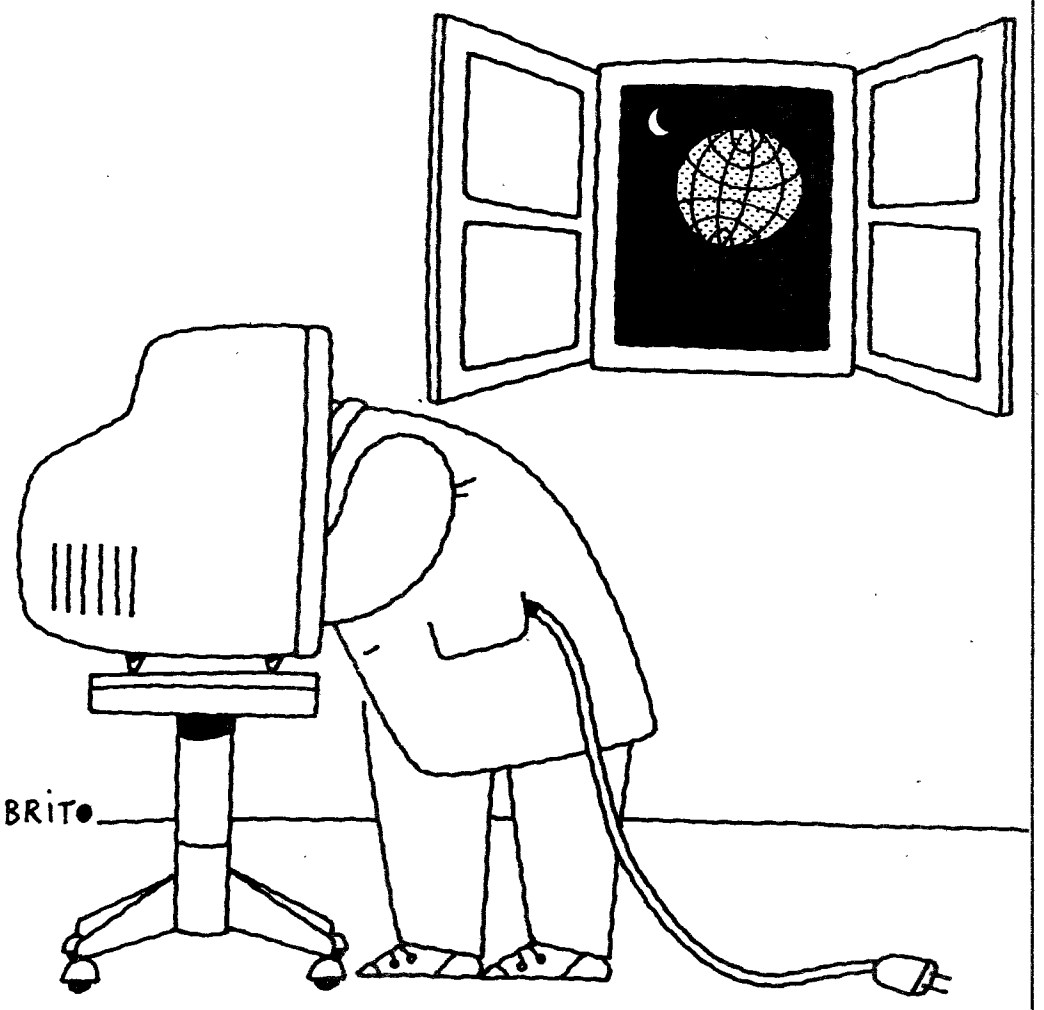
«Deliciosamente provocatório»
«Expresso»
«Aquela maestria a que a Cornucópia nos habituou»
«Diário de Lisboa»
«Como, mais uma vez, a partir de um texto fraco, se pode pôr de pé um bom espectáculo»
«Público»

TEATRO DO BAIRRO ALTO: Rua Tenente Raul Cascais, 1-A — 1200 Lisboa
Telef.: 396 15 15/396 92 05

De 3.ª a sábado, às 21.30h, e domingos, às 16h
Atenção: O espectáculo começa **pontualmente**
Não é permitida a entrada na sala depois do início

CANAL DA CRÍTICA

Mundial Televisual



Bolas gigantes no meio do estádio. Bolas não de jogar, mas de enfeitar. Os olhos fixos nelas, muitos milhões de olhos.

De súbito, uma explosão. As bolas separam-se em gomos e lá dentro há flores, flores, flores de todas as cores e feitios.

Foi assim no dia da abertura dos jogos. Dia de festa. Com flores. A primeira imagem que se guarda na retina.

Flores. De boas intenções está o futebol cheio. Estará?

«A típica ingenuidade...»

No primeiro encontro participavam a Argentina e os Camarões.

Os Camarões. O domínio alemão. A ocupação pela França e a Inglaterra. A esperança com a União Popular dos Camarões - mais tarde liquidada pelo neocolonialismo numa guerra civil deveras traumatizante. E os sindicatos dissolvidos. E a censura. E os presos políticos. E o incidente com a Nigéria por causa do petróleo. E a elevada taxa de analfabetismo...

Tudo isso. Tudo isso que é nada, agora. Ou quase. Agora são onze homens que estão ali para honrarem o nome do seu país, através do pontapé na bola.

«Futebol sem cotação» - diz o locutor. Ninguém dá nada por eles. Um diário português chega a anunciar o encontro com o título «Argentina-Camarões ao lanche». Os locutores não fogem à regra. Para a Argentina são favas contadas. Há uma fase do jogo em que um jogador negro dribla mal e passa mal. «A típica ingenuidade africana...» comenta o locutor.

Ah, o racismozinho escondido com o rabo de fora...

Figuras tristes

Já falei da situação absurda dos enviados especiais da RTP que fazem o comentário ao jogo, em Itália, acompanhando-o - pelo televisor.

Eu sei que os rapazes merecem umas férias. Mas não se poderia arranjar melhor pretexto? Menos... escandaloso?

Entristece ouvir frases como estas: «Pareceu-nos ser o jogador Fulano...». «Pareceu-me ser pontapé de baliza...». «Não sabemos se houve cartão amarelo. Eugénio Lemos, que está aqui a dar apoio, diz que sim, que houve...»

Figuras tristes por figuras tristes antes fazê-las cá. Fica tudo em família.

As trutas

Ficamos a saber que os Estados Unidos se iniciam no futebol. Eis que logo conseguem o feito de aceder a Itália. Como fizeram eles isso? Muito facilmente. Recrutaram alguns atletas aqui e acolá, levaram-nos para o país do *Texas-Não-É-Só-Isto*, naturalizaram-nos. Os dólares fizeram o resto. E o que é que os dólares não fazem?

Acho que o «futebol associação» não tem grande futuro nos Estados Unidos. Primeiro, só tem um intervalo o que, comercialmente falando, não é rentável. Os americanos precisam de muito tempo para as suas pipocas e para as suas coca-colas. Além disso, não aguentam muito tempo sentados. A sua atenção é frágil como as das crianças. Não se concentram, fatiga muito. Precisam constantemente de espairecer. A deformação tem-se acentuado com a TV, totalmente sujeita a imperativos comerciais. Rubricas ainda que breves são constantemente interrompidas para meter os anúncios. Reparem nos separadores, por exemplo, do *Querido John* ou de *Quem Sai aos Seus*. Processam-se com intervalos de cerca de quatro minutos e as histórias são contadas de tal maneira que um período deixe o «suspense» para o período seguinte. «Nos Estados Unidos existe uma imaturidade geral». A frase é do dr. Strecker, conhecido psiquiatra.

Por outro lado, duas contrariedades militam contra o futebol: falta-lhe a raiz tradicional (que garante o domínio do beisebol) e é demasiado tranquilo. Os americanos estão viciados nas drogas fortes - o futebol americano, o boxe, o hóquei no gelo.

O desporto, lá, é uma actividade de exploração comercial. Alguns exercem, muitos assistem. Viciam-se na inacção. Aos pequenos grupos que praticam, respondem as numerosas claques que apoiam. «Todos os americanos - diz L.L. Mathias - são pescadores apaixonados. É o desporto mais cómodo. Quem se mexe, são as trutas.»

Como se ganham taças

De maneira que o futebol... Bem, não me admira nada que os Estados Unidos venham a sagrar-se campeões no próximo Mundial. Esmifram uns milhões de dólares, compram os melhores jogadores - e pronto. Até já estão habituados ao negócio. Há anos, quem anda nestas coisas do ténis deve lembrar-se. Os americanos gostavam à brava de ganhar uma Taça Davis, mas faltava-lhes um bom jogador. Não estão com mais aquelas: Vão ao Peru, trazem de lá o Olmedo, deitam-lhe a bênção da bandeira estrelada e foi canja.

Dar água a quem tem sede

A violência dentro do campo. As indicações rigorosas para reprimi-la.

A verdade é que tenho dificuldade, olhando para trás, em fixar um ou outro gesto mais grave de violência, em campo. Nem sequer umas escaramuças. Que talvez tivesse havido, não sei.

Na memória dos olhos, porém, ficou-me aquela cena. Jogo ríspido. O jogador A carrega o jogador B e fica também lesionado, enquanto o jogador B anda para ali a rebolar-se, caim, caim, até ouvir o apito do árbitro. Após o que se levanta, toma a garrafa estendida pelo seu banco, dá uns goles - e vai oferecer água ao jogador A, que o ofendera.

Dizem que a felicidade não tem história. A memória dos meus olhos afiança que é mentira. Pelo menos em futebol.

«Até estão calados...»

Inglaterra-Holanda. O jogo perigoso. Pandora vai abrir a caixa, soltam-se todos os monstros e todas as pestes...

Os locutores anunciam os grandes medos. As grandes televisões assestam as poderosas câmaras. Aqui podemos ver a claque holandesa. Ali, bem longe, *à cause des mouches*, como se diz em jargão académico, a claque inglesa. E as câmaras sempre de olho neles. Ao mais pequeno berbicacho, lá está a colheita de imagens.

O interesse pelo jogo ficou relegado para secundaríssimo plano. Deixem passar o tempo. Quando os *hooligans* entrarem em acção é que se vai ver como é...

Afinal, não aconteceu nada. Paira um ambiente de desilusão. A câmara dá, nas claques, o esvoaçar das bandeiras, honestas e tranquilas como as pombas suas irmãs. Quase que se adivinha um lamento na voz do locutor que sublinha o pudor dos ingleses. «Eles até estão calados!» - diz.

Os *hooligans* deviam ser processados por não cumprimento do contrato. Se eles se convertem, que é que vai ser da grande Comunicação Social?

O perigo

Por alturas do drama de Heysel protestei contra a repetida transmissão das imagens. Considerei que, longe de uma denúncia, o facto redundava em propaganda. De facto, longe de diminuir, a violência em redor do futebol aumentou.

Não me fio na ingenuidade da Televisão, nem na sua neutralidade.

Acredito que a televisão vende detergentes.

Acredito que a televisão vende incultura, incivilidade, passividade, alienação, insociabilidade.

Acredito que a televisão vende falsos valores.

Acredito que a televisão vende PSD.

Acredito que a televisão vende votos.

Acredito que a televisão vende crime.

Acredito que é um perigo acreditar que a televisão não representa perigo nenhum.

Uma fábula

Regressemos à memória visual. Aquela que mais dificilmente desaparece. Um dos momentos que ficaram mais gravados. Em mim, pelo menos.

Desenrolava-se o RFA-Colômbia, esta a perder por 1-0. Já se entrou em período de desconto de tempo. Para a Colômbia, o destino parecia resolvido. Então vimos o seu treinador levantar-se, esbracejar, gritar para dentro do campo. Que avançassem, almas do diabo, o jogo ainda não tinha acabado!

E o golo veio. No último segundo.

Para gente de pouca fé, o futebol não serve. Nem a História.

Estou a ver o treinador a gritar, punhos fechados. Ou estou a ver uma fábula?

O tempo útil

Algumas vezes, para estas colunas, e por mera curiosidade, contei o tempo útil de um jogo de futebol. Cronómetro em punho, louco de tiquetiques, apenas burocrata, sem resquício de paixão. Em geral, esse tempo andava pelos 50 minutos.

Neste Mundial, a RAI plagiou-me e deu-se, em alguns encontros, ao trabalho de contar. No Irlanda-Holanda, por exemplo, o tempo útil foi de 52,56 minutos!

Como se vê, não andei muito longe da verdade.

O computador e a realidade

A RAI tem prestígio de qualidade. Preparou-se, excepcionalmente, para este Mundial. Perdi a conta ao número de câmaras utilizadas. Desde aquela à flor da relva, até à sua colega pendurada no tecto (mas que tecto, santo Deus?) houve de tudo. Um espanto.

Pela primeira vez, que me lembre, o computador entrou em acção. Espectacularmente. As jogadas eram introduzidas em forma de bonecos representando a realidade - e nós podíamos entender melhor a realidade utilizando a sua representação! Inclusivamente, o computador davanos a velocidade do «projéctil». Houve um caso em que a bola atingiu a velocidade de 106 quilómetros!

Apesar disso, o relato do jogo não foi melhor do que, em geral, os nossos. Houve situações em que a câmara perdeu o sentido da bola, deixou de dar o jogo para transmitir uma repetição e não se viu nada de jeito nas cenas quentes do Alemanha-Holanda que levaram à expulsão de dois jogadores. Recordo ainda aquela inovação de mostrar os jogadores perfilados no início do jogo, mas... de costas!

A fartura de material é que ditou a diferença. Isso e não a qualidade profissional. A RTP continua a ser a única estação do mundo onde se fazem omeletas sem ovos. E terão esses «cozinheiros», lá na casa, a consideração que merecem?

Mário Castrim

TEATRO DA GRAÇA
GRUPO TEATRO HOJE

CENAS DA VIDA DE BENILDE

Subsídio SEC

2.º mês

«...Imagina-se José Régio entusiasmado — ia ele lá perder este tão belo retrato da sua Benilde pela Alexandra Lencastre! —...» — Eugénia Vasques — «Expresso».

«Alexandra pontifica em encenação inteligente.» — Tito Lívio — «A Capital».

«O elenco é seguramente de grande nível, com Alexandra Lencastre numa belíssima figuração de Benilde». — M.ª Helena Serôdio — «O Jornal».

SEGUNDO «BENILDE OU A VIRGEM MÃE» DE **JOSÉ RÉGIO**

ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD

COM: ALEXANDRA LENCASTRE, ALEXANDRE DE SOUSA, ANTONINO SOLMER, ELISA LISBOA, ISABEL DE CASTRO, JOSÉ FIGUEIREDO, JÚLIO MARTÍN, RUY FURTADO

Última semana só até dia 30.

Em cena de terça a sábado às 21.30
Matinées aos **domingos** às 16.00
Marcações pelos telefones 875626 e 875800

MUNDIAL

O COMENTÁRIO DE NEVES DE SOUSA

Carlos Valente: Portugal está em Roma

Estou perfeitamente tranquilo, certo que o desafio é de extrena responsabilidade para as duas equipas: mas, vou arbitrar à minha maneira, sem me preocupar se os italianos são os donos da maior parte da plateia ou os irlandeses as visitas que vêm de longe.

Carlos Valente diz-nos isto, de Roma, do Hotel Villa Pamphilli, onde o telefone 00-396-5862 tem levado até ao quarto 410 boas palavras de muitos portugueses e, inclusivamente, a 1.ª mensagem do dr. Lourenço Pinto (presidente do Conselho de Arbitragem) que, embora chegando tarde e a más horas (apenas na noite de 26 para ontem) sempre acabou por ser pequeno lenitivo para o ostracismo votado a Carlos Valente por quem manda no nosso futebol, especialmente direcção federativa.

de Cooper.

— *Faço muita ginástica e, sempre que posso, entro numa jogatana de bola...*

Aliás, o nosso bimundialista é antigo praticante de futebol: juvenil no então Desportivo da CUF (hoje Quimigal), júnior no Moitense, sénior na turma da Tabaqueira que disputava torneios do Inatel, dedicou-se depois a erguer o Clube de Recreio e Instrução de Alhos Vedros até que, arrastado por amigos, inscreveu-se num curso para árbitros organizado em 1977, no Barreiro

Sucessivamente, foi fiscal de linha das equipas chefiadas, por Sebastião Pássaro, António Reinaldes e Inácio de Almeida, até iniciar uma escalada muito rápida: juiz da 3.ª Divisão nacional em 1977, da 2.ª em 1978, da 1.ª em 1980. Em 1983, já internacional, ob-

agora o duelo mais ansiosamente esperado por todo o povo italiano, um espectáculo em que o fiel da balança não pode falhar: quem perder sai da carroça, Itália inteira aposta no seu «team», a República da Irlanda (em fase inédita da sua carreira) quer colocar o técnico Jack Charlton na fila cimeira dos treinadores europeus.

— *Sei que é o momento mais alto da minha carreira* (confessa Carlos Valente) *mas, como ontem tinha dito ao «Diário de Lisboa», fico muito feliz por estar destinado a dirigir um dos dois jogos que mais apetecia. f90que o outro era o RFA - Checoslováquia. Porém, o mais pretendido bateu à porta deste barreirense que todos os sábados vai junto ao rio comprar peixe, que aposta na continuidade da arbitragem da sua zona em nomes como Luís Salgado, Fer-*

nos sonhos da Fiorentina. O Roma sempre acaba por dar 700 mil contos por Aldair, quase quatro vezes os 180 mil que o jogdor custou ao Benfica aqui há meses. Para além do dinheiro no cofre, o Benfica fará em Lisboa um jogo com os romanos, ficando com a receita integral mas comprometendo-se também a visitar Roma, com a sua principal «squadra».

Ao mesmo tempo, o empresário Borge Lantz, desejoso de levar Schwartz para a Luz, tenta desesperadamente colocar Magnusson no mercado espanhol enquanto o colega Manuel Barbosa já está autorizado pelos dirigentes benfiquistas a tratar de outro futuro para Lima, certamente que fora do estádio da *águia*.

Definitivamente: Ricardo Rocha (ex-leão ainda com muito dinheiro a receber do tempo em que esteve ao serviço de Alvalade) é terminantemente recusado pelo Florença, tendo agora sido oferecido ao Atalanta e ao Bérgamo.

A vergonhosa cuspidela de Reijkaard no rosto de Voeller valeu-lhe três jogos de suspensão, enquanto o germânico fica um encontro na bancada. Mas, a penalização maior envolve a turma dos Camarões: André Kana-Biyik, Emile M'Bouh, Jules Onana e Akem N'Dip estão fora do «team» que defrontará a Checoslováquia, tal como acontecerá ao defesa argentino Pedro Monzon e ao médio italiano Nicola Berti, obrigados a fazer cruzes na boca quando os colegas jogarem com a Jugoslávia e a Irlanda.

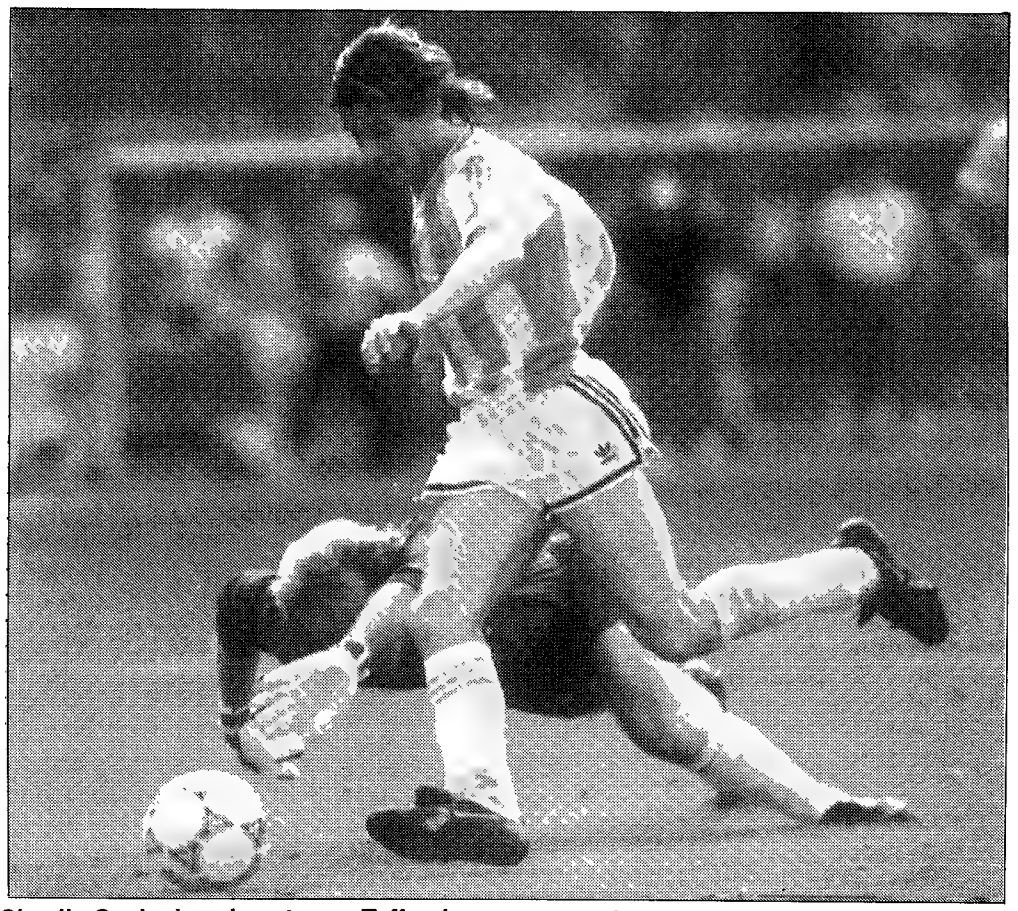
Por outras paragens: Lazaroni desembarca no Rio de Janeiro mas sai pela porta dos fundos do aeroporto do Galeão, porque a recepção que o esperava ainda era pior do que a oferecidaa aos «craques»: palavrões e moedas baratas «para os mercenários».

Em Munique, visita clandestina à garagem de Beckenbauer: aproveitando toda a família da casa estar em Itália, abalaram com o «Mercedes» último modelo (e muitos extras) que o «Kaizer» tinha recebido da Adidas em Março.

Quanto ao que se passa na Holanda, nem é bom falar: o seleccionador Leo Bennhakker é flechado de todas as guaritas mas, vendo que Cruyff vai tomar-lhe o lugar, descarrega a bílis sobre «o desinteressado Van Basten, o incrível Vannenburg, o irreflectivo Reijkaard, o displicente Koeman» e mais naqueles outros artistas que perderam subitamente o virtuosismo e, no avião para Amesterdão, nem uma palavra trocaram com o general vencido.

É assim, ciclicamente, cada Mundial futebolístico. Num instante, qualquer faúlha pega fogo, de um relâmpago para o outro vem o maremoto ou a inundação. E o cartaz dos espectáculos exige permanentemente remodelação de visual para não amortecerem as bilheteiras. Ora, como quem não tem cão é obrigado a caçar com gato, não tendo Portugal os seus Futres naquela festa, contentemo-nos em que um árbitro da nossa terra more na 1.ª fila dos juízes de todo o Mundo. Não é chita. Não é mesa limpa.

Neves de Sousa



Claudio Caniggia vai contornar Taffarel e marcar o golo argentino que eliminou o Brasil

— *A Comunicação Social é que todos os dias me telefona. Afinal, ainda tenho bons amigos que se interessam pela minha carreira...*

O nosso árbitro vai, no sábado, dirigir o embate Itália - República da Irlanda, que se inicia pelas 20 horas, no Estádio Olímpico de Roma. Fará 44 anos no próximo 25 de Julho, com uma festa já aprazada para sua casa, perto do Barreiro. Com 74 quilos de peso, 1,76 de altura, quadro superior da Tabaqueira (trabalhando nas instalações do Figo Maduro, Prior Velho, Loures), o marido de Atride e pai de Nuno Alexandre (16 anos) treina três vezes por semana perto da sua residência e corre mais de 2800 metros em 12 minutos, portanto cumprindo perfeitamente o teste

tém as insígnias da FIFA. Está hoje ultrapassando as 400 arbitragens, tendo no activo 28 jogos internacionais: uma carreira de 17 anos, para o sócio n.º 1405 do Barreirense, que garante não ter qualquer outra vincada preferência clubista.

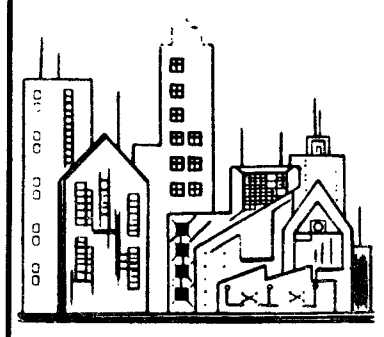
— *Já me chamaram benfiquista, «leão», portista... Têm-me chamado tudo: mas apenas uma vez, em Santa Maria da Feira, fui agredido por dirigentes da equipa da casa, num jogo que o Leixões ganhou por 1-0...*

Depois de Vieira da Costa e Joaquim Campos, Saldanha Ribeiro e António Garrido, aí temos Carlos Valente numa fase final de Campeonato mundial: fiscal de linha nos embates Camarões - Roménia e Itália - Áustria, dirigiu o Argentina - Roménia e toca-lhe

nando Rebocho e Lucídio Baptista, que (em Itália) todas as manhãs sai da cama às sete horas para 60 minutos de ginástica e footing sob o comando de um preparador físico do Inter de Milão, que vai todos os dias uma hora para a piscina, que passa as tardes lendo ou vendo pela TV jogos do Mundial, que escreve aos amigos e já distribuiu cerca de 5000 postais com a sua foto tendo por fundo a lisboeta Torre de Belém.

— *A Federação não me entregou nenhum material sobre Portugal ou o nosso futebol...*

Adiante. Os jornais transalpinos batem uma tecla: Itália não sofre golos há 824 minutos. E as notícias emergem da montra dos artistas e pegam charneira com a bolsa de valores: Scifo ultrapassa Futre



urbicidade

MEDIADORES OFICIAIS

Av. D. Nuno A. Pereira, 46, r/c Esq.
2800 ALMADA — PORTUGAL
☎ 274 45 57 — 274 42 56
Telex. 61004 TRIALM P • Fax. 274 36 53

VENDEMOS

LISBOA

AV. JOSÉ MALHOA, 2 lotes aprovados, área construção acima solo 24 300 m², área de construção das caves 15 300 m², para 510 viaturas, área de implant. 3060 m² o corpo mais alto tem 15 pisos para escritórios e 4 pisos para comércio. Possibilidade construção hotel 5 estrelas.

// —

AV. BERNA, AV. REPÚBLICA, lote devoluto com 13,40 m de frente e 26 m de fundo.

// —

BAIXA POMBALINA, Vários prédios de rendimento, c/ andares e lojas devolutas.

// —

R. ROSA ARAÚJO (esquina c/ R. CASTILHO), lote c/ 450 m², 3 c/v estac. 2, c/v loja c/ 426 m², 1. c/v entrada e loja c/ 426 m², r/c loja c/ 426 m², 8 andares p/ escrit. c/ 3918 m² total. Área construção acima do solo 4350 m².

// —

CAMPO GRANDE, lote c/ 464 m², 16×31 m, aprov. 2 c/v, r/c e 9 pisos, r/c T1 para port. e loja c/ 78 m². 1.ª e 2.ª c/v para 20 parq. e 9 T5. Habit. ou escrit.

// —

Gaveto entre R. SALITRE, BARATA SALGUEIRO e RODRIGO DA FONSECA, lote aprov. c/ 900 m² área total de const. 7516 m², r/c e 1.ª c/v c/ 32 lojas, 4 c/v para 62 parq. Cada c/v c/ 692 m² e 6 pisos para escrito. c/ área de 587 m² cada. Bom preço.

ALMADA

Zona central (PP7). Lote c/ 16,5 m de frete e 12 m empena. Aprovado para 10 fogos + 2 lojas.

// —

AV. BENTO GONÇALVES, andares c/ 2 e 3 ass. Crédito Jovem.

// —

FEIJÓ, lote c/ 343 m², aprovado para moradia c/ infra-est.

// —

JUNTO novo edifício CMA, r/c c/ 3 ass., e grande logradouro, viabilidade escrit. ou comércio.

// —

Edifício do Trib. Trabalho, andar c/ 4 ass.

// —

COVA DA PIEDADE, armazém c/ 200 m².

// —

CORROIOS, Est. Nac. 10, urbaniz. aprov. 310 fogos.

// —

C. CAPARICA – VIA RÁPIDA, terreno c/ 10 000 m², confrontando c/ via rápida, acessos c/ infra-est.

// —

SOBREDA DE CAPARICA, 2 lotes destacados c/ 580 m² cada, c/ armazém implantado c/ 150 m², gaveto, acesso para indústria.

// —

COVA DA PIEDADE, unidade industrial c/ 1000 m², pronta a laborar. Bons acessos e localização.

// —

C. CAPARICA – QTA. S. ANTÓNIO, apart. c/ 2 grandes ass., hall, coz., desp. e garagem. Bom preço.

// —

AROEIRA – PRAIAS DA CAPARICA, propriedade c/ 105 ha, viabilizado para empreendimento c/ fins turísticos e habitacionais. Grande oportunidade em zona altamente valorizada.

ALGARVE

VILAMOURA – ALDEIA DO GOLFE, 42 lotes p/ moradias no melhor local. Aprovado, c. infra-est. e serviços.

// —

PRAIA DO VAU – ROCHA – ALVOR, terreno c/ 57 000 m², frente p/ praia, viabilidade fins turist. e habit.

// —

FERRAGUDO, junto à praia, terreno c/ 92 500 m², área a urbanizar 57 000 m² aprov. para 148 apart., centro comerc., piscinas, courts de ténis. Oportunidade única.

VÁRIOS

VERDIZELA, lote c/ 1050 m² urbanizado c/ infra-est.

// —

CRUZ DE PAU – AMORA, moradia, central, r/c amplo c/ 400 m², 1.º e 2.º andares c/ 5 ass. cada.

// —

FERREIRA DO ZÊZERE – LAGOA DE DORNES, quinta c/ 30 000 m², casa c/ 10 ass., adega, estábulos, pomar e vinha, água, electri. e telefone, junto estrada.

DESPORTO

Meninos e meninas jogam andebol

Em conferência de Imprensa que teve lugar no Clube dos Empresários (Lisboa), a Federação Portuguesa de Andebol e a Walt Disney Company Portugal apresentaram à Comunicação Social o Troféu Nacional Cenoura Sport Goofy, que principia hoje e terá competições até 1 de Julho.

Duzentas e cinquenta crianças de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, vão participar na prova, que tem lugar no campo central de ténis do Estádio Nacional (para o efeito adaptado) e tem o apoio organizativo da Federação que, especificamente, nomeou um coordenador-geral e uma comissão técnica para orientarem os diferentes duelos.

Participam neste torneio nacional as selecções masculinas e feminias (dentro dos escalões etários referidos) dos distritos de Braga, Setúbal, Madeira, Porto, Leiria, Lisboa, Santarém e Aveiro.

Com coordenação-geral do professor Carlos Garcia e os serviços administrativos confiados a Henrique Torrinha, a organização compreende ainda Carlos Cruz, Filomena Santos, Fátima Antunes e Fernando Rodrigues (comissão técnica), dr. Cardoso Matoso, Celeste Barreiros e Jaime Ribeiro (responsáveis da Walt Disney na competição), Luís Velez (encarregado das instalações desportivas) e, como árbitros e cronometristas: Carlos José, José Fonseca, Carlos Pimentel, Vítor Marques, Armando Pinho, José Rafael, José Jorge, Mário Ribeiro, Domingos Evangel, José Francisco, Dimantino Lopes, Fernando Carvalho, Rui Velez, Joaquim Gonçalves, João Rato, H. Mendes, Paulo Barra, Paulo Soares, Rui Freitas, P. Oliveira, José Jesus, Carlos Barros e Costa Silva.

As diferentes equipas estão alojadas no Centro de Estágio do ISEF (Cruz Quebrada) e na Pousada de Catalazete (Oeiras). A prova tem patrocínios da Cenoura, Vitalis, Fanta, Rodoviária Nacional, Tintas Hempel e produtos Disney (Filmayer-Alfa e Editora Abril Morumbi).

Basquetebol na Terceira: férias desportivas

No decorrer de um almoço que se processou na típica e bem característica Adega Machado, a Infor-Desporto apresentou aos jornalistas o campo de férias Compal/NBA By Spalding, que principiou ontem na ilha Terceira (Açores) e se completará a 1 de Julho, decorrendo a reunião em Angra do Heroísmo.

Trata-se de uma iniciativa que reúne um conjunto de treinadores conceituados e atletas de alto nível, que irão orientar as actividades e se propõem divulgar o jogo e aperfeiçoar a técnica de jovens praticantes de basquetebol.

O campo de férias Compal/NBA By Spalding (ilha Terceira/90) foi aberto a 300 jovens de ambos os sexos (nascidos em 1977, 78, 79, 80 e 81) que diariamente, terão possibilidade de, através de uma prática física, recreativa e educativa, desenvolver a sua habilidade com exercícios básicos e competições individuais e colectivas, dentro do objectivo de capacitar aqueles jovens, pela via da responsabilidade individual e colectiva, pelo respeito pelas regras e de companheiros e adversários, e pela motivação para trabalhar com continuidade e persistência.

O campo de férias Compal/NBA By Spalding tem direcção pedagógica do prof. Jorge Araújo e do prof. Hermínio Barreto.

A orientação técnica será exercida pelo prof. Jorge Araújo, Mário Silva (directores do campo) assessorados pelos técnicos: prof. José Sá, Fernando Pavão e Leopoldino Tavares. Carlos Lisboa é o jogador de alta competição que (na qualidade de «estrela») foi convidado. A direcção administrativa cabe a António Carlos Ramos e Paula Garrett.

O campo de férias Compal/NBA By Spalding — ilha Terceira/90, é organizado pela Associação de Basquetebol da ilha Terceira, tem o patrocínio oficial da Compal e da Sportima (representante exclusiva em Portugal da marca Spalding), colaboração da Direcção Regional de Juventude e Recursos Humanos, Direcção Regional de Educação Física e Desportos, Gabinete do Ministro da República, Câmara Municipal de Angra do Heroísmo e Federação Portuguesa de Basquetebol.

A Infor-Desporto, agora lançada (empresa constituída pelos professores Hermínio Barreto, Fernando Ribeiro Marques, Teotónio Lima e Jorge Araújo) tem por objecto a prestação de serviços em actividades de formação técnica e pedagógica de agentes desportivos ou intervenientes em actividades físicas.

Eles vão refinar a sua habilidade para o basquetebol

Vem aí a Volta a Portugal

A empresa dos nossos prezados colegas «Jornal de Notícias» e «O Jogo» acabam de tornar pública a lista das etapas da próxima edição da Volta a Portugal em bicicleta que, como vem sendo tradicional nos últimos anos, terá o jornalista Serafim Ferreira (director de «O Jogo») como responsável máximo pela corrida.

O itinerário foi assim organizado: dia 29 de Julho — prólogo em Lisboa; dia 30: Alcácer do Sal - Loulé; dia 31: Loulé - Vila Real de Santo António; dia 1 de Agosto: Vila Real de Santo António - Évora; dia 2: Évora - Terrugem; dia 3: Terrugem - Caldas da Rainha; dia 4: Caldas da Rainha - Figueira da Foz; dia 5: Marinha Grande - Marinha Grande; dia 6: Marinha Grande - Tondela; dia 7: Tondela - Fundão; dia 8: repouso no Fundão; dia 9: Fundão - Covilhã; dia 10: Covilhã - Lamego; dia 11: Lamego - Macedo de Cavaleiros; dia 12: Macedo de Cavaleiros - Mondim de Basto; dia 13: Mondim de Basto - Viana do Castelo; dia 14: Viana do Castelo - Vila Nova de Gaia; dia 15: Vila Nova de Gaia - Porto.

São 17 dias de prova, com uma pausa perto da serra da Estrela: percurso que toca características inéditas, especialmente abdicando de longos traçados no Alentejo para preferir tiradas em Trás-os-Montes, no Minho e junto à costa. Complemento de outras competições recentemente promovidas pelo «JN» e por «O Jogo», esta Volta vai fazer alinhar equipas estrangeiras de nomeada em luta com as melhores portuguesas.

assim vai o totobola

Penalti: 111 111 111 2X21; Jornal de Amarante: 111 211 212 1211; Jornal da Beira: 111 211 222 1X21; O Comércio de Leixões: X21 2X1 111 22X1; De Tudo Um Pouco: 1X2 X11 212 1X11; Correio de Coimbra: 1X1 X11 211 2X21; Correio do Vouga: 122 2X1 211 2112; A Defesa: 112 XX1 1X2 1X1X; Defesa de Espinho: 1X1 111 X12 2X21; Diário de Lisboa: 1X1 11X XX1 11X1; Diário de Viseu: XX1 111 1X2 2X1X; Grande Área/Rádio Nova Antena: 12X 121 1X2 1211; Folha do Domingo: X11 111 111 1111; Ecos de Cacia: 1X1 12X 111 1X11; Eu Sei Tudo: 12X 111 2X1 2111; Jornal de Felgueiras: 1X2 2X2 1X1 2X22; Jornal de Gaia: 22X 1X1 112 2X11; O Almonda: 211 X11 22X 2X11; Rádio Guarda: 1X2 X11 X1X 21XX; Rádio Totobola: XXX 111 121 21XX; Litoral: 2X1 11X X12 12X1; Jornal da Lixa; 111 111 111 1211; Maria da Fonte: 111 111 112 X2X1; O Mensageiro: 11X X21 1X2 1111; No Estúdio e no Estádio: X11 1X1 2XX X221; Notícias de Felgueiras: 1X2 2X2 1X1 2X22; Notícias de Gouveia: 211 X21 112 2X11; Notícias de Guimarães: 2X1 X11 X12 XX12; Jornal 1X2: XX1 111 X1X 22X1; Notícias de Viseu: 111 1X1 XX2 X11X; Quadrante Norte: 111 111 1X2 X2X2;

Bom Dia/Rádio Comercial: X21 211 X1X 222X; Tempo e Resultados/Rádio Comercial: 2X2 211 1X1 X212; Secção Desportiva/Rádio Comercial: 212 211 111 1212; Tempo de Desporto/Rádio Comercial: 222 211 121 X212; Resenha Desportiva: 211 X21 12X 1111; RR/Desporto: 111 111 X11 1X21; RR/Bola Branca: 1X1 111 XX1 1XX1; RR/Frente Desportiva: X11 X11 221 XX2X; A Voz do Domingo: 111 111 111 1111; Voz de Lamego: 212 2X1 111 1112; Rádio Guarda/Desporto: X1X 1XX 111 2122; Contacto/Rádio Guarda: 1X1 212 111 221X; Encontro Com a Manhã: X2X 11X 11X 2XX1; Meia Tarde/Rádio Guarda: 2X1 XX1 111 2112: Convidámos Para Lanchar/Rádio Guarda: 11X 2X2 112 2XXX;

Tarde Desportiva/Antena Um: X21 111 1XX 22X1; Livre e Directo/Antena Um: 2XX 1X1 222 X11X; Um Caso Por Semana/Rádio Covilhã: X22 X11 121 1X11; Foi Notícia/Rádio Covilhã: 2X2 X11 X12 X211; Desporto e Música/Rádio Covilhã; 2X2 111 22X 11X1; Cultura e Recreio/Rádio Covilhã: 2X1 XX1 212 2X1X; De Tudo Um Pouco/Rádio Covilhã: 1XX 21X 22X 221X; Jornal da Graça: 222 XX1 111 1X11; Alvo Desportivo: 12X 1X1 X11 X2XX; Rádio Alvo: 2X1 X11 1X1 X221; Alvo: X12 12X 121 X112; Alvo Suplemento: 11X 111 111 1111; A Voz dos Ridículos: 2X2 211 1X1 X212.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 26/90 DE 1 DE JULHO DE 1990

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1. Lyngby - Neuchatel	28	13	18	6	2	4
2. St. Gallen - F.C. Tirol	24	24	11	5	5	2
3. Bochum - Slávia Sófia	31	12	16	6	2	4
4. Vejle - Slovan Bratislava	28	16	15	6	3	3
5. MTK - Norrkoping	38	16	5	8	3	1
6. Kaiserslantern - Bohemians	48	7	4	10	1	1
7. Nitra - Lucerna	34	12	13	7	2	3
8. Aarhus - Vasas	32	16	11	7	3	2
9. Ploiesti - Karl Marx	30	10	19	6	2	4
10. Sturm Graz - Dusseldorf	21	14	24	4	3	5
11. Liubliana - Grasshoppers	17	22	20	3	5	4
12. F.C. Berlim - B. Uerdingen	33	14	12	7	3	2
13. Odense - Sportul Bucareste	33	13	13	6	3	3

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
11ouX1 111 111 2X11

BREVES

Mário Soares visita o SAD

O Presidente da República visitou esta manhã as instalações do Sport Algés e Dafundo dando relevância devida à importância de que se reveste a comemoração dos 75 anos de existência da popular colectividade de muito justamente considerada de «utilidade pública». O dr. Mário Soares foi distinguido com o diploma de «Comodoro Chefe» da frota do clube, que exerce por inerência do cargo.

Luta: portugueses no Europeu

Paulo Martins e João Pais são os dois atletas portugueses que irão participar no Campeonato da Europa (categoria de esperanças) de luta greco-romana que decorrerá, no próximo fim-de-semana, em Lapua (Finlândia). Aqueles nossos representantes partiram ontem, acompanhados pelo técnico Ivanov e pelo árbitro internacional Mariano Pedro.

Basquetebol: contrato-programa faz «encestar» 93 mil contos

O ministro da Educação, Roberto Carneiro, revelou que o apoio financeiro estatal ao desporto federado cresceu exponencialmente nos últimos cinco anos, ultrapassando o milhão de contos em 1990, com mais 280 mil para a alta competição.

Roberto Carneiro, que participava, em Lisboa, na cerimónia de assinatura de dois contratos-programa com a Federação Portuguesa de Basquetebol, sublinhou, a propósito, a importância da recém-aprovada Lei de Bases do Sistema Desportivo, que definiu como uma «verdadeira magna carta do desporto português».

O titular da pasta da Educação considerou que o associativismo desportivo tem agora, em Portugal, o caminho aberto à sua plena e efectiva consolidação, com os clubes e as colectividades desportivas, a par da escola, a constituírem «as unidades orgânicas de base em que assenta toda a pirâmide desportiva».

Assumindo uma perspectiva humanista do fenómeno desportivo, Roberto Carneiro acentuou no seu discurso que o Estado, o Comité Olímpico, federações, associações, ligas e outros organismos interessados têm vindo a fornecer um exemplo nacional de diálogo profícuo, muito embora, como sucede na própria competição desportiva, o resultado final desta convergência de vontades não seja tudo.

Sobre a gradual implantação, nos últimos dois anos, da figura dos contratos-programa, Roberto Carneiro afirmou que ela «permitiu afastar peremptoriamente a tradição anterior dos subsídios discricionários».

Todavia, acrescentou o ministro, os futuros contratos-programa «devem ser instrumentos de uma estratégia desportiva de médio e longo prazos e, por isso, abertos também ao estabelecimento de estímulos e prémios àquelas federações e associações que revelem maior dinamismo, seja no plano dos efectivos resultados desportivos, seja na procura conseguida de alternativas de financiamento».

Os contratos-programa com a Federação Portuguesa de Basquetebol, qgora homologados pelo ministro da Educação, envolvem uma verba conjunta de 93 000 contos. Um dos contratos, da ordem dos 78 000 contos, respeita às actividades regulares da modalidade, e o outro, ascendendo a 15 000 contos, circunscreve-se exclusivamente ao associativismo juvenil.

Salgueiros: título para a história

Sousa Cintra e Pinto da Costa são hoje ouvidos pelos dirigentes da UEFA; Belenenses reúne em assembleia geral; «caso Simão» poderá alterar as boas relações existentes entre o Boavista e o Sporting

O Salgueiros venceu pela segunda vez o Nacional de futebol da Segunda Divisão, ao empatar 2-2 com o Farense, na capital algarvia, no último jogo da fase final da prova.

A derradeira partida da Segunda Divisão constituiu um fraco espectáculo de futebol, com ambos os intervenientes a apresentarem formações de recurso e a acusarem o desgaste provocado pela longa temporada.

O Salgueiros, que necessitava apenas do empate para repetir a vitória obtida na Segunda Divisão em 1957, mostrou-se o conjunto mais entusiasmado, perante um Farense nitidamente desmotivado.

Os algarvios, obrigados a ganhar por uma margem de três golos para chegarem ao título, iniciaram a partida nitidamente ao ataque, enquanto o Salgueiros actuou com algumas cautelas defensivas, optando pelo contra-ataque.

Rubricaram os quatro golos do confronto Vitinha e Álvaro Maciel (Farense) e Miguel e Jorge Soares (Salgueiros), arbitrou o bejense Rosa Santos e as equipas alinharam assim:

FARENSE: Humberto; Eugénio, Marco (Jorge Soares, 68), João José e Cachola; Vitinha, Lima, Pereirinha e Helinho; Formosinho e Xabregas (Ciro, 51).

SALGUEIROS: Mário; Mesquita, Pedro, Carlos Brito e Albertino; Leal, Constantino, Jorginho (Bernardo, 46) e Miguel; José Luís (Nélson, 73); Álvaro Maciel.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Álvaro Maciel e Eugénio, Bernardo e Mesquita.

Classificação final:

	J	V	E	D	G	P
Salgueiros	4	2	1	1	6-3	5
G. Vicente	4	1	2	1	1-3	4
Farense	4	-	3	1	2-3	3

Nacional de juvenis

O Benfica igualou o Boavista no comando do Campeonato Nacional em consequência do seu triunfo averbado ontem frente ao Sporting (2-0), enquanto que o F.C. do Porto foi ao Bessa impôr um «nulo» (1-1).

Rosário, centro-campista que alinhava no Olivais e Moscavide, transferiu-se para o Sporting, assinando com o presidente Sousa Cintra contrato por três anos

Sporting e Porto de «visita» à UEFA

Uma Comissão de Inquérito do Comité de Controlo e Disciplina da EUFA vai analisar hoje alegações de corrupção de arbitragens nas competições europeias que envolvem as equipas portuguesas do Sporting e do FC do Porto.

Sousa Cintra e Jorge Nuno Pinto da Costa, presidentes do Sporting e do FC do Porto, respectivamente, vão ser ouvidos perante o órgão disciplinar do futebol europeu, num processo despoletado pelo presidente do Marselha, Bernard Tapie, aquando do chamado «caso» Langenhove. Em causa estão alegados aliciamentos feitos a equipas de arbitragem em encontros das competições europeias nos quais estariam envolvidos os clubes portugueses.

Presentes na reunião estarão o presidente da comissão, o italiano Alberto Barbe, os vice-presidentes Joseph Vilaseca Guarch (Espanha) e Otto Andres (RFA), Rudolf Bata (Checoslováquia), Alain Courtois (Bélgica), Otto Demuth (Áustria), Jim Hansen (Dinamarca), Edgar Obertufer (Suíça) e Robert Strachan (Inglaterra).

Resta acrescentar que, enquanto Sousa Cintra e Sousa Machado, irão dizer que se algo ocorreu com o seu clube foi noutra gerência, o que, em boa verdade, não será aceite pelos inquiridores uefeiros porque, quem responde pelos actos do clube, é a direcção em exercício, o FC Porto poderá surpreender os dirigentes da UEFA com a apresentação de factos que poderão vir a perturbar o «denunciante» Bernard Tapie.

Belenenses em assembleia

Os associados do Belenenses, reúnem-se, esta noite (21 e 30 horas), em assembleia geral para discutirem sobre os seguintes assuntos: 1.º-pedido de auditoria às contas da gestão anterior; 2.º-discussão e aprovação da proposta de reatamento com todas as colectividades com as quais o Belenenses esteja de relações cortadas; 3.º-discussão e aprovação das propostas de amnistia geral a todos os sócios do clube com processos disciplinares instaurados ou sanções aplicadas; 4.º-discussão e aprovação da proposta da eventual redução de quotizações de sócios de terceira idade e, finalmente, o ponto n.º 5 destinado à análise geral da situação do clube.

Relativamente ao ponto três, sabemos que Acácio Rosa, figura exponencial da vida do clube, irá apresentar um requerimento. Recorde-se que aquele antigo e prestigiado presidente do clube, foi seguramente o mais acérrimo contestatário da forma como Rosa Freire dirigiu a colectividade sendo por isso penalizado com um castigo que ficará como chaga irreparável na vida da colectividade.

«Bolsa de transferências»

José Luís e Tozé (Gil Vicente) rubricaram contrato com o Varzim; Vicente (Famalicão) e Carlos Manuel (Rio Ave) assinaram pelo União da Madeira; o tunisino Ziad Bené Magid foi contratado pelo V. Guimarães; Moreira de Sá muda-se do Marítimo para Penafiel; Miguel Simão que fora dado como certo no Sporting resolveu mudar de opinião e continuará ao serviço do Boavista (um caso que irá gerar forte polémica); Marinho (que integrou a equipa técnica da selecção nacional no México-86) será o futuro treinador do Atlético.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-C Processo 1/468

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., DIRECÇÃO DISTRIBUIÇÃO TEJO a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, 307 metros, com origem no apoio n.º 3 da linha para o PT n.º 1692 — Herdade da Contenda e término no PT n.º 2006 — Lopo da Moita, freguesia de Degolados, concelho de Campo Maior. Posto de Transformação n.º 2006, tipo AS, 100 kVA, 30 000/400-231 V, no Monte de Lopo da Moita, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPO MAIOR durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 19 de Junho de 1990

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços
Eng.º Correia da Fonseca
Chefe de Divisão

«DL» — 28/6/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-C Processo 1/467

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30, 3522 metros, com origem no apoio n.º 8 da linha para o PT n.º 1 da Herdade da Rouca e término no PT n.º 17 15 — Herdade da Abrunheira, na freguesia e concelho de Sousel na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE SOUSEL durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 19 de Junho de 1990

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 28/6/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-C Processo 1/475

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., DIRECÇÃO DISTRIBUIÇÃO TEJO a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, com origem no apoio n.º 4 da linha a 30 kV para o PT n.º 1695, Monte dos Velados — Crato e término no PT n.º 2011 do Monte da Fonte Alta, com 2200 metros, nas freguesias de Crato e Mártires e concelho de Crato na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE CRATO durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 11 de Junho de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 28/6/90

I Série N.º 147
Dia 28 de Junho
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministérios das Finanças e da Administração Interna

Portaria n.º 478790:
Cria a Esquadra Policial, tipo B, de Santo André.

Ministérios das Finanças e da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 479/90:
Cria mais um lugar de subdirector no quadro de pessoal do Gabinete de Estudos e Planeamento das Pescas.

Ministérios das Finanças e da Saúde

Portaria n.º 480/90:
Altera o quadro de pessoal do Hospital Concelhio de Albufeira (técnica de diagnóstico e terapêutica).

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Aviso:
Torna público ter o Governo da Jugoslávia assinado em 14 de Março de 1990 o Protocolo Facultativo ao Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos, adoptado pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 16 de Dezembro de 1966.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto-Lei n.º 213/90:
Estabelece o regime jurídico do direito de obtentor de variedades vegetais.

Ministérios da Agricultura, Pescas e Alimentação e do Comércio e Turismo

Despacho Normativo n.º 40/90:
Autoriza o lançamento no mercado da embalagem com o novo conteúdo líquido de 40 kg para os produtos fitofarmacêuticos com base na substância activa brometo de metilo, com o teor de 98% (p/p).

Despacho Normativo n.º 41/90:
Autoriza o lançamento no mercado da embalagem de 201 para os produtos fitofarmacêuticos com base no glifosato (sob a forma de sal de isopropilamina).

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 481/90:
Estabelece a regulamentação e o licenciamento para o exercício da actividade de operador portuário.

Ministério da Saúde

Decreto-Lei n.º 214/90:
Altera o Decreto-Lei n.º 48 547, de 27 de Agosto de 1968, relativo às farmácias e aos direitos e deveres dos farmacêuticos.

Região Autónoma da Madeira

Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 12/90/M:
Aprova a Lei Orgânica da Secretaria Regional das Finanças.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte
Céu pouco nublado apresentando períodos de muito nublado a partir da tarde. Nevoeiros durante a manhã. Vento geralmente fraco.
Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros.

Regiões do Centro e Sul
Céu pouco nublado. Nevoeiros matinais e vento fraco passando a moderado de Noroeste na faixa costeira ocidental. Pequena subida da temperatura.
Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulaão noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e também encrespado ou de pequena vaga mas com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã
Céu nublado ou limpo apresentando-se muito nublado durante a madrugada e manhã no litoral a norte do Cabo da Roca. Vento fraco soprando moderado de Norte durante a tarde no litoral oeste.

Depois de amanhã
Céu pouco nublado. Vento fraco soprando moderado de Noroeste durante a tarde no litoral oeste. Neblina ou nevoeiro matinal.

MADEIRA

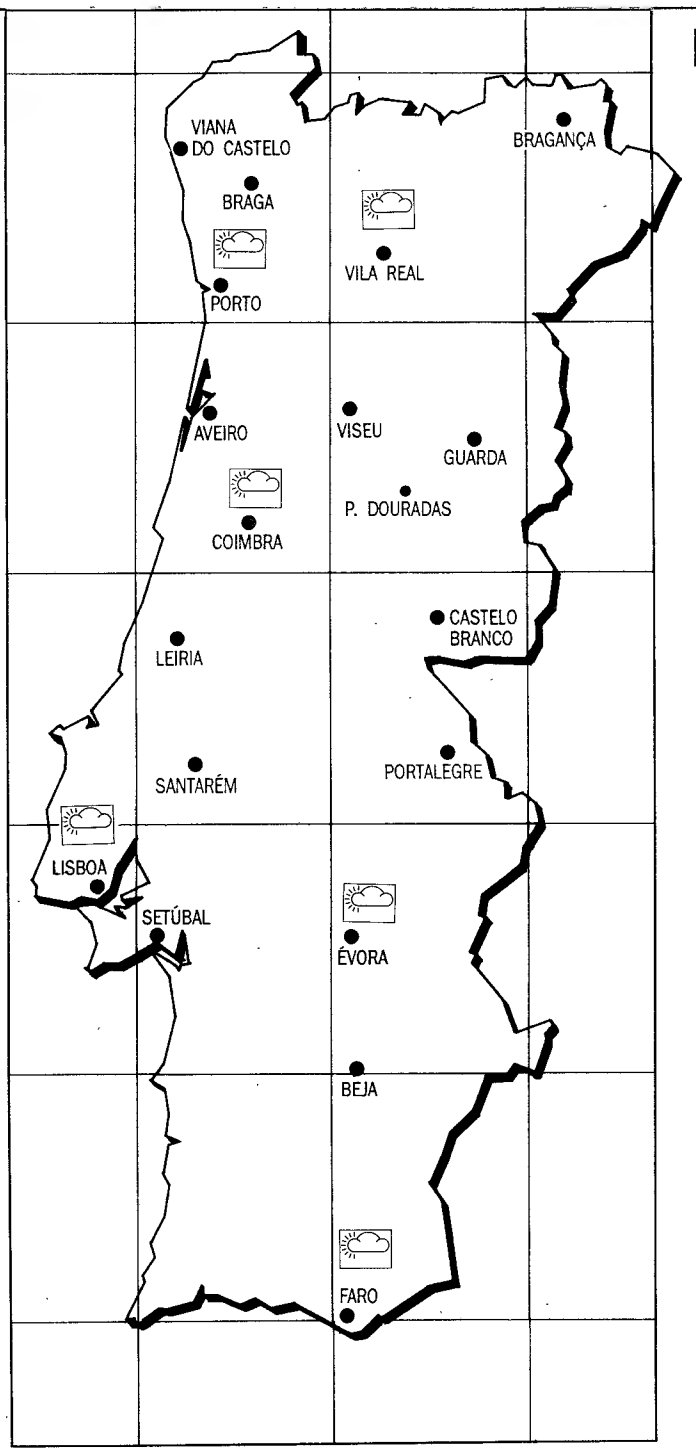
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste, por vezes com rajadas. Mar cavado com ondulação norte de 1 a 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

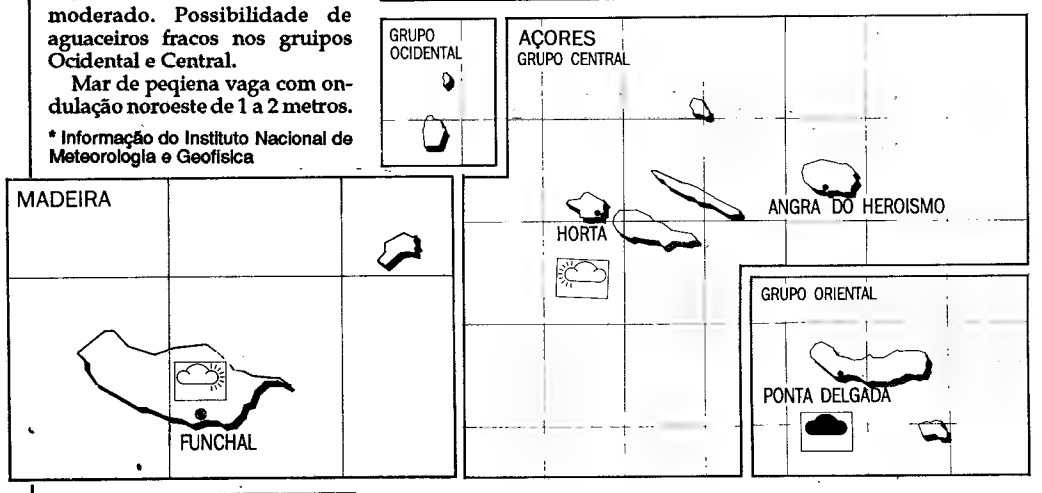
No Funchal
Céu pouco nublado e vento fraco.

AÇORES

Em todo o arquipélago
Céu geralmente muito nublado. Vento noroeste fraco a moderado. Possibilidade de aguaceiros fracos nos gruipos Ocidental e Central.
Mar de peqiena vaga com ondulação noroeste de 1 a 2 metros.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
08.06	3,2m	01.38	0,9m
20.24	3,4m	13.39	1,1m

Amanhã

08.54	3,1m	02.24	1,1m
21.15	3,2m	14.33	1,3m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	12	12	P. nub.
V. Castelo	12	13	Nevoeiro
Vila Real	13	14	Limpo
Porto	12	14	Nevoeiro
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	16	16	Neblina
C. Carvoeiro	17	17	P. nub.
C. Branco	14	16	Neblina
Portalegre	-	-	-
Lisboa	16	17	M. nub.
Évora	13	13	M. nub.
Beja	12	13	Neblina
Faro	16	17	Limpo
Sagres	17	17	P. nub.
P. Delgada	16	16	P. nub.
Horta	18	18	P. nub.
Funchal	17	18	P. nub.
Sines	15	15	Neblina

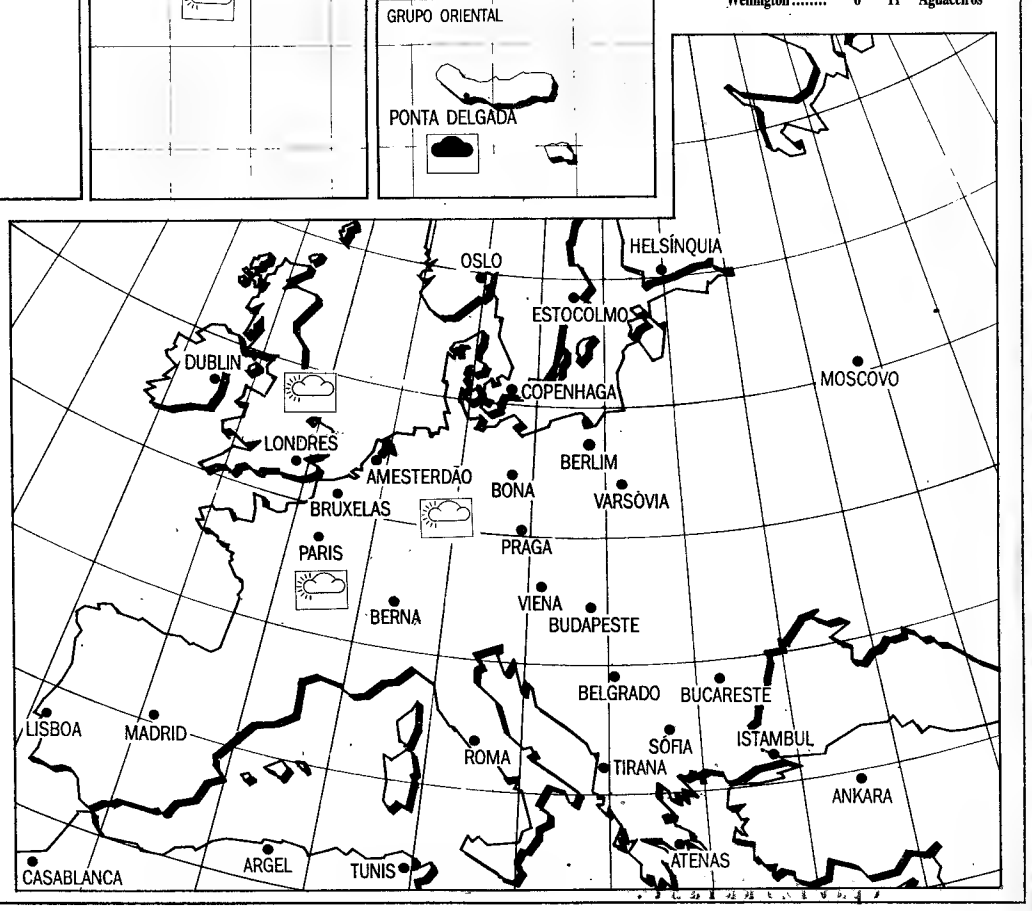
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 25; Porto, 22; Faro, 25; P. Delgada, 23; Funchal, 24.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	17	17	P.nub.
Londres	11	12	M. nub.
Paris	14	16	Encoberto
Bruxelas	13	14	M. nub.
Amesterdão	15	16	M. nub.
Genebra	10	16	Encoberto
Roma	18	21	Neblina
Oslo	11	13	M. nub.
Copenhaga	17	18	Neblina
Estocolmo	14	16	Chuva
Berlim	20	21	Encoberto
Viena	18	21	M. nub.
Varsóvia	13	21	P. nub.
Atenas	23	25	Limpo
Moscovo	15	21	Limpo

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	19	32	P. nub.
Houston	25	36	Limpo
Los Angeles	23	40	Limpo
Montreal	18	28	Limpo
Nova Iorque	19	30	Limpo
S. Francisco	11	19	Limpo
Toronto	18	29	P. nub.
Vancover	11	18	Nublado
Washington	20	32	P. nub.
Hong Kong	26	32	Limpo
Melbourne	6	14	P. nub.
Pequim	20	32	P. nub.
Perth	6	18	P. nub.
Singapura	26	32	P. nub.
Sydney	6	14	P. nub.
Tóquio	18	25	P. nub.
Wellington	6	11	Aguaceiros



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Alfama - São Tomé: Ziler, Rua São Tomé, 54-56, Tel. 862835; **Av. D. Rodrigo da Cunha:** Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D, Tel. 882384; **Benfica - 2.ª Circular:** Benfiluz, Estrada Benfica, 444-A, Tel. 7141206; **Cais do Sodré:** Central, Rua São Paulo, 108, Tel. 320389; **Calvário:** Monge, Rua Lusíadas, 30-32, Tel. 3636704; **Estrela:** Marques Freire, Rua Santo António à Estrela, 96, Tel. 665196; **Intendente:** Intendente, Largo Intendente Pina Manique, 50-51, Tel. 547838; **Jardim Constantino:** Portugal, Rua Rebelo da Silva, 11-13, Tel. 543340; **Olivais Sul:** Lemos, Rua Cidade da Beira, 46-C, Tel. 331692; **Praça de Londres:** Algarve, Av. Roma, 7-B, Tel. 801478; **Saldanha - Hotel Sheraton:** Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29, 29-A, Tel. 548966; **Telheiras Sul - Quinta S. Vicente:** Quejas, Rua Prof. Francisco Gentil, 36-A, Tel. 758144; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Pedro Gomes, Praceta 25 de Abril, Lote 13 - Loja B, Tel. 2518520; **Odivelas - Patameiras:** Amaral, Rua Antero Quental, 8, 8-A, Tel. 9325455; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Ajuda: Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222, Tel. 3638256; **Alto São João:** Zional, Rua Morais Soares, 56-C; **Baixa:** Oliveira, Rua da Prata, 240, Tel. 878415; **Campo Grande - Av. Brasil:** Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B, Tel. 765262; **Campolide - Águas Livres:** Rualto, Lda., Rua Alto Carvalhão, 5, Tel. 651721; **À Av. Estados Unidos N.º 39:** Celta, Rua Moura Girão, 3-B, Tel. 890621; **Madre Deus - Junto Esc. Verney:** Romana, Rua Actor Augusto Melo, 7-A, Tel. 383800; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rato:** Albano, Rua Escola Politécnica, 59, Tel. 326750; **Rego:** Prates & Mota, Rua Beneficência, 91-93, Tel. 773728; **Saldanha:** Avenidas, Av. da República, 27-A, Tel. 533688; **Vale Santo António:** Santo António, Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Cabrita, P. Miraflores, Lote 12, Tel. 4101161. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Godinho, R. Cândido Reis, 98, Tel. 4430090. Permanente; **Parede:** Do Junqueiro, R. Luanda, Lote 6, 6-B, Tel. 2464825. Permanente; **S. João do Estoril:** S. João, Quinta da Carreira, 29-A, Tel. 2681186. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Nova, Est. Alvide - Fontainhas, Tel. 281044. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Central, Av. Cardoso Lopes, 25-A, Tel. 4932210. Permanente; Melo, P. D. João I, 9-B, Tel. 4932756. Até às 22 h; **Damaia:** Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Até às 22 h; **Queluz:** Correia, L. Mercado, 3, Tel. 4350905. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 9244002. Permanente; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9214820. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Misericórdia, Vila Pendoa, Tel. 9231070. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A, Tel. 2750076. Permanente; **Cova da Piedade:** Avelar Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A, Tel. 2750337. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B, Tel. 2532324. Até às 22 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Barreiro:** Avenida, Av. Alfredo Silva, 88, Tel. 2073212. Permanente; **Baixa da Banheira:** Teixeira, R. Moçambique, 84-B, Tel. 2040946. Até às 19 h; **Corroios:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; **Amora:** Moura Carneiro, P. Gen. Humberto Delgado, 16-A, Tel. 2243729. Permanente.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

APÓS AS NOVAS TARIFAS (EM 1969)

A Carris perdeu 44 milhões de passageiros

JÁ AMANHÃ O INÍCIO DO CONCURSO férias no MUNDO

MIKE MANSFIELD CONTRA A EXTENSÃO DA GUERRA

A Carris perdeu 44 milhõesde passageiros

Foi publicado em Londres o relatório e contas de 1969 da «Lisbon Electric Tramways Limited» (empresa proprietária da Companhia Carris de Ferro de Lisboa.) Pelas declarações do presidente do conselho de administração da Companhia, Alastair F. Roger, fica a saber-se que, após o aumento de tarifas, em Janeiro de 1969, a Carris perdeu, nesse ano, cerca de 44 milhões de passageiros. Causa: as novas tarifas que passaram a vigorar em 1969.

Contra a guerra no Camboja

Mike Mansfield, presidente da Comissão Senatorial dos Negócios Estrangeiros, afirmou no sábado que a intervenção americana-sul-vietnamita no Camboja só serviu para fazer alastrar a guerra e para aumentar a superfície e a importância dos «santuários» comunistas neste país, quando a sua finalidade era destruí-los.

Morte de Pierre Mac Orlan

O romancista francês Pierre Mac Orlan morreu esta noite na sua residência em Saint Cyr Sur Morin, a 60 quilómetros a Oeste de Paris. Tinha 88 anos. Da sua obra, destaca-se o romance «Quai des Brumes», publicado em 1927, e levado ao cinema por Marcel Carné, com interpretações de Jean Gabin e Michèle Morgan.

EFEMÉRIDES

1867

• É inaugurado, em Lisboa, o monumento a Luís Vaz de Camões.

1914

• O arquiduque austríaco, Francisco Fernando, e a mulher são assassinados em Sarajevo, facto que despoleta a Primeira Guerra Mundial.

1927

• Em Portugal, o professor Egas Moniz, Prémio Nobel da Medicina em 1949, executa a primeira angiografia cerebral.

1959

• É inaugurado, em Lisboa, o Estádio da FNAT, actualmente designado por Estádio 1.º de Maio.

1980

• O ministro português do Comércio e Turismo, Basílio Horta, parte para a China em visita oficial, a primeira efectuada aquele país por um membro do Governo português.

1984

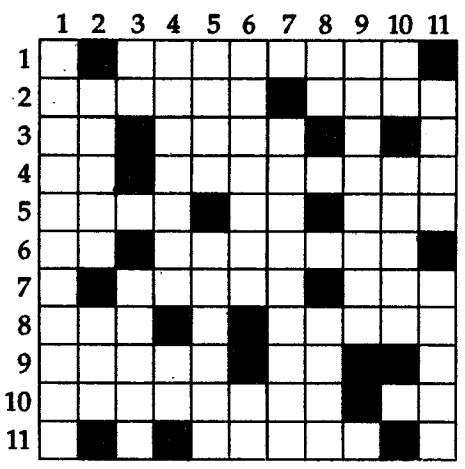
• Barreiro é elevada a cidade.

• Morre Yigael Yadin, 67 anos, um dos arquitectos da fundação do Estado de Israel.

1985

• A Câmara dos Representantes dos EUA aprova a pena de morte para o pessoal militar condenado por espionagem em tempo de paz.

PALAVRAS CRUZADAS



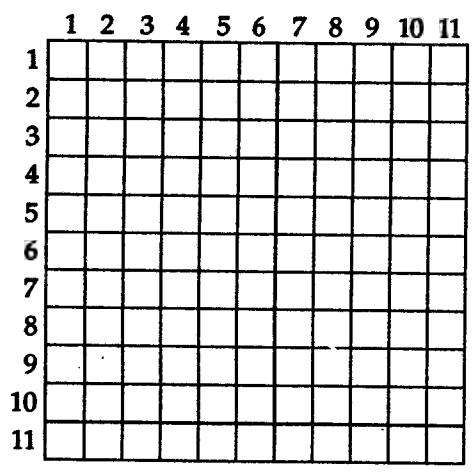
PROBLEMA N.º 17948

HORIZONTAIS:

1 - Artigo definido. Represália.
2 - Aproximar. Cidade da Arábia.
3 - Antiga unidade monetária da Alemanha. Explodir.
4 - Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Despejar.
5 - Que é da raça dos mus. Berilo (s.q. e inv.). Doutora.
6 - Pertences. Malsim (fig.).
7 - O mesmo que colo (parte do intestino grosso). Profere.
8 - Principal deusa das águas na mitologia finesa. Ateada.
9 - Liquida contas. Compaixão.
10 - Vestimenta rústica (pl.). Mil e cem em romano.
11 - Tempo do verbo ser. Cidade de Itália. Artigo definido.

VERTICAIS:

1 - Macaqueasse.
2 - Aldeia da Judeia, onde J.C. apareceu pela primeira vez aos seus discípulos, depois da Ressurreição. Sede de concelho ou julgado (ant.).
3 - Instrumento musical dos Negros. Bonança.
4 - Invertido. Contracção da preposição de com artigo.
5 - Ninhos. Aclamara (fig.).
6 - Fragmento de ramo de árvore. Reis.
7 - Rajadas de vento (pl.).
8 - Nosso Senhor. Costurei.
9 - Compaixão.
10 - Prefixo que designa afastamento. Elevação de tom.
11 - Rã (pop.). Que tem olhos azuis claros.



PROBLEMA N.º 16758

HORIZONTAIS:

1 - República do N. da Europa, no Báltico.
2 - Satélite de Júpiter. Dais oiro a.
3 - Nivelaria. Chefe etíope.
4 - Quatro em romano. Morada.
5 - Rei de Mércia, de 757 a 796. Concerto musical nocturno.
6 - Cerca de tropas. Pertences. Bário (s.q.).
7 - Para barlavento. Concede. Cidade e porto das Filipinas.
8 - Apascentava.
9 - Sopeiras. Nome de letra.
10 - Impio. Faz doação de.
11 - Humidade (Prov.). Borrifo.

VERTICAIS:

1 - Ilha entre o oceano Pacífico, o mar da China e a Coreia. Sadias.
2 - Indivíduo natural de uma localidade.
3 - O mesmo que biscato (pop.). Patas.
4 - Apologia. Naipe das cartas de jogar.
5 - Gargalhadas.
6 - Mulher que está para casar-se. Campeão. Compaixão.
7 - Claridade. Rénio (s.q.). Calote.
8 - Caminhar. Punir.
9 - Cidade da Suíça. Artilharia antiaérea.
10 - Seguias. Bário (s.q.). Prata (s.q.).
11 - Catafalco. Espírito.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 947

HORIZONTAIS: 1 - QUEM. COME. 2 - Uri. Naná. Ce. 3 - Erada. Mui. 4 - Dá. Romanos. 5 - Iria. Ipo. 6 - Ampararia. 7 - Tão. Aru. 8 - Ba. Damas. 9 - Grécia. Am. 10 - Elai. Arasse. 11 - Lu. Maio. Mil.

VERTICAIS: Quediva. FEL. 2 - Urrar. Lu. 3 - Eia! Iatagá. 4 - Drama. Rim. 5 - NÃO. PODE. 6 - Cá. Meã. Açai. 7 - Onda. Ramiro. 8 - Ma. AAA. 9 - Moiras. SM. 10 - CUSPIR. Asi. 11 - Rei. Oáu. MEL.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 757

HORIZONTAIS: 1 - Guatemala. 2 - Atracaremos. 3 - Li. Tripas. 4 - Aleluia. 5 - Saberem. 6 - Imã. Usado. 7 - Altar. Lê. Fr. 8 - Iara. Sei. 9 - Mi. Ar. Emana. 10 - Árias. Bis. 11 - Sãos. Pax.

VERTICAIS: 1 - Galácia. Mão. 2 - Útil. MLII. 3 - Ar. Ata. As. 4 - Taal. Arara. 5 - EC. Usurário. 6 - Matias. Ás. 7 - Arrabaldes. 8 - Lei. Ede. 9 - Amparo. Sabá. 10 - Ao. Fenix. 11 - Assumirias.

PROVÉRBIO: QUEM COME FEL, NÃO PODE CUSPIR MEL.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
CADILLAC COR DE ROSA
Filme de Buddy van Horn
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
UM HOMEM INOCENTE
Filme de Peter Yates
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
PESADELO EM ELM STREET IV
Filme de Renny Harlin
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/6 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
TELHADOS DE NOVA YORK
Filme de Robert Wise
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 3
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Bertel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
UM HOMEM INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7
MEU PAI
Filme de Gary David Goldberg
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
PARA IRIS COM AMOR
Filme de Martin Ritt
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 10
UM ROSTO SEM PASSADO
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
Filme de Sergio Leone
M/6 anos - Às 15.30, e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
ESQUECIDA E GOSTOSA
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
A FÚRIA DO DRAGÃO
Filme de Raymond Chow
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
AVENTURA É AVENTURA
M/16 anos - Às 24.00

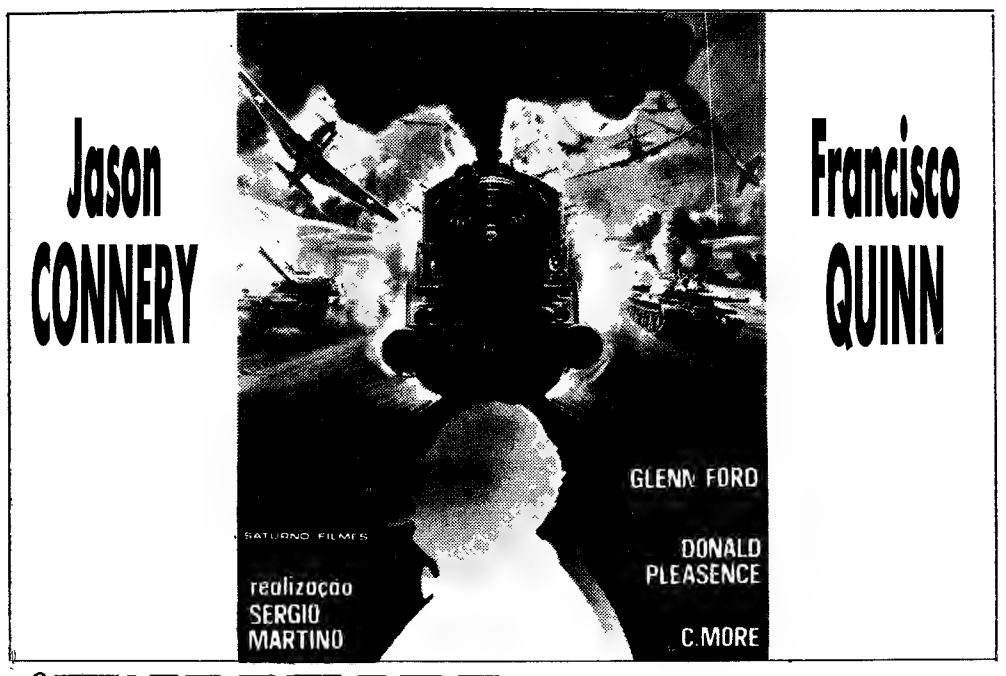
CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
TANGO & CASH
Filme de Andrei Konchalowsky
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
A CONDESSA DEVASSA
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
TEMPOS DIFICEIS
Filme deJoão Botelho, às 18.30
PEDRO, O PESCADOR
Filme de Frank Borzage, às 21.30



O EXPRESSO DE CASABLANCA

Já em exibição nos cinemas S. Jorge - Fonte Nova - Estúdio A.C. Santos

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
O DIA MAIS LONGO
M/12 anos - Às 14.00, 17.00 e 21.15

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35
T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - às 15.00, 18.00 e 21.15

AUDITÓRIO 2

TEMPO DOS CIGANOS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.15 e 21.45

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
O CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
T. 3631162
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
SONHOS DE AKIRA KUROSAVA
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
INIMIGAS E AMANTES, UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
UM GOLPE DE LOUCOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
UM NINJA AMERICANO 3
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
SEXO E ROCK AND ROLL
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
O DIA MAIS LONGO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
QUEM AMA QUEM?
Filme de Kenneth Bowser
M/16 anos - Às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2
MEU PAI
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
TANGO & CASH
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
O BEIJO DA MULHER ARANHA
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE
Telef. 2752127
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado
T. 2905011
Sala 1
PARA IRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
ROMERO
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS

MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
PARA IRIS COM AMOR
M/16 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
INIMIGAS E AMANTES - UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
STAR TRECK V - A ÚLTIMA FRONTEIRA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
ARMADILHA SENTIMENTAL
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
T. 4934871
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
PALPITAÇÕES
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
UM NINJA AMERICANO 3
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

A BARRACA (Cinearte)
Larg. de Santos, nº 2 - T. 3965360
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
O BAILE
De Helder Costa

CHAPITÔ
R. da Costa do Castelo, 7 - T. 878225
Sexta e Sáb. às 21.30
KLÁSSIKUS KABARET
De Fernando Gomes
Em cena até ao final do mês

COMUNA
P. de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
De Richard Demarcy
SALA 1
UM ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO
De Tennessee Williams

IBÉRICO
R. de Xabregas, 54 - T. 8582531
De 3ª a Sext. às 21.30
Sáb. às 17.00 e 21.30
O FIM
De António Patrício
Em cena até ao final do mês

TRIBUNAL CÍVEL

DA COMARCA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pela 3.ª secção do 1.º Juízo Cível de Lisboa nos autos de execução de sentença com o n.º 10 457/C e D, que Manuel Jesus Afonso da Fonseca e mulher Maria Bernardete do Rosário Ferreira Correia Fonseca, movem contra o executado EDUARDO FERNANDES FERRÃO DE ARAÚJO, com última residência conhecida na Quinta da Quintinha, lote A - 10 - 1.º Esq. — Póvoa de St. Adrião, Loures, e mulher, correm éditos de TRINTA dias que se começarão a contar da segunda e última publicação do anúncio, citando aquele executado para no prazo de DEZ dias, findo o dos éditos, contestar a liquidação fixada em 2 300 000$00, sob pena de se considerar fixada a obrigação nos termos requeridos pelos exequentes e ainda para fazer entrega do andar sito na Qt.ª da Quintinha, lote A - 10 - 1.º Esq. (fracção autónoma «D»), sob pena de a entrega ser feita judicialmente.

Lisboa, 25 de Junho de 1990.

O Juiz de Direito,
Jorge Paixão Pires
O Escrivão-adjunto,
Vítor Fernandes Dias

«DL» — 2.ª Pub. 28/6/90

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TORRES VEDRAS

ANÚNCIO

Faz saber que na Execução de Sentença registaada sob o n.ª 14/C/84 da 1.ª secção do 3.º Juízo em que é exequente Carlos Bernardes & Filhos, Ld.ª com sede em Torres Vedras e executada PAZAP — Comércio e representações, Ld.ª com sede na Avenida Almirante Reis n.º 100 4.º 6 e 7.º em Lisboa, é o titular do registo ANTÓNIO JOSÉ OLIVEIRA, com última residência conhecida na Avenida António José de Almeida n.º 201 em Oliveira de Azeméis, é este titular citado para no prazo de DEZ DIAS, declarar se o veículo de matrícula OT-49-06 lhe pertence prazo esse que começa a correr depois de finda a dilação de Trinta dias, contada da segunda e última publicação dos anúncios.

Torres Vedras 15 de Junho de 1990.

A Juiz de Direito,
Isabel Maria Faria Canadas
O escrivão adjunto,
Luís António Nunes da Cunha

«DL» — 1.ª Pub. 28/6/90

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

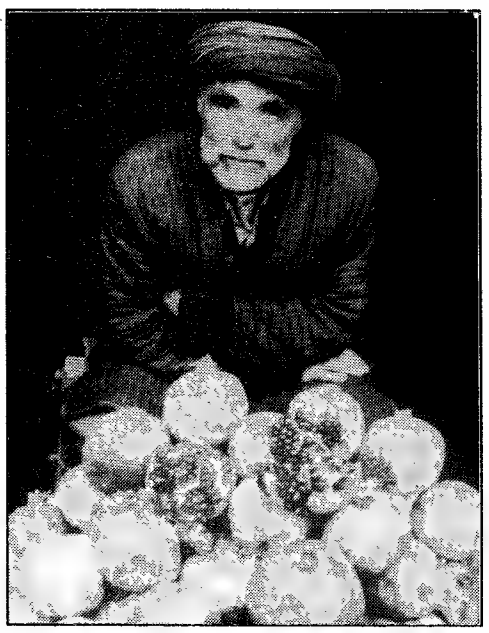
RTP-1

16.05 - MATINÉE
«Sangue Cigano",
um filme de Nicholas Ray (EUA),
com Cornell Wilde, Jane Russel,
Joseph Calleia, Helen Westcott,
Mikhail Rasumny e Luther Adler.
O rei dos ciganos está às portas
da morte e deseja que lhe suceda
o seu irmão mais novo que, para
tanto, deverá casar-se rapidamente.
Pretexto para uma incursão de
Nicholas Ray pela vida cigana,
sua cultura e tradições.
Jane Russell no papel
da espectacular noiva escolhida
para o novo rei...
17.30 - BRINCA BRINCANDO
18.40 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
38º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - RODA DE FOGO
4º episódio
21.20 - UM ESPIÃO NO PURGATÓRIO
5º episódio
22.20 - OS SOVIÉTICOS
3º episódio.
Neste documentário, alguns
veteranos da guerra do Afeganistão
irão referir-se à vida nas linhas
da frente em 1986, ano em que
sessenta mil elementos das tropas
soviéticas morreram e muitos
ficaram feridos. Manifestam-se,
por acharem que o seu sacrifício
não foi justificado nem devidamente
apreciado pela sociedade.
Destaque ainda neste programa
para algumas trocas de impressões
com outros grupos não conformistas,
entre os quais os *hippies* de Latvia,
os admiradores do famoso Bulgakov
e o sinistro movimento Pamyat.
23.10 - MURPHY BROWN
23.40 - 24 HORAS
00.15 - REMATE

«A Gata Comeu», de segunda a sexta-feira no 1º Canal, às 12.05

RTP-2

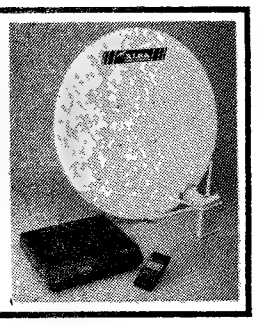
16.25 - OS CENTURIÕES
13º e último episódio
16.55 - RETRATOS DA MADEIRA
5º e último episódio. O engenheiro
Manuel da Silva Vieira foi presidente
da Junta Coral do Funchal. No
entanto, a curiosidade pelos vermes
que povoam as plantas levou-o a
estudar Agronomia. O seu percurso
identifica-o como um apaixonado
pela Ciência. Por isso, também, a
«menina dos seus olhos» é o Jardim
Botânico. Eis um madeirense que
prefere a investigação à política.
17.25 - OS DESAFIOS DA LEI
Último episódio
18.15- TELEMERCADO
18.30- O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
136º episódio
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
Com «Paulus - O Duende» e «Uma
pequena maravilha»
19.50 - VIA RÁPIDA
20.05- CLÁSSICOS DA TV
«Kung Fu», 7º episódio.
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - EMOÇÕES
23º episódio
21.55 - HORA DA VERDADE
22.55 - QUINTA DIMENSÃO
29º episódio. Com realização de Randy
Bradshaw, teremos desta vez
a estranha história de um homem
que descobre subitamente que a sua
vida particular constitui o tema



Hoje, no 1º canal às 20.20, a série documental «Os Soviéticos»

de uma série televisiva
de grande audiência.
23.20 - UNIVERSIDADE ABERTA

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - GLOSS
14.20 - LUGAR À NATUREZA
14.45 - MATINÉE
«O Dia mais Longo»
17.40 - JUNTOS E AO VIVO
18.35 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
19.05 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - RODA DE FOGO
21.15 - MILLER & MUELLER
22.20 - O ROSTO DA NOTÍCIA
23.30 - CHEFE, MAS POUCO
00.00 - 24 HORAS
00.30 - REMATE
00.55 - PELA NOITE DENTRO
«O Comboio do Medo»

RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.15 - ESPAÇO INFANTIL
14.35 - FILHOS E FILHAS
15.00 - AGORA, ESCOLHA!
16.20 - HERÓIS
16.50 - A ARTE NA ETIÓPICA
17.20 - FORA DE HORAS
17.55 - MAGAZINE MUSICAL
18.20 - TELEMERCADO
18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.15 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - VIA RÁPIDA
20.05 - AS CIDADES E AS TERRAS
20.30 - BUCHA E ESTICA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
23.00 - ROTAÇÕES
24.00 - HAJA MÚSICA

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1
OS SOVIÉTICOS
RTP 2
EMOÇÕES
PIP
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

GIBEL
O SEU CABELEIREIRO
MAIS
RÁPIDO E ECONÓMICO
PÊLOS EXTRAÇÃO ELÉTRICA
SEM DOR • SEM MARCAS
A CERA QUENTE OU FRIA
Das 8 às 20 horas
Calçada do Sacramento, 38

«A doença fascista corresponde apenas a uma tara, a maior parte das vezes de origem sexual»

Francisco Sousa Tavares, «Público», 27.06.90

A PERGUNTA DO DIA

Vítor Dias
Comissão Política do PCP

Enquanto partido associado com «Os Verdes» na CDU, como avalia o PCP os últimos acontecimentos naquele partido?

«Os acontecimentos a que a pergunta certamente alude dizem certamente respeito à vida interna do partido 'Os Verdes', cuja autonomia e soberania de decisão são inquestionáveis. Tratando-se de um partido aliado do PCP - e de quem o PCP é aliado - na CDU, compreender-se-á entretanto que acompanhemos certos acontecimentos que inevitavelmente projectam factores de incertza sobre o relacionamento entre os dois partidos e sobre as perspectivas da coligação em que estão associados, tanto mais quanto é certo que, de forma mais ou menos explícita, aparecem opiniões diferenciadas no seio de 'Os Verdes' exactamente quanto à política de alianças e concretamente quanto ao futuro da CDU. Pela nossa parte, reafirmando a muito positiva avaliação que fazemos da experiência passada de valiosa cooperação do PCP com 'Os Verdes', fazemos votos para que este partido possa superar dificuldades actuais e reencontrar a sua estabilidade, desenvolver o importante papel que pode desempenhar na vida democrática do País e manter uma sincera abertura e interesse num projecto de leal cooperação com o PCP, no quadro da defesa de uma política democrática correspondente a grandes aspirações populares e necessidades nacionais.»

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

PCUS em efervescência

Sociedade civil em luta contra o cancro

«As eleições presidenciais e Os Verdes» - por Fernando Piteira Santos

ENTREVISTA

Humberto Rosa, presidente da Associação de Biólogos das Comunidades Europeias, acredita que o desenvolvimento económico não implica a destruição da Natureza. Basta que se pense a longo prazo

«Há muitos responsáveis com vistas curtas»

D.L. - *É comum os governantes afirmarem que Portugal não tem grandes problemas de poluição. É esta a opinião dos biólogos?*

H.R. - Comparativamente com outros países mais industrializados, têm razão. No entanto, localmente, em certas zonas, temos problemas muito graves de poluição, tanto urbana como industrial.

D.L. - *Quais os que considera mais graves?*

H.R. - A poluição industrial em certas zonas é muito grave. Temos muitos rios intensamente poluídos. Felizmente, também temos alguns dos estuários menos poluídos da Europa, caso do Mira, por exemplo. O importante é conseguir queimar etapas, não fazer os erros que os outros fizeram, aproveitando as vantagens de um certo atraso para conseguir passar para o futuro mantendo esses rios limpos.

D.L. - *Com as políticas de industrialização que estão a ser seguidas, acha que isso é possível?*

H.R. - Há pessoas que estão a trabalhar nesse sentido e outras que não o fazem por uma visão distorcida, a curto prazo, economiscista. Se o prazo for suficientemente largo, as visões que têm em conta uma verdadeira protecção do ambiente são perfeitamente compatíveis e harmónicas com a economia. Infelizmente, as vistas curtas predominam em muitas pessoas com responsabilidades.

D.L. - *Em que consiste a Associação de Biólogos das Comunidades Europeias (ABCE)?*

H.R. - É uma associação, criada em 1975, que agrupa todas as associações e órgãos de biólogos da Europa, tanto da Comunidade como de outros países. Os seus objectivos são defender a profissão de biólogo, assegurar a qualidade da formação, facilitar o intercâmbio entre os docentes de biologia e aconselhar a CEE e o público em geral sobre os problemas biológicos com implicação na sociedade. A sua acção tem sido influente sobretudo pela organização de seminários especializados, dos quais resultam brochuras com as quais pretendemos levar a opinião dos mais de 200 mil biólogos europeus ao público em geral.

D.L. - *Como é que Portugal chegou à presidência da ABCE?*

H.R. - Uma das coisas que me chocou quando estava a estudar foi o facto de a profissão de biólogo não ter uma organização representativa, de maneira que eu e alguns colegas empenhámo-nos em organizar a Associação Portuguesa de Biólogos que tem conseguido mudar um pouco as condições da profissão. Dez dias depois de constituídos estávamos na associação europeia e dois anos depois eu, como representante da associação portuguesa, fui eleito presidente da europeia.

D.L. - *Há muitos jovens a escolher o curso de biologia?*

H.R. - Ao nível da Faculdade de Ciências, onde eu trabalho, é o mais procurado. A Biologia, actualmente, tem uma grande dinâmica. Além disso, há muitos problemas actuais - de que o ambiente é só um exemplo - com carácter iminentemente biológico, e tudo isso atrai pessoas à biologia.

D.L. - *Que pensa da forma como a comunicação social trata os problemas do ambiente?*

H.R. - Em geral, acho que há uma preocupação positiva em falar sobre ambiente. Felizmente que muitos órgãos recorrem a especialistas do assunto, para dizerem as coisas correctas. O que é fundamental é que a comunicação social denuncie o que há de errado em termos de ambiente, não deixando ficar no ar simulações ou pretensas políticas de ambiente que não existem e, por outro lado, proceda a uma educação ambiental do público.

D.L. - *Sei que está a fazer uma investigação sobre batráquios. Em que consiste?*

H.R. - Isso faz parte da minha actividade na Faculdade de Ciências onde ensino e faço investigação. Interesso-me especialmente pela biologia de anfíbios e um dos trabalhos que concluí agora foi sobre a diferenciação genética que existe entre várias populações de uma certa espécie, neste caso o sapo-parteiro, um sapinho que anda com os ovos às costas. O estudo foi feito na serra de São Mamede, onde existe um parque natural com uma população que está isolada das outras e é geneticamente diferente.

D.L. - *Há boas condições para fazer investigação em Portugal?*

H.R. - Hoje em dia já não é a falta de condições materiais que inibe a investigação, mas sim as características estruturais da organização, da recompensa ou não em relação aos resultados.

D.S.

meteorologia

Louvor do contratempo

Sei que generalizar parece estulto mas afirmo que um dos frequentes bons momentos que regem a vida portuguesa é o fenómeno chamado contratempo. O contratempo é o obstáculo inesperado que se espera, e assim impede a realização momentânea do que se planeou. Planificou-se mal? Nada disso, amigo. Fez-se tudo o que se podia, sem pedantismos desnecessários, segundo o hábito que deu suas provas, não se poupou nenhum esforço nem o de convocar as reuniões preparatórias, foram muitas embora algumas desconvocadas por força das circunstâncias, e quando efectuadas, nunca estiveram presentes todos os agentes necessários por causa de contratempos compreensíveis e desculpáveis. Aliás, sejamos francos: se não acontecesse de vez em quando um contratempo eficaz, toda a estrutura de progresso e desenvolvimento que unanimemente desejamos se desmoronaria, desorganizando a vida colectiva. Será erro julgar que o contratempo é contra o tempo. Não é contra nada nem ninguém. Pelo contrário, é a favor de tudo e todos. Faz parte da evolução natural das coisas, estimula a criatividade, a organicidade. Há atrasos que vêm por bem. Há rigores que vêm por mal.

Quem é contra o contratempo, não sabe o que é a verdadeira responsabilidade de acção, não calcula como o adiamento melhora o projecto, não suspeita como a paragem pode ser doce e útil, nem qual é o valor do insofismável pendor em debruçar-se mais uma vez, mais um ano, sobre a decisão tomada; quem é contra o contratempo, é insensível aos múltiplos vectores da vida pública e privada da sociedade civil, é surdo à pausa reveladora da existência profunda, é cego às dificuldades em tempo de mutação; quem protesta contra o contratempo, não está disponível para o milagre da vida que nos surpreende todos os dias até esquecermos as obrigações de rotina.

O contratempo é a metáfora da liberdade portuguesa, é a respiração latina, é o vento dos canaviais, é o nevoeiro místico, é a missão paradisíaca que penetra a realidade cinzenta. O contratempo é uma palavra feliz, musical, abrangente, sempre pronta, difícil de traduzir noutra língua.

Jorge Listopad

A.M.A. Auto Monumental do Areeiro S.A.

CONCESSIONÁRIOS VW Audi

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO Diário de Lisboa 28 DE JUNHO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Teoria geral do adeus, Fernando Gandra, pág. 3; Quem lê, onde se compra: reportagem, págs. 4 e 5; Poemas de Cesare Parese, pág. 6; Crónica de Dimiter Anglenov; Poemas de Levi Condinho e de Agripine Costa Marques, pág. 8.

TEORIA GERAL DO ADEUS

O mundo só é habitável porque permite e suscita a inquietação e a incerteza. É a incerteza que torna a vida superior à morte. Morrer é entrar na utopia da unanimidade. Como facto ao mesmo tempo privado e universal, a morte impõe um limite à existência, instaurando-lhe a descontinuidade subjectiva: ao revelar o tempo que nos foi distribuído, a morte atribui-nos um destino que, aliás, só os que «ficam» poderão conhecer já que o próprio acabará no momento em que ia sabê-lo. É por isso que a nossa finitude é mais que um desafio ou uma inquietação: é a fonte de todo o mal-estar empírico.

«A morte é que sabe» diz Drummond de Andrade. Escasso, como sempre, na expressão, o que o poeta quer dizer é que àquele que nunca saboreou, antecipadamente, a sua extinção, falta-lhe autenticidade. Dir-se-á que é um artista que fala. É que os artistas estão melhor equipados que ninguém para morrer. É para viver a morte que os ermitas se retiram. É para sentir a morte que os pintores se flagelam com o silêncio, o espaço e o tempo da sua solidão. Leia-se Ruy Belo: «O receio da morte é a fonte da arte.» Em qualquer caso a pulsão estética é uma estratégia do fim. E nenhum homem livre, quer dizer humano (demasiado?), pode evitar essa área de lume.

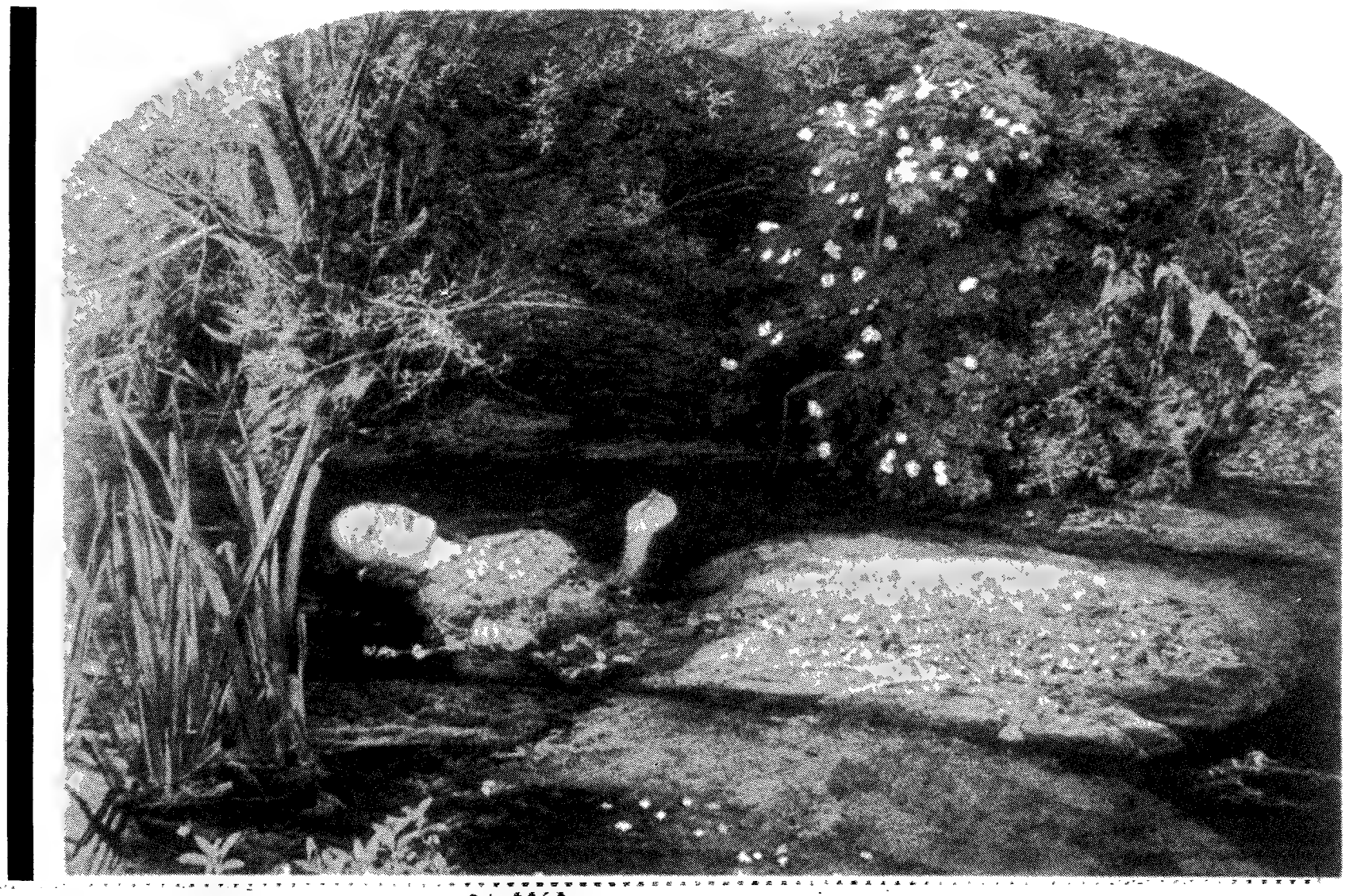
Frequentemente, procuramos a tranquilidade, dando às nossas preocupações uma razão, ou, apenas, um nome: gostamos de nomear o que nos inquieta. A denominação esconjura a impotência diante do indeterminado. Trata-se, porém, de uma diversão face ao medo da morte que é uma angústia inominável. A morte é o elemento residual dos nossos problemas. Residual e inefável, tanto como insólito e banal. Contudo, o homem, o «homo loquax», sabe muito bem iludir a indizibilidade do fim com estratégias várias. É o caso dos eufemismos. E nada mais fértil para essa figura de linguagem que a morte. O homem vulgar ou não, «sabe» que é insubstituível e o seu desaparecimento deixa-o sem consolo. Por isso fala em «fazer as malas» e nos seus «queridos ausentes». Na verdade, referir-se à morte como ausência não pode deixar de visar uma satisfação interior: a certeza da presença noutro lado.

A morte é-nos, pois, insuportável: a partir dela a pobre majestade das nossas solidões paralelas é de uma esterilidade irreparável. Talvez seja simplificador, mas a verdade é que parece existirem, quanto à «ciência» da morte, dois mundos: aquele que é habitado pelos homens que sabem que morrem e o dos que não sabem, ou, pelo menos, não falam desse saber. É certo que ambos morrem. Porém, uns morrem «num instante», outros estão «sempre» a morrer. Os primeiros são eternos, isto é, ocupam um tempo vazio, os segundos vivem continuamente a sua negação.

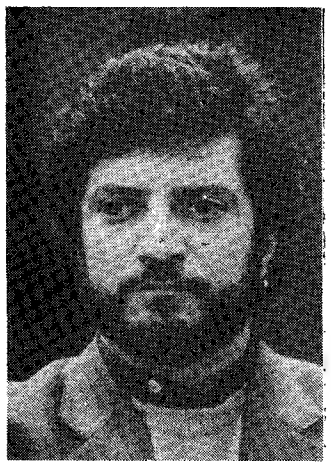
Seja como for, suportamos mal o que é inelutável. Por isso, a inevitabilidade da morte tem sido terreno propício para a imaginação simbólica com a qual o homem procura uma adaptação vital ao seu conflito com o tempo e com a morte. Por isso, sempre por isso, constrói monumentos e pratica ritos. Com isso, tantas vezes com isso, consome a sua energia efabuladora. Detenhamo-nos um pouco sobre este aspecto. Já se disse que a morte é um encontro inelutável, falta constatar que é um encontro impossível: é que a sua presença significa, por assim dizer, a nossa ausência. Daí que para falarmos dela tenhamos de nos contentar com o que dizem os vivos, reunindo, sobretudo, as significações em suspenso. É que toda a *experiência discursiva*, supõe uma distância em relação ao vivido. Eis o que torna a fala impossível: a morte é indizível porque sobre ela, em sentido próprio, não há nada a dizer. Mas, como se sabe, é o inexprimível, a realidade impenetrável à lógica verbal, que melhor suscita as torrentes discursivas.

São, com efeito, numerosas as referên-

cont. na pág. 8

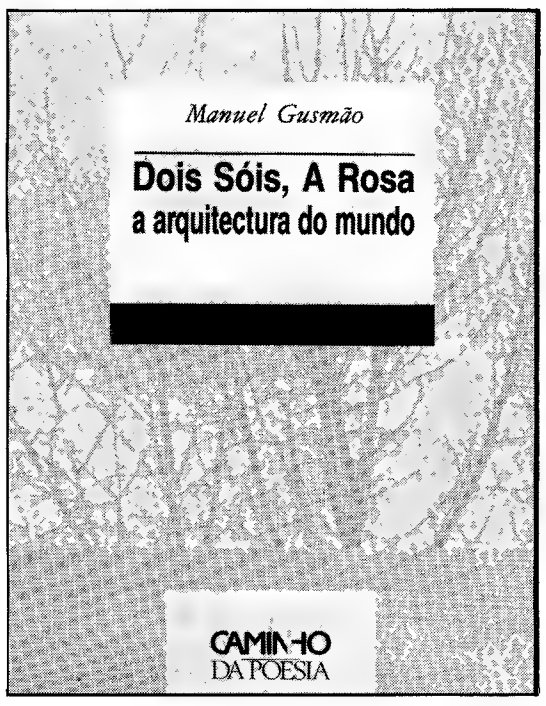


NOVIDADES DA POESIA



Manuel Gusmão

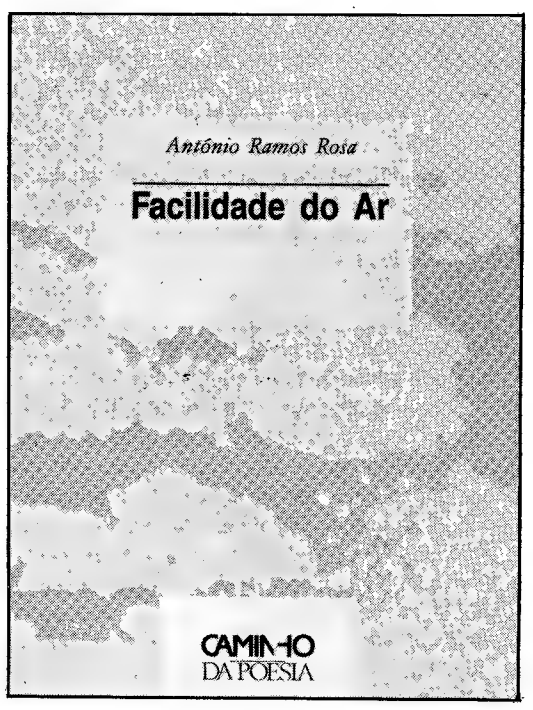
António Ramos Rosa



aprende a falar — diz
a rosa: escreve de noite
e que o meu múltiplo sol
te guie os caminhos
inúmeros. Poê-te numa sala
com a luz apagada
onde chegue acesa
a de uma outra e
frágil
ao papel que para ela
voltas. Então, falas
das paixões, da pétala
que cai no interior
do coração
e navega na sombra do
sangue,
de assombro em
assombro

ISBN 972-21-0472-1

183Pp 1900$00



[...] Estamos, portanto, em presença
de um autor que persegue palavras
sempre ditas pela primeira vez,
palavras inaugurais, que nos são
oferecidas como uma espécie
de promessa que permanece
suspensa no limiar de si mesma e no
horizonte de sentido que
nos comunica. Tudo isso
desencadeia um efeito de evidência
muito próprio desta poesia que,
na minha opinião, tem vindo a evoluir
na direcção de uma transparência
que a tem feito ultrapassar o que seria
uma dimensão meramente
descritiva, para mergulhar
numa dimensão de
conhecimento do mundo.
[...]

Fernando Pinto do Amaral

ISBN 972-21-0066-1
62 Pp 950$00

A *Caminho da Poesia* é uma colecção significativa e indispensável no panorama rico e variado da poesia portuguesa contemporânea

VOLUMES PUBLICADOS NESTA COLECÇÃO

DEMONSTRAÇÃO A GIZ, *Maria da Graça Varella Cid*
CARTAS DE MAR E AR, *José Carlos González*
HOUVE MESMO UM DIA DE DESESPERO EM QUE SE CULTIVARAM CAMPOS DE CICUTA, *Oliveira Castro*
ESFERA DOS DIAS, *Pedro Alvim*
PIANO BAR, *José Viale Moutinho*
COMO QUEM LEVA AO OMBRO A VIDA TODA, *Eduardo Olímpio*
IDOS E CALENDAS, *José Carlos González*
AS PLANÍCIES DONDE VIM, *Oliveira Castro*
AS IMAGENS, *Francisco José Viegas*
O QUINTO ELEMENTO, *António de Almeida Mattos*
DA MELANCOLIA, *Luísa Brehm*
A VOZ DO CHORINHO OU OS APELOS DA MEMÓRIA, *Albano Martins*
EQUILÍBRIO, *Alberto Soares*
A PERFEIÇÃO DAS COISAS, *Jaime Rocha*
A MALA DOS MARX BROTHERS, *João Camilo*
A REGIÃO BRILHANTE, *Paulo Teixeira*
TODAS AS COISAS, *Francisco José Viegas*
CESÁRIO: INSTANTES DA FALA, *José Jorge Letria*
RETRATO DE BRAÇOS CRUZADOS, *José Viale Moutinho*
ESPELHOS, AUSÊNCIAS, *Maria Graciete Besse*
OS PRIMEIROS ANOS, *José Guardado Moreira*

PRÓXIMOS VOLUMES

A FLAUTA NA FALANGE, *António Magalhães*
AÍ A SOMBRA: O DIZER, *José Fernando Guimarães*

CAMINHO
DA POESIA

CDL a distribuição

2L

Das ignotas constelações açorianas desce à terra um poeta – tradutor arredio ao grande público, Pedro da Silveira, um nome a redescobrir com urgência

VÍTOR SEGALEN – Três poemas 1878-1919

HOMENAGEM Ā RAZÃO

Eu invejava a Razão dos homens, que eles proclamam pouco falível, e, para medir-lhe o termo, propus: o Dragão tem todos os poderes; ao mesmo tempo é longo e curto, dois e um, ausente e aqui, — e esperei uma grande zombaria dos homens, — mas

Eles acreditaram.

Proclamei em seguida por Edicto: que o Céu inconhecível rebentara outrora como uma flor estrelada, atirando para o fundo do Grande Vazio os seus pólens de estios, luas de sóis e de momentos:

Eles fizeram um calendário.

Decidi que todos os homens são de um preço equivalente e de um ardor igual, — inestimáveis, — e que mais vale matar o melhor dos seus camelos de carga do que o cameleiro coxo que se arrasta. Esperava um denegador, — mas

Eles disseram que sim.

Fiz então publicar por todo o Império que ele já não existia, e que o povo, doravante Soberano, se apastoraria ele próprio, abolidos os distintivos de glória, recomeçando desde o um:

Eles recomeçaram do zero.

Então, dando graças à sua confiança, e favor à sua credulidade, promulguei: Honrai os homens no homem e o mais em sua diversidade.

E foi quando eles me classificaram de sonhador, traidor, regente deposto pelo Céu de sua virtude e do seu trono.

CONSELHOS AO BOM VIAGEIRO

Cidade ao fim da estrada contínua à cidade: não sigas uma renunciando à outra, mas uma e a outra alternadamente.

Montanha que fecha em volta o teu olhar e o contido que a redondez da planície liberta. Ama vencer alcantis e limites; mas guarda um afago para as lajens onde o pé assenta inteiro.

Descansa do ruído no silêncio, e, do silêncio, compraz-te voltar ao ruído. Se podes, se sabes estar só, então desce às vezes até à multidão.

Não descures de eleger um asilo. Não creias na virtude da virtude durável: quebra-a com algum tempero forte que queima e morde e dá um gosto mesmo à insipidez.

Assim, sem detença nem passos em falso, sem cabresto e sem estábulo, sem merecimentos nem fadigas, tu chegarás, amigo, não já ao lago imóvel das alegrias imortais,

Mas às águas revoltas e plenas de êxtase do grande rio Diversidade.

NOME ESCONDIDO

O verdadeiro Nome não é aquele que doura os pórticos, ilustra os actos; nem o que o povo resmoncia de enfado;

O verdadeiro Nome tão-pouco é lido no Palácio, nem nos jardins ou nas grutas, mas vive escondido pelas águas sob a abóbada do aqueduto onde eu me dessedento.

Somente na muito grande sequidão, quando o Inverno crepita sem fluxo, quando os mananciais, baixos ao extremo, se enconcham nos seus gelos,

Quando o vazio está no coração do subterrâneo e no subterrâneo do coração, — onde o próprio sangue já não gira, — sob a abóbada então acessível pode recolher-se o Nome.

Mas derretam as águas duras, explua a vida, vem a torrente devastadora primeiro que o Conhecimento!

As livrarias são lojas que vendem livros, mercadoria considerada muito especial. A
minoria ousa ser amante destes objectivos que nos levam aos mais insuspeitos mu
livros é ger

Ver TV, ir à praia, ficar numa esplanada ao sol, é bem mais fácil e não menos agradável. Tentando perceber este mistério, fomos aos lugares onde se encontram os livros e os que os querem. Há pessoas que ficam à porta por acanhamento, por não saberem como se comportar. Lá dentro, só se mexem à vontade os «iniciados», os que um dia aprenderam as regras. Tivemos 4 conversas que organizámos em tópicos para uma possível compreensão deste tema. Dois livreiros, Ramos Xavier da Livraria Barata e Manuel António da Livraria «A Bibliófila», Isabel de Carvalho da APEL e Rui Cádima, docente do Departamento de Comunicação Social da Universidade Nova de Lisboa.

Definição de livraria

(RX) — «Uma livraria é uma grande biblioteca. As pessoas encaram os livros de diferentes modos e podem querer (ou não) guardá-los. Mas, primeiro que tudo, precisam de os conhecer, de saber o que há dentro dessa casa que os alberga. A livraria deve permitir isso, tem essa função.

Se vier sentar-se nestes sofás onde nos encontramos e levar uma manhã a consultar livros, ninguém lhe vai perguntar o que está aqui a fazer. Se nos visitar com maior assiduidade verá que, às vezes, há estudantes a tirar apontamentos. A livraria tem uma disposição que facilita essa consulta. Mexer, abrir e ler é essencial para se comprar qualquer livro.»

O que deve ser

(RX) — «A livraria deve ser como desejamos que sejam as bibliotecas: lugares agradáveis, atraentes, onde o acesso aos livros seja imediato e a leitura fácil. E deve ter aquilo de que as pessoas precisam. Pelo menos o grupo de pessoas que a visita e procura.

Por isso tem de evoluir, de ser adaptada a novos modos de estar.

Há que aproximar as pessoas das livrarias e mostrar-lhes que neste lugar se compram livros e se fazem outras coisas de muito interesse e que lhe estão associadas. Como as lojas a que gostamos de ir, há que seduzir, conquistar, levar-nos a ser frequentadores fiéis.»

(RC) — «É perfeitamente conciliável o lado nobre do livro com o lado comercial. Dou como exemplo a grande central distribuidora livreira que é a FNAC francesa. Vai-se daqui a Paris e passa-se às vezes mais tempo nessas livrarias do que a fazer turismo ou outra coisa qualquer. Entramos e aquilo está sempre cheio de gente nova, a ver e a comprar. Quem parte para o negócio livreiro deve fazê-lo com um espírito diferente do actual. Só faz sentido entrar neste negócio apostando noutro tipo de local para a difusão e distribuição do bem cultural e comercial que é o livro. E essa aposta passa pela criação de um lugar de cruzamento, de refluxo de comunicação, de cultura. O mercado do livro terá de se alargar a outros fenómenos culturais como o vídeo, a música e as artes plásticas. Por isso, o espaço vulgar 'a livraria' está condenado, assim como de certa maneira, o livro também o está. As livrarias não são espaços agradáveis mas há ainda alguns que são interessantes. Ultimamente, o que surge com maior frequência são aqueles pequenos caixotes nos centros comerciais, com coisas amontoadas e pessoas apertadas entre 4 paredes. Não é nada aliciante.»

Quem vende

(RX) — «São os livreiros que vendem os livros. É uma profissão e, como tal, tem necessidade de formação específica. Esta formação não existe. É uma falha na educação nacional. As pessoas ou são autodidactas ou limitam-se a ser empregados de balcão que, por mero acaso, vendem livros.

Nós fazemos a formação dos nossos livreiros. Definimos o perfil da livraria, quem somos e o que queremos ser. Depois pensamos na forma como se deve encarar o cliente. A organização deste espaço permite que as pessoas, em princípio, encontrem sozinhas aquilo que lhes pode interessar. A estrutura é mais ou menos clássica, livros nas prateleiras, organização por secções, balcão simulado. As pessoas andam à vontade mas os empregados estão cá. Temos um balcão de informações e estamos preparados para acompanhar o cliente na sua procura bibliográfica.»

(IC) — «A formação de livreiros é de extrema importância. É mais do que altura de se começar a fazer. A APEL está a preparar um curso. Será no ano que vem e durará 15 dias. O livro é uma mercadoria nobre, não tem nada a ver com copos ou tecido a metro. As pessoas que trabalham nas livrarias têm de saber como se vende um livro, como se faz uma montra, conhecer qual o público que frequenta a livraria, quem são os clientes.»

Quem compra

(RX) — «Há os ratos de biblioteca, que vêm diariamente. Querem saber o que saiu, informar-se e às vezes comprar.

Não há pais a trazer crianças. É preocupante.

Há quem marque encontros aqui, sobretudo ao sábado de manhã. Toma-se café ali ao lado e depois conversa-se a olhar para os livros.

Cada vez há menos pessoas que entram na livraria sem qualquer ideia, que estão totalmente dependentes de um conselho.

O grupo etário que compra mais livros está entre os 35/40 anos. Não quer dizer que os leia!»

(MA) — «Há o grupo dos clientes habituais. São pessoas que estão muito ligadas às livrarias e têm um certo poder de compra. Já nos conhecemos há muitos anos e gostamos de conversar. Temos um ficheiro destes clientes que utilizamos para os manter informados do que vai saindo nas áreas do seu interesse.

As nossas compras levam também em atenção este ficheiro, porque nos permite conhecer melhor o tipo de clientes que frequenta a nossa casa. A média de idade dos nossos clientes anda pelos 50/70 anos. Há também aqueles que não cumprimentam, não dizem nada! Clientes novos contam-se pelos dedos e... ainda sobram dedos! Crianças, nem pensar.»

O que compram

(RX) — «Livros técnicos. Publica-se cada vez mais e lê-se bastante.»

(MA) — «O que se vende mais são os livros caros, os livros de arte. Às vezes não se vende mais porque não há.»

Como eram antes

(RX) — «As livrarias já não são como eram. Mas é preciso retomar a tradição, repensando-a. Penso que é aquilo que nós fazemos. Os escritores vêm aqui e esta livraria é um ponto de encontro. Mas o que nos parece mais importante é o trabalho que desenvolvemos para motivar as pessoas a virem até cá. Há palestras, há exposições temporárias de livros, de artes plásticas e o acesso é livre. Procuramos que o nosso horário seja suficientemente flexível para permitir a vinda das pessoas fora do seu dia de trabalho.»

(MA) — «A livraria já não é o espaço público de antigamente. Ainda há pessoas que se juntam aqui, clientes e amigos de há muitos anos. Conversam e contam anedotas. São os que têm tempo. Mas está a desaparecer.»

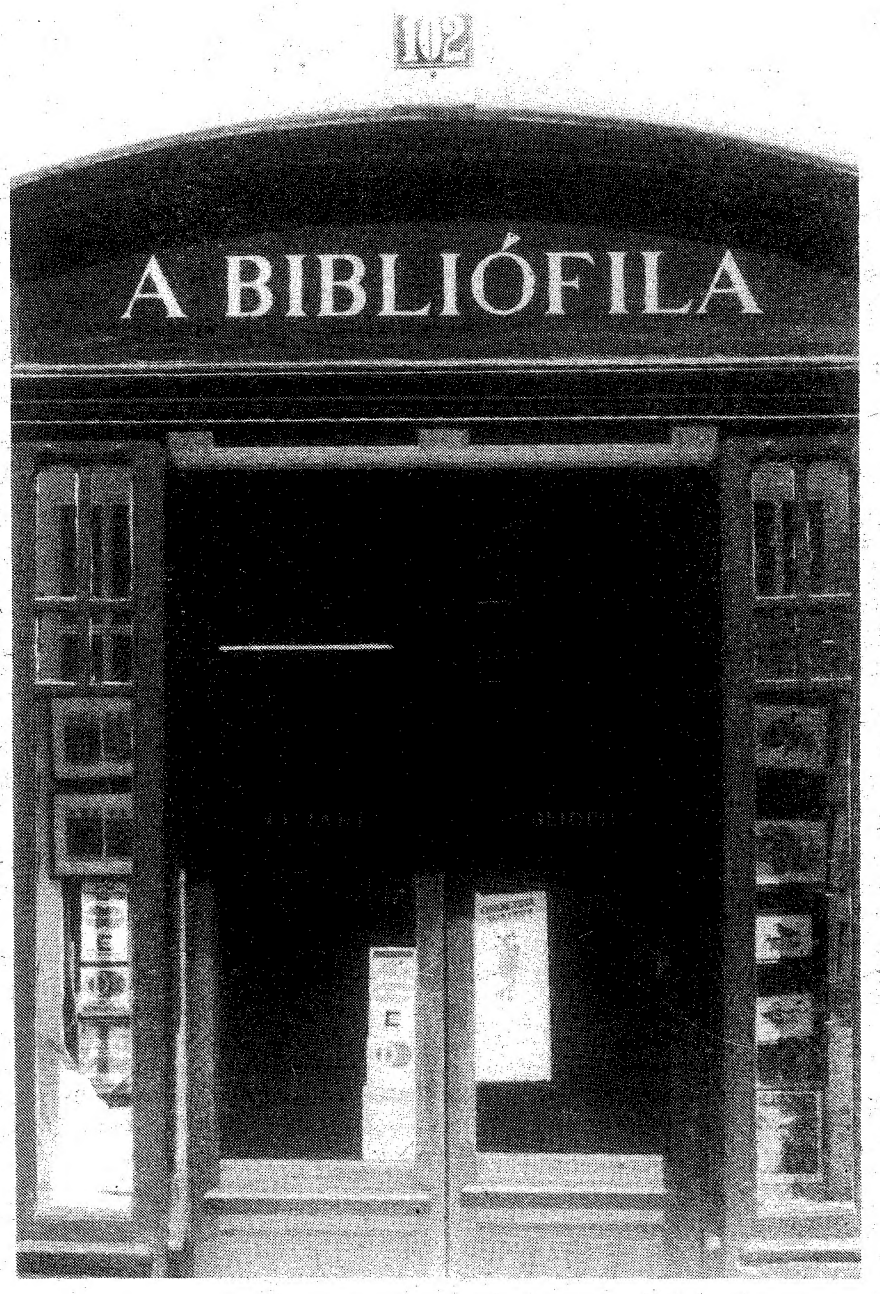
(IC) — «Eu ainda sou desse tempo. Trabalhei na Ferin que foi fundada pelo meu trisavô e continuada pelo meu pai. Nesse tempo, lembro-me bem, os escritores iam para lá conversar, mas iam também as pessoas da cultura. Faziam uma tertúlia. Isso morreu. Hoje as pessoas têm uma vida frenética e quando vão às livrarias é para comprar um livro específico. Por fim, a tertulia da Ferin era já de velhotes reformados. O grupo foi envelhecendo e não se foi renovando. A organização actual das livrarias também já não o permite. A Ferin já não tem o canto reservado às pessoas que lá iam conversar. Teve de se encher com livros, adquirir uma funcionalidade adaptada aos tempos actuais. Perdeu-se esse espaço cultural. Hoje, a livraria é um local onde se vendem livros com mais ou menos sabedoria e amor. É preciso que não se convertam em meros depósitos.»

(RC) — «No princípio da década de 60 e durante os anos 70, apareceram em Lisboa espaços interessantes. É o caso da Livraria Opinião que ainda existe mas que já não funciona como galeria. Era, digamos, o paradigma da livraria enquanto centro de animação cultural. Pretendia acompanhar o seu tempo na medida em que relacionava aspectos da cultura e dos «media», colocando à disposição dos potenciais utilizadores livros, discos, informação de carácter cul-

erário

al. Amor à leitura diz-se que existe, mas só uma mundos. A preocupação com o reduzido consumo de geral. Será assim tão importante ler?

Livros: ousar ler



soas
e há
edo-
de-
Fra-
neu
esse
iam
pes-
isso
fre-
om-
ulia
. O
no-
rias
não
iam
os,
aos
cul-
se
do-
am
0 e
os
aria
não
pa-
ni-
r o
ava
an-
res
cul-

tural, venda de bilhetes para espectáculos, informações e permitia o acesso, em quantidade e qualidade, a acontecimentos do mundo da cultura. Lembro-me também da Quadrante. O facto é que todas estas tentativas deixaram progressivamente de dar resultados. Penso que as pessoas que partem para este género de iniciativas não têm suporte económico, e os tempos que correm não estão para pequenos investimentos neste tipo de coisas.»

O estado das coisas

(RX) — «Tenho a ideia do deserto que é a colocação de livrarias no País. Mas esta situação tem também a ver com a procura. Se o público procurar uma livraria no seu local e não a encontrar, ela vai certamente, aparecer.

Mas se aparecer vai ter de enfrentar problemas tais como conseguir ter livros. A rede de distribuição é muito deficiente. Os livros não chegam ao local onde abrimos a tal livraria ou se chegam é a livraria que os manda buscar. Veja-se os custos enormes destas operações. Depois, a procura é baixa. O que se segue é fácil de adivinhar.

Uma livraria é um acto de coragem. Há poucas porque os lucros são baixos. Não é um negócio florescente. É mais fácil abrir uma loja de outra coisa qualquer. Gerir uma livraria é também um acto de conhecimento. É preciso trabalhar muitas horas por dia, saber-se o que se procura, renovar constantemente, ter ideias! Exige gente muito especializada.»

(MA) — «A escola não ajuda, não torna a leitura atraente. Tem de haver mais divulgação. Ontem à noite estive a ver na Televisão um programa sobre livros. Canal 2, meia-noite e tal! O que é que acha? Devia ser numa hora de maior audiência. Por outro lado, devia arranjar-se outro estilo de apresentador, de moderador. Alguém com um diálogo mais aberto, mais acessível, para que a pessoa que nunca leu ou lê muito pouco seja levada a ler. É nestes que tem de se pensar.»

(IC) — «Cada vez há menos livrarias dignas desse nome e suponho que é muito difícil abri-las fora de Lisboa. Encontramos casas que vendem variadíssimos artigos, entre os quais alguns livros que ocupam, de certeza, um lugar muito secundário nas vendas desses bazares. Têm livros escolares, livros de bolso e pouco mais. E têm-nos porque há editoras com distribuição própria. A rede de distribuição não cobre o País, de forma alguma. Como se pode dar aulas em terras sem livros? Que podem os professores aconselhar? Como pode, afinal, gostar-se de ler se contacto não existe ou é insuficiente? Não basta criticar a ortografia desastrosa da nova geração que frequenta o ensino superior. É preciso ver o quanto ela está afastada dos livros!

Uma das preocupações do IPLL era criar uma rede de leitura pública. As livrarias teriam de estar actualizadas para fornecerem as bibliotecas municipais, por exemplo. Teriam de arranjar um esquema de funcinamento. O IPLL dava apoio logístico. Não sei como é que esse projecto vai.»

(RC — «Pensemos no mercado vídeo em ascensão desde 1985 e comparemos: em 5 anos criaram-se 100 videoclubes, alguns deles em talhos e cabeleireiros. Actualmente, existem tantos videoclubes como bibliotecas. Se fizermos umas contas tendo em atenção o número de filmes alugados, de clientes e de clubes, obtemos a soma de 300 mil filmes alugados por mês, a nível nacional.

Isto começa a querer dizer que as pessoas estão, declaradamente, de costas voltadas para a leitura e viraram-se para o vídeo. Há novas formas de circulação de bens culturais que estão a substituir o livro. Este facto coloca-nos o problema de saber como vai o livro recuperar destas perdas tão significativas.»

Informatizar

(IC) — «Tudo caminha nesse sentido. É preciso que a informação esteja disponível de uma forma prática e útil. O IPLL subsidia financeiramente o projecto de informatização. Mas é uma questão delicada e que envolve muito dinheiro. Por enquanto, temos o Catálogo Geral dos livros publicados em Portugal. É um importante veículo de informações. Mas o fundamental é que as editoras nos mantenham a par do seu movimento. Fornecemos uma ficha bibliogrfaica e ficamos à espera. Muitas vezes não respondem. Tudo o que está relacionado com estatística levanta dificuldades. Acho que têm problemas com a confidencialidade das informações. Mas nós garantimo-la. Eles não acreditam. E agora?

Na CEE está a tentar-se estabelecer uma ligação entre os 12 países. Trabalha-se já num modelo de inquérito que possa ser aplicado por todos, para que as respostas sejam comparáveis e se possa, depois, desenvolver acções.»

Os livreiros

(IC) — «São unidos em relação a algumas coisas. Por exemplo, o preço único do livro. O Secretário de Estado da Cultura já concordou com esta questão. Mas até agora não aconteceu nada. Tem de haver um preço único. Os supermercados apenas comercializam o que tem garantia antecipada de venda: livros escolares, de bolso, *best-sellers* e pouco mais. Mas as livrarias também precisam destes livros para sobreviver, porque têm outros que são importantes e não são de venda imediata. O livro é tratado como uma mercadoria entre ouras e não há qualquer apoio ao cliente. Está em risco a sobrevivência das livrarias. Por outro lado, percebo os consumidores. Eu também tenho uma família, e se puder comprar os livros mais baratos é o que faço.»

Como é que se chega aos livros

(RX) — «É o trabalho de divulgação que faz com que as pessoas cheguem aos livros. É preciso saber que eles existem. Geralmente as pessoas chegam aqui já com uma ideia. Ouvem falar de prémios literários, lêem as críticas que, de um modo geral, seguem o mercado e provavelmente falam com amigos, com outras pessoas...»

(IC) — «Chega-se por divulgação e por formação. Se as pessoas não tiverem contacto com os livros e se eles não entrarem nos seus hábitos quotidianos, então não são necessários. Começa-se pela escola. Conto-lhe uma história: este ano a APEL informou as escolas da realização da Feira e convidou a virem no dia mundial da criança. Foram preparadas algumas actividades, um *rally* livro, etc. Eu estive lá, a ver. Apareceram imensas escolas. Mas só queriam papéis, autocolantes, etc. Os professores não estavam minimamente preocupados com isto e as crianças não viram nada. Digamos que as crianças não estão motivadas e os professores não estão sensibilizados!»

(RC) — «É muito fácil encontrar um francês que diz ter aprendido a gostar de livros pelo programa semanal de televisão de Bernard Pivot, «Apostrophes» que acabou recentemente. Como se vê, o problema não é a TV ser um meio que afasta as pessoas da leitura. Há que saber dar os livros através da TV às pessoas e elas aprenderão comcerteza a gostar deles.»

A Feira do Livro

(IC) — «Continua a ser organizada por nós. Apesar das críticas acho que traz uma certa animação à cidade e não penso que esteja agonizante. Pode ser melhorada e na última Assembleia Geral já apareceram algumas propostas. Mas é preciso não esquecer que esta Feira é de Editores. Era necessário que houvesse também um Salão do Livro, se calhar noutra altura e noutro sítio.»

(RC) — «Penso o pior possível. Confirma a grande crise em que se encontra o livro em Portugal. Em tempos chegou a falar-se de uma Feira do livro antigo em Lisboa, talvez fosse mais interessante. Para o livro actual deviam aparecer grandes cadeias de livrarias que fizessem descontos significtivos como faz a FNAC em França. É isso que eu chamo uma Feira do Livro: um espaço com animação, com gente, um espaço vivo.»

Texto de Joana Pontes e Lima Castro
Fotografias de Mário Ferreira Mendes

CESARE PAVESE

THE CATS WILL KNOW

Ainda cairá a chuva
em tuas doces calçadas,
uma chuva ligeira
como um hálito, um passo.
Ainda a brisa e a aurora
hão-de florir ligeiras
como sob o teu passo,
quando tu regressares.
Entre flores e balcões
sabê-lo-ão os gatos.

Serão aqui outros dias,
outras vozes serão.
Tu sorrirás sozinha.
Sabê-lo-ão os gatos.
Palavras ouvirás,
velhas, cansadas, vãs,
como os trajes antigos
de festas d'outra era.
Gestos farás também.
Responderás palavras —
rosto de primavera,
gestos farás também.

Sabê-lo-ão os gatos,
rosto de primavera;
e a chuva ligeira,
a aurora cor de jacinto,
que o peito dilaceram
de quem já não te espera,
são o sorriso triste
que tu sorris sozinha.
Outros dias serão,
outros sons e o acordar.
Sofreremos na aurora,
rosto de primavera.

OS MARES DO SUL

Imos uma tarde pela encosta de um outeiro
em silêncio. Na sombra do moroso crepúsculo
meu primo é um gigante vestido de branco
que vai andando devagar, moreno de feições,
taciturno. Calar-se é uma virtude que temos.
Algum nosso antepassado deve ter estado bem só
— um grande homem entre idiotas ou um pobre doido —
para ensinar aos seus tanto silêncio.

Meu primo falou esta tarde. Perguntou-me
se eu subia mais ele: lá do cimo descobre-se
nas noites serenas o reflexo do luzeiro
longínquo de Turim. «Tu que vives em Turim . . .»
disse ele « . . . mas tens razão. A vida passada
longe da terra: aproveita-se e goza-se
e depois, em voltando, como eu aos quarenta anos,
acha-se tudo novo. As Langhe não se esquecem.»
Isto tudo ele me disse e não fala italiano,
mas usa pausado o dialecto, que, como as pedras
deste outeiro onde vamos, é escabroso de modo
que vinte anos de idiomas e de oceanos diversos
nem lho arranharam sequer. E lá vai pelo atalho
com o olhar recolhido que vi, em pequeno,
no rosto dos camponeses um pouco cansados.

Vinte anos levou ele a girar pelo mundo.
Foi-se quando eu ainda era um menino de colo
e deram-no por morto. Ouvi depois falar nisso
às mulheres, como num conto, de vez em quando,
mas os homens, mais fechados, esqueceram-no.

Um inverno, para meu pai, já morto, veio um postal
com um selo esverdeado de navios num porto
e votos de boa vindima. Foi uma admiração,
mas o menino crescido explicou avidamente
que o postal vinha de uma ilha chamada Tasmânia
rodeada de um mar muito azul, com tubarões ferozes,
no Pacífico, a sul da Austrália, onde decerto
o primo pescava pérolas. E arrancou o selo.
Todos deram seu parecer, mas todos concluiam
que se não estava morto, ele morreria.
Depois todos se esqueceram e foi passando tempo.

Oh, desde quando eu brincava aos piratas malaios
quanto tempo corrido. E desde a última vez
que eu desci a banhar-me num ponto perigoso
e segui um companheiro de jogos pra cima duma árvore
escachando-lhe os ramos, e rachei a cabeça
a um rival e depois levei verdascadas,
quanta vida passou. Outros dias e jogos,
outros abalos do sangue defrontando rivais
mais evasivos: os pensamentos e os sonhos.
A cidade ensinou-me inumeráveis terrores:
uma multidão, um caminho me fez tremer,
um pensamento às vezes, observado num rosto.
Sinto ainda nos olhos a luz escarnenta
dos candeeiros sem conta no grande tumulto.

Meu primo voltou, tinha acabado a guerra,
gigantesco, como ná poucos. E trazia dinheiro.
Os parentes diziam, baixo: «Um ano, se tanto,
já comeu quanto tem, e então toca a andar.
Os desesperados acabam sempre assim.»

Meu primo tem o rosto duro. Comprou uma casa térrea
na aldeia e fez daquilo uma garagem de cimento
que tem cá fora, flamante, a bomba da gasolina,
e ao pé da ponte, na curva, pôs um grande reclamo.
Depois meteu um mecânico que cobra o dinheiro
e ele passou a correr as Langhe fumando.
Entretanto casou-se na terra, com uma rapariga
delgada e loura como lá as estrangeiras
que certamente um dia encontrou pelo mundo.
Mas continua a sair só. De fato branco,
as mãos atrás das costas e o rosto queimado do sol,
corria as feiras de manhã e com ar concentrado
apalavrava os cavalos. Depois, a mim explicou-me,
quando aquilo não deu, que o seu plano
tinha sido acabar com as bestas no vale
e obrigar toda a gente a comprar-lhe os motores.
«Mas a besta» dizia «mais completa de todas
fui eu em pensá-lo. E eu devia saber
que aqui bois e pessoas é tudo uma raça.»

Andamos há mais de meia hora. A coroa é já perto,
à nossa roda crescem o roçar e o assobio do vento.
Meu primo pára um instante e volta-se: «Este ano
escrevo no prospecto: — Santo Stefano
foi sempre o primeiro nas festas
do vale do Belbo — *e que se mordam*
aí esses de Canelli.» Depois retoma o atalho.
Um perfume de terra e de vento envolve-nos no escuro,
algumas luzes distantes: queijarias, automóveis
que se apercebem malmente; e eu penso na força
que me devolveu este homem, arrancando-o ao mar,
às terras longínquas, ao silêncio que dura.
Meu primo não fala nas viagens que fez.
Diz, nada mais, que esteve em tal ou tal lugar
e pensa nos seus motores.
Só um sonho
lhe permaneceu no sangue: ajustou-se uma vez
de fogueiro num navio holandês de pesca, o Cetáceo,
e viu voarem os arpões pesados de sol,
viu baleias fugindo entre escumas de sangue
e ir sobre elas, e erguerem a cauda e lutarem co'a lança.

Alude a isso às vezes.
Mas quando lhe digo
que ele é um dos afortunados que viu a aurora
nas ilhas mais belas da Terra,
recordando-o sorri e responde-me que o Sol
se levantava já o dia para ele era velho.

in *Mesa de Amigos*
Trad. de Pedro da Silveira

• **LIVROS SELECCIONADOS**
• **RARIDADES BIBLIOGRÁFICAS**

★

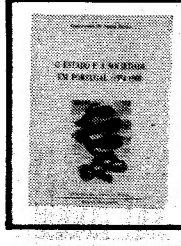
NÃO COMPRE SEM NOS VISITAR,
NÃO VENDA SEM NOS CONSULTAR

PEÇA CATÁLOGO

LIVRARIA ACADÉMICA

RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 10
TELEFONE 2 59 88

4000 PORTO • PORTUGAL



ACABA DE SAIR

O ESTADO E A SOCIEDADE EM PORTUGAL (1974-1988)
DE
BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

EDIÇÕES AFRONTAMENTO

Para além da hora – «h»

Espírito conspirativo, gosto de clandestinidade e um indomável desejo de revolução dominam as personagens principais, habitantes de duas casas vizinhas numa pequena cidade de Itália onde começam a sentir-se os ecos da Segunda Guerra Mundial. A narração flui num ritmo lento e regular, lembrando o movimento contínuo do ponteiro dos segundos dos relógios das estações ferroviárias mas sem ponteiros de minutos e horas nem cifras: tudo acontece numa hora indefinida e universal. E mesmo quando nada acontece a fabulosa hora **«h»** poupa a desilusão de todos que esperam o grande acontecimento da sua vida e soma todos os ontens num passado tão abstracto como a soma das temperaturas dos dias decorridos.

Qualquer atitude, passiva ou activa, sonhadora ou realista, as circunstâncias transformam em estéril ou inútil. O pai anónimo (no romance) que no seu livro de memórias **nada mais do que a verdade** queria desmascarar os fascistas, ou os socialistas que «viraram a casaca», **ria e esfregava as mãos ao pensar que Mussolini e o rei não sabiam de nada** acaba por queimá-lo para escrever tudo de novo. Se levasse a cabo a sua obra, essa seria a prova ontológica da existência de Deus mas não prouve a Ele tal intenção e depois da sua morte, seguiu-se o suicídio do seu filho. A filha Anna sonhava com uma revolução em que iria disparar contra um inimigo imaginário e matar como a certa altura «matava» com o seu pensamento «mágico» a criança dentro do seu útero. O professor de piano escrevia uma gramática latina em verso, o polaco Franz através de sucessivas e graduais confissões transformou-se em judeu puro, o soldado alemão que atropelou o cão de Cenzo e sofreu profundamente a morte do animal, impelido pela disciplina militar feita instinto, perdeu a vida ao tentar capturar o judeu Franz...

Natalia Ginsburg consegue a fusão do cómico e do trágico sem violentos contrastes, sem desmesuradas exaltações ou drásticas caricaturizações numa carinhosa compreensão das fraquezas de cada um, fazendo impor-se a convicção de que a singular união do grandioso e do mesquinho, do filantrópico e do egoísta não passam, muitas vezses, de aparentes opostos na existência humana.

A personagem mais picaresca e mais rica de ideias que tenta orientar a vida dos **insectos,** Cenzo Rena, é um homem muito viajado, não tão rico como se pensa mas generoso e protector dos camponeses da sua aldeia. Não sonha com fama nem com poder mas com a felicidade dos seus conterrâneos daquela microscópica **pulga** que é a sua aldeia. Conselheiro a todos sobre quaisquer problemas, ele tem uma visão concreta e realista sobre a revolução, possível só depois de a guerra acabar: **fazer a revolução (...) queria dizer ir à câmara e atirar todas as velhas papeladas apoderecidas nas gavetas, e fazer a marquesa cuspir dinheiro para arranjar os esgotos e para montar um ambulatório, com um médico como deve ser.** Se escolheu o **camponês Giuseppe** e não a si próprio para um futuro prefeito era porque a sua alma cosmopolita precisava de ver de certa distância o fruto do seu esforço, o sonho realizado, mas sem deixar de pertencer àquele pequeno mundo porque a felicidade não suporta limites.

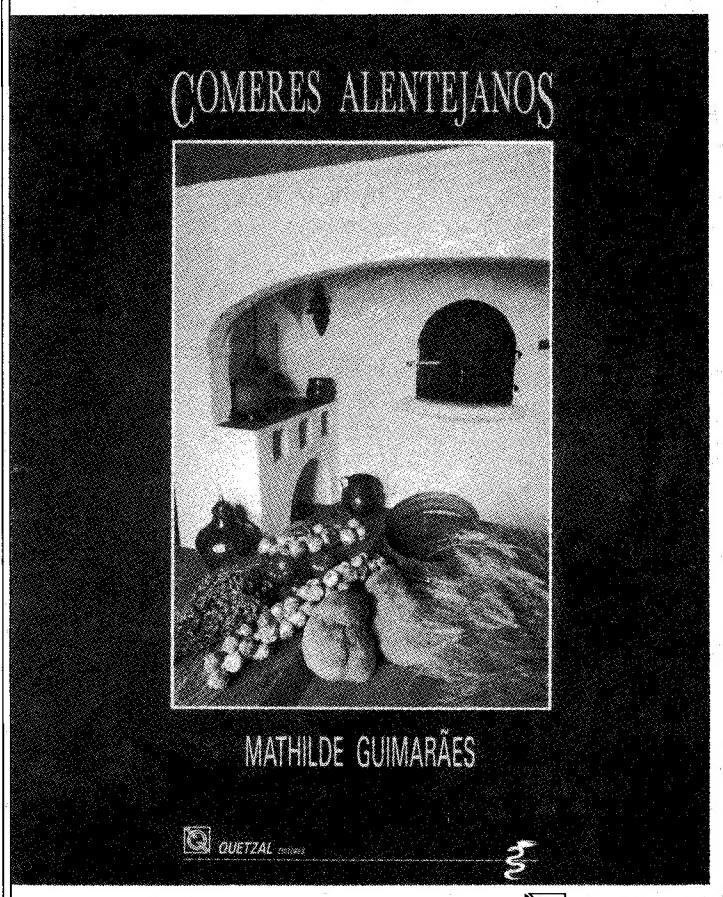
Para salvar os reféns que os alemães fizeram por causa do soldado morto por Giuseppe, Genzo Rena ofereceu a sua vida, com medo mas sem hesitação. O cobarde Giuseppe, que fugira, **tinha a certeza de que ninguém daria dinheiro para a lápide, San Costanzo era uma aldeia porca e Cenzo Rena tinha morrido por aquela porca aldeia.**

Quando tudo volta ao normal as lápides apenas lembram que o incrível era natural, e talvez que entre o natural e o normal nunca existe conflito. Como nesta narrativa profundamente humana, em que o estilo e o sentimento se conjugam numa voz serena e melodiosa.

Natalia Ginzburg
TODOS OS NOSSOS ONTENS
Cotovia, 1989

D i m í t e r Á n g u e l o v

COMERES ALENTEJANOS
DE
MATHILDE GUIMARÃES



A COZINHA
E A PAISAGEM
ALENTEJANAS
NUM LIVRO
DE RECEITAS
TRADICIONAIS
COM FOTOS
DE NUNO
CALVET

QUETZAL EDITORES Rua Sanches Coelho, n.º 3, 9.º Esq. 1600 LISBOA

DISTRIBUIÇÃO DIGLIVRO – LISBOA TELEF. 4792200/1/2
MOVILIVRO – PORTO TELEF. 578937/578591

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O **Diário de Lisboa**

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!*

Pretendo assinar a partir do dia __/__/__ Pelo período de

☐	1 ANO	— 18 000$00
☐	6 MESES	— 9 000$00
☐	3 MESES	— 4 500$00
	1 MÊS	— 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00. • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

literário

CELEBRAÇÕES

A PALAVRA INOCENTE

Eis a palavra inocente
a esmeralda esconjurando a fúria dos vulcões
o grão de areia eleito como ciência

eis o rumor precioso dos templos fechados
o colóquio dos painéis pintados em segredo
a fúria dos insectos trespassados pelas lágrimas

eis o corpo desenhado na água
a coberto dos esboços holográficos
demandando o cerne dos pinheiros da noite

eis a voz da rebelião dos dedos
punhais secretos ferindo algas assassinas

na boca dos faróis da insónia

eis a camélia sufocada em alcovas de cianeto
o linho flutuando na tormenta
o voo da águia nas entranhas da serpente

LEVI CONDINHO
7/6/90

A emoção —(outro) veículo para o conhecimento—
sustenta a presença do terceiro receptáculo
ou revela-o na iluminada trama das pulsações.
Que outra forma de apreender a circulação fluídica
que vai dos frutos que perecem na sombra
à água em ebulição que liberta o esplendor?
Difícil é aflorar a essência da alquimia através de uma vidraça ofuscada.
Só a poucos é dada a graça da transgressão.
Haverá sempre os que embatem nos limites,
senão exaustos ao menos perplexos.
Poalha gravitando, vibrátil, consonante com o todo em que se insere. Mas ínfima partícula
descentrada desse núcleo donde irradia o mistério

Agripina Costa Marques
4-6-90

TEORIA GERAL DO ADEUS

cont. da pág. 1

cias que nos põem em contacto com o «nonsense». É o caso, quando falamos da morte. Como abordar esse instante sem depois? Detenhamo-nos sobre um exemplo, aliás, assinalável mais acima, quando se referiu «a morte como ausência». Fiquemos com Ricardo Reis que nos incita a um brinde «à morte que houver, até que chegue a hora do barqueiro», ou quando, melancólico, avisa: «A tua lenha é só peso que *levas para / onde* não tens fogo que te aqueça.» Aqui se pode considerar estar concentrada a simbologia da morte como ausência-presença-em-viagem. E não vale tranqulizarmo-nos invocando que se trata de «sentido figurado», pois tal nos remeteria para a questão de saber porquê. Que faz com que a morte seja uma fonte inexaurível de sentidos todos eles inconformados com o «sentido próprio»? É que, por muitas vezes que se diga adeus, não se aprende a morrer. Quando, individualmente, nos referimos à morte é na do outro que pensamos. É (vai ser) por ele que eu sei que tenho de morrer, até por a sua morte ser um pouco a minha. A sua auência priva-me dele e era contra ele que «eu» me definia. A minha individualidade perdeu apoio e contraste. Junta-se a esta desolação o facto de, para eu ter o conhecimento da morte de outrem ser necessário que ele morra antes de mim embora a mensagem retroactiva dessa experiência seja, por definição, incomunicável.

Nenhum indivíduo ou sociedade humana aceita passivamente a hostilidade do determinismo, «a força das coisas». A reacção desenvolve-se através de uma dinâmica assente no simbolismo social — conjunto das representações colectivas constituídas em sistema e que formam a carapaça de protecção à existência do indivíduo e do grupo. É através do símbolo que a vida tem um sentido permanente: não apenas histórico mas, por assim dizer, ontológico. Ora, quanto à morte, a mitologia actual repousa na ideia de a-mortalidade, na indiferença da morte. Está-se prestes a acreditar que o homem não é ontologicamente mortal — morre por acidente: porque não foi suficientemente cauteloso, porque a ciência *ainda* não descobriu a sua e todas as curas. Ionesco: «Eu tinha acabado por compreender que se morria porque se tinha tido uma doença, porque se tinha tido um acidente, que, de qualquer maneira a morte era acidental e que tendo cuidado para não ficar doente, sendo comedido, pondo o cachecol, tomando os medicamentos com critério, prestando atenção aos automóveis, não se morria nunca.» Com esta crença articulam-se algumas práticas em que se ocupam as sociedades «desenvolvidas». Está neste caso o aperfeiçoamento das técnicas de embalsamento dito «crónico» com que se pretende conservar o cadáver até à descoberta da terapêutica capaz de curar a doença de que se foi vítima. Vem a este propósito um conjunto de referências que Caillois faz às técnicas fúnebres nos Estados Unidos: «Procura-se desviar a assistência de qualquer impressão triste e macabra.»

Uma companhia de Búfalo proclama assim os seus méritos sobre as caixas de fósforos que distribui a título de publicidade: «O recurso a uma das nossas sucursais garante o máximo de conforto e o encanto da atmosfera familiar.» Para tal, «o corpo é, primeiro, embalsamado por meio de um líquido, sob pressão, que se injecta nas artérias. Assim reenchido — nota um observador — não se tem a cara insólita e tão comovente de quem não mais será acordado, mas, antes, o ar preocupado do sujeito que tenta adormecer num banco de estação, esperando o comboio da sua correspondência (...). Assim, preparado, o cadáver é colocado num caixão almofadado de seda ou de cetim, ornado de nós de tule e de folhos de musselina que o fazem parecer-se com uma caixa de bombons. É neste escrínio que o morto assiste a uma espécie de recepção mundana dada em sua honra.»

O que nesta descrição mais inquieta não é que se tenham posto tantos cuidados nos retoques dispensados ao morto. Todas as sociedades o fizeram. Em todas elas sempre se verifica a preocupação de impedir que a decomposição esvazie o corpo dos sinais onde assentava a sua identificação individual-social. «Não te esqueceremos mais», aqui, significará, apenas, que se passou à honrosa categoria de antepassado. Em qualquer caso, quando o «primitivo» cumula o morto dos sinais que melhor o distinguiram é para que ele possa *transitar* para a outra vida. Ora, no caso do comentário do observador moderno referido por Caillois, há, também, visivelmente, resíduos da noção de morte-trânsito-para-outra-vida, já que, segundo ele, os cuidados dispensados pelas agências funerárias visam deixar o morto com o ar de quem espera pelo «comboio da sua correspondência». Se nem Caillois consegue resistir a metáforas de sabor arcaico é porque o homem moderno se conforma ao expediente tranquilizador que sempre foi a ideia de morte-viagem (fim da territorialidade: utopia).

O que distingue as «sociedades ocidentais» é que a sua dinâmica repousa nos choques intersubjectivos que se acredita serem fonte de progresso, cada um dando o melhor *de si*. Assim se põe em marcha o processo de individualização, abandonando todos aos seus fantasmas próprios e em cuja confrontação se engendram estímulos sem júbilo. Não se estranhará que nestas sociedades se recuse a morte, se impeça que ela *signifique*, conferindo ao morto os sinais de um simulacro de vida. Por isso, muitas «últimas moradas» estão identificadas com um retrato, querendo, certamente, com ele sugerir que o defunto tinha alguma coisa adorável e próprio: uma feição, um jeito de boca ou de cabelo. É como se pedisse à memória de quem passa mais um esforço, agora, avivado por um vago remorso. Estamos, apenas, perante um momento de uma estratégia global que pretende negar, mesmo «post mortem» a dissolução do «eu». Eis o que, com frequência, ocasiona situações que, no seu estado forte, os psiquiatras chamam, caracteristicamente, «síndroma melancólico». E aqui temos um nítido sinal de que «a civilização» está longe de poder dispensar os bons serviços da utopia. Na verdade, essa invariante cultural parece permanecer, até reforçar-se e, isso, mesmo já em vida. Repare-se, por exemplo, na climatização dos «centros comerciais» com que nos pretendemos pôr ao abrigo da «primitiva» circularidade do tempo, das estações e das tempestades, procurando a simulação de uma Primavera eterna. Não se estranhe, assim, que as agências funerárias queiram garantir «o máximo conforto» encontrado «num caixão almofadado de seda ou cetim». Aí se pensam ver diluídas todas as crispações. Parece, no entanto, que esta última ternura tem a marca de uma utopia em que a pompa e a resignação se fundem num adeus vazio.

Fernando Gandra